

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO – PPGSeD**

VANESSA LOBATO DA COSTA MEDEIROS

**NAS ENTRELINHAS DO JORNAL *O GUAYRA*: A REPRESENTAÇÃO
DE GUARAPUAVA NO FINAL DO SÉCULO XIX (1893-1899)**

**CAMPO MOURÃO – PR
2021**

VANESSA LOBATO DA COSTA MEDEIROS

**NAS ENTRELINHAS DO JORNAL *O GUAYRA*: A REPRESENTAÇÃO
DE GUARAPUAVA NO FINAL DO SÉCULO XIX (1893-1899)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.
Orientador (a): Dr. Fábio André Hahn

**CAMPO MOURÃO – PR
2021**

VANESSA LOBATO DA COSTA MEDEIROS

**NAS ENTRELINHAS DO JORNAL *O GUAYRA*: A REPRESENTAÇÃO
DE GUARAPUAVA NO FINAL DO SÉCULO XIX (1893-1899)**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Fábio André Hahn (Orientador) – UNESPAR, Campo Mourão

Dr. Jorge Pagliarini Junior – UNESPAR, Campo Mourão

Dr. Thiago Reisdorfer – UESPI, Oeiras

Dr^a Renata Caleffi – Centro Universitário Campo Real, Guarapuava

Data de Aprovação

18/03/2021

Campo Mourão – PR

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão
Bibliotecária Responsável: Liane Cordeiro da Silva – CRB 1153/9

M488e	<p>Medeiros, Vanessa Lobato da Costa</p> <p>Nas entrelinhas do Jornal o Guayra: a representação de Guarapuava no final do século XIX (1893-1899). / Vanessa Lobato da Costa Medeiros. -- Campo Mourão, PR : UNESPAR, 2020. 108 f. ; il.; color.</p> <p>Orientador: Dr. Fábio André Hahn. Dissertação (Mestrado) – UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), 2021. Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.</p> <p>1. Modernidade. 2. Meio de Comunicação. 3. História do Paraná. 4. Guarapuava. I. Hahn, Fábio André. (orient). II. Universidade Estadual do Paraná–Campus Campo Mourão, PR. III. UNESPAR. IV. Título.</p> <p>CDD 21.ed. 303.4 302.23 981.62</p>
-------	--

TERMO DE APROVAÇÃO

VANESSA LOBATO DA COSTA MEDEIROS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio André Hahn (Orientador) – UNESPAR/ Campo Mourão



Prof. Dr. Jorge Pagliarini Júnior – UNESPAR/ Campo Mourão



Renata Cauff – CAMPO REAL/ Guarapuava

Prof. Dr. Thiago Reisdorfer – UESPI/ Oeiras



Data de Aprovação

18/03/2018

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

À pequena Isis, minha neta, minha nuvenzinha de amor.

À Tereza Maria de Godoy (em memória). Eu continuo correndo devagarinho, vó.

AGRADECIMENTO

Para que esta dissertação se concretizasse, muitas pessoas contribuíram das mais variadas formas. A elas, o meu agradecimento sincero.

Ao meu orientador, prof. Fábio André Hahn. Obrigada pela orientação, pela partilha de conhecimentos, pela compreensão. Seu incentivo foi fundamental. Tenho consciência do quão desafiador foi.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento e aos meus colegas de mestrado.

Ao Sr. Murilo Walter Teixeira pelas conversas e arquivos disponibilizados.

Ao Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (CEDOC-UNICENTRO), à Casa Benjamin C. Teixeira e ao Instituto Histórico de Guarapuava.

Ao Centro Universitário Campo Real pelo apoio e compreensão durante este período. Aos meus alunos que compreenderam os momentos de ausência. Ao Colegiado de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, do Centro Universitário Campo Real – o melhor colegiado do Sul do mundo.

À minha família, meu porto seguro, minha fonte de energia e por serem meus maiores incentivadores. Em especial, ao meu filho Victor e ao meu marido Robinson.

A Deus. Só Ele realmente sabe de toda a minha trajetória para chegar até aqui.

RESUMO

MEDEIROS, Vanessa Lobato da Costa. **Nas Entrelinhas do Jornal *O Guayra*: A representação de Guarapuava no final do século XIX (1893-1899)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2021.

A presente dissertação tem por escopo um estudo sobre o semanário *O Guayra* com o objetivo de analisar os discursos modernistas de progresso e civilização no final do século XIX. O jornal, que era impresso em Guarapuava, interior do Paraná, corroborou com a formação do discurso da modernidade. Para tanto, foi realizada uma investigação sobre o editor do semanário, Luiz Daniel Cleve e das edições encontradas e catalogadas por ano, número de edição e páginas bem como por conteúdos abordados os quais destacavam quatro temáticas: vias de comunicação; agricultura e indústria; educação e atividades culturais e saúde pública. Essas foram a base para compreender como o jornal, formador de opinião e propagador do discurso de uma elite, contribuiu para o projeto de civilização e progresso de uma cidade do sertão paranaense. Ao buscar respostas para essas perguntas, foi possível identificar a participação do *Guayra* na disseminação dos ideais modernistas, sendo capaz de influenciar comportamentos e auxiliar na formação de uma opinião pública ao discursar sobre um ideal de modernidade.

Palavras-chave: O Guayra; Cleve; Modernidade; Guarapuava.

RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo estudiar el semanario O Guayra con el objetivo de analizar los discursos modernistas del progreso y la civilización a fines del siglo XIX. El periódico, que se imprimió en Guarapuava, en el interior de Paraná, apoyó la formación del discurso de la modernidad. Para ello, se realizó una investigación sobre el editor del semanario, Luiz Daniel Cleve, y sobre las ediciones encontradas y catalogadas por año, número de edición y páginas, así como los contenidos abordados, que destacó cuatro temas: formas de comunicación; agricultura e industria; educación y actividades culturales y salud pública. Estos fueron la base para comprender cómo el periódico, formador de opinión y propagador del discurso de una élite, contribuyó al proyecto de civilización y progreso en una ciudad del interior de Paraná. Al buscar respuestas a estas preguntas, se pudo identificar la participación de Guayra en la difusión de los ideales modernistas, pudiendo incidir en el comportamiento y ayudar en la formación de la opinión pública cuando se habla de un ideal de modernidad.

Palabras clave: O Guayra; Cleve; Modernidad; Guarapuava.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: A IMPRENSA PARANAENSE NO SÉCULO XIX	20
1.1 A imprensa paranaense	21
1.2 O contexto histórico paranaense.....	33
1.3 Guarapuava e o jornal <i>O Guayra</i>	42
1.4 O editor Luiz Daniel Cleve	56
CAPÍTULO 2: O GUAYRA E O DISCURSO DA MODERNIDADE	62
2.1 Vias de comunicação	66
2.2 Agricultura e indústria.....	74
2.3 Educação e as atividades culturais.....	82
2.4 Saúde pública	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

O movimento em busca da modernidade, fundamentados pelos ideais europeus, marcaram a história do Paraná no século XIX. Para a contextualização desse movimento modernista, foi necessário entender aspectos das condições sociais, políticas e econômicas que caracterizavam o estado na época. Durante esse período, o Paraná era uma província de baixa densidade populacional, com poucas estradas/ vias de comunicação que ligassem as regiões mais povoadas com o interior do Estado, o que dificultava o processo ¹de civilização e a publicização dos ideais modernos.

Nesse mesmo período, há um crescimento exponencial da imprensa em todo mundo e não seria diferente no Paraná. Palco de discussão e formador de opinião, o jornal possui o peso do poder simbólico dos textos publicados e em seu posicionamento. Os jornais, que privilegiavam em seus artigos esses ideais, pautavam as necessidades de mudança e atuavam como porta voz dos interesses de uma classe, para um público específico (letrados), a elite. Desta forma, a imprensa foi essencial para a propagação desses ideais modernistas, repercutindo e produzindo valores.

Considerando a importância da imprensa no século XIX, o objeto de estudo dessa dissertação é o jornal *O Guayra*, editado por Luiz Daniel Cleve e impresso em Guarapuava, cidade do interior do Paraná, entre os anos de 1893 e 1899. Sua publicação semanal e periodicidade foi um marco para a imprensa paranaense e para a modernidade. Justifica-se a escolha do jornal *O Guayra* já que há poucos estudos sobre suas publicações. Sublinha-se ainda que não foram localizadas pesquisas aprofundadas sobre o seu acervo, possivelmente pela dificuldade de acessibilidade.

O acervo físico do semanário se encontra em diferentes espaços de preservação, como Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (CEDOC-UNICENTRO), a Casa Benjamin C. Teixeira e o Instituto Histórico de Guarapuava. Para a primeira fase da pesquisa, o material foi disponibilizado pelo professor Fábio André

¹ Importante compreender o “processo de civilização” e “sertão” conforme pontua LANGARO (2018, p.153 e 161): O termo (sertão) possui algumas especificidades no Paraná, por “sertão” se compreendia as áreas florestais, que eram contrapostas aos “campos”, locais de vegetação rasteira, apropriados para a prática da pecuária. Como os campos eram os espaços preferidos para a expansão da sociedade nacional, no Paraná, os “sertões” foram tratados como territórios bravios e conquistá-los era um grande desafio para os grupos dominantes estaduais. O sertão lhe parecia despovoado, isso decorre dos ideais de “progresso” e de “civilização” de que tratamos antes, o que lhe impedia de reconhecer aquelas pessoas como habitantes ideais para a região, ou como plenos representantes da sociedade nacional. O sertão era visto como desabitado, não de pessoas propriamente, mas de “civilização”, ou seja, de sociedades que gerissem o espaço através da conquista e destruição da floresta nativa, com o emprego de práticas “modernas”, oriundas das sociedades industriais.

Hahn, que havia iniciado a investigação e digitalizado parte das edições. No início, tínhamos posse de aproximadamente 100 edições, que abrangiam os anos de 1893, 1894, 1895, 1897, 1898 e 1899. Havia poucas edições referentes aos anos de 1894 e 1895 e nenhuma edição publicada no ano de 1896. Após pesquisas e alguns contatos, em setembro de 2018, obtive acesso a outras edições por intermédio do Sr. Murilo Teixeira, Casa Benjamin C. Teixeira, localizada em Guarapuava – PR, do qual a maior parte do acervo já fazia parte do material adquirido e digitalizado.

Por meio do Sr. Murilo Teixeira, obtive acesso a outras edições do semanário, material que, ainda sem identificação do proprietário, foi localizado no Instituto Histórico de Guarapuava. Desta forma, com prévia autorização, digitalizei outras 83 edições do jornal *O Guayra*, somando 185 publicações digitalizadas, o que totaliza, aproximadamente, 740 páginas, já que algumas edições fugiam do habitual número de 4 páginas, apresentando até 6 páginas. Dentre estes últimos “achados”, foram localizadas 28 edições do ano de 1896.

A delimitação da pesquisa é referente à primeira série de publicação do jornal *O Guayra* compreendendo os anos de 1893 a 1899. O semanário tratava de assuntos diversos como: notícias do estrangeiro, atividades culturais, casamentos, editais de translados e editais governamentais, política e resultado das eleições, notas de falecimento, anúncios publicitários, acontecimentos locais, a relação com o convívio com as tribos indígenas, entre outras pautas. Na pesquisa realizada, observou-se os seguintes pontos: a recorrente publicação sobre os assuntos, a preocupação desde o período provincial do Paraná, quanto às vias de comunicação e a sua importância para o desenvolvimento econômico do estado, o próprio desenvolvimento econômico, representado pelas publicações sobre a indústria e agricultura, a instrução pública (educação escolar) e as questões relacionadas à saúde. E estes serão os pontos abordados por essa pesquisa. O semanário circulava em Guarapuava e abrangia outras localidades, como a Lapa, Ponta Grossa, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro. Não foram encontradas informações quanto a sua tiragem, assim como uma precisão de sua abrangência.

A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos:

- a) Digitalização do acervo, organização cronológica e catalogação de todas as edições disponíveis considerando as temáticas abordadas e a arquitetura de construção das páginas.
- b) Análise específica das temáticas mais recorrentes: realizou-se a leitura e catalogação por ano, mês, dia, página e artigo de cada edição. Após verificar quais foram as mais abordadas, também foi realizada a triagem para seleção e organização das reportagens

que abordavam as temáticas referentes à instrução pública e ao desenvolvimento econômico, saúde e às vias de comunicação, assim como a importância dessas para o desenvolvimento da cidade e do Estado. No quadro abaixo, é possível verificar o ano de circulação e as edições encontradas do semanário *O Guayra*.

Entre a localização de um semanário e outro, comecei a organização do material, separando-o, a princípio, por ano de publicação e posteriormente por edição (páginas). Após a organização cronológica, iniciei a leitura do semanário, o qual nomeei como “catalogação do conteúdo”, desenvolvendo um quadro e descrevendo de forma sucinta os assuntos abordados em cada página bem como numerando a ordem em que se apresentam nas publicações (quadro anexo).

Quadro 1 – Edições encontrados *O Guayra*

Ano de circulação	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	Total
Número de edições encontradas.	30	06	29	34	45	19	22	185

Fonte: elaborada pela autora

Para uma leitura sobre os assuntos investigados, foi necessária a divisão das categorias de análise, que serão apresentadas elegendo aquelas que tiveram maior incidência e que auxiliaram no processo de compreensão do discurso proferido pelo semanário. Após realizar a separação do conteúdo, encontramos quantitativamente o quadro que segue:

Quadro 2 – Recorte temático

	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	TOTAL
Vias de comunicação	23	2	17	03	06	08	04	63
Estrada de rodagem								
Educação e Cultura	44	04	35	47	39	32	33	234
Saúde	5	00	8	12	16	12	09	62
Agricultura e Indústria	16	01	29	15	35	08	17	121

Fonte: elaborado pela autora

Uma das editoriais que chamaram atenção para essa pesquisa e é importante no cumprimento dos objetivos pré-definidos é a que trata de assuntos relativos à modernidade. Sobre o tema, Berman discorre que:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores e vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. E ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto as novas possibilidades (BERMAN, 1986, p.13)

Assim, foi inevitável não observar os avanços dessa sociedade em pleno desenvolvimento e as dificuldades encontradas, como o acesso à cidade incorporaram nas primeiras décadas do século XIX. O jornal é uma das ligações do interior e a capital, e é por meio dele que será possível publicizar os interesses do município junto ao estado, realizando uma pressão política e exigindo soluções para os problemas enfrentados em Guarapuava. Dessa forma, o intuito é demonstrar como a imprensa corroborou enquanto instrumento de interesses políticos, sociais e culturais com o processo de modernização do Estado. Para isso, delimitou-se compreender as relações entre os interesses políticos, sociais e econômicos, a partir das publicações do semanário com o objetivo de estudar a representação² da modernidade por meio das linhas de *O Guayra*.

Com a proposta de um estudo interdisciplinar, entrelaçando a Comunicação Social – aqui representada pelo jornal como mídia³ impressa e a História, justificada pelo período de circulação do semanário ao final do século XIX, e fundamentada no conceito de Berman (1986) para as questões de modernidade e a ação comunicativa (esfera pública) de Habermas (1984) e nos referenciais contextuais de PILOTTO (1976), TEMBIL (2007), CAMPOS (2012).

A estrutura da dissertação está dividida em dois capítulos: o primeiro aborda a contextualização histórica, assim como uma apresentação da imprensa no estado do Paraná, trazendo para Guarapuava e perpassando pelo contexto midiático. Apresentando também as características do semanário *O Guayra* e a história de seu editor, Luiz Daniel Cleve.

O segundo capítulo apresentará o semanário como porta voz de interesses diversos, relativos às representações econômicas (estrada de rodagem, vias de comunicação, agricultura

² Para o desenvolvimento desta pesquisa será considerado representação como pontua Roger Chartier: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” (CHARTIER, 1990, p.17)

³ Trataremos nessa pesquisa mídia como um conjunto de meios de comunicação que disseminam as informações. Aqui representada pelo jorna impresso *O Guayra*.

e indústrias), instrução pública (educação e atividades culturais) e saúde. Trata-se, portanto, das questões presentes do semanário, referentes aos recortes determinados e de que forma estas demandas estavam sendo representadas pelas notícias. Artigos esses considerado essenciais para a discussão sobre a questão da modernidade.

CAPÍTULO 1

A IMPRENSA PARANAENSE NO SÉCULO XIX

O Brasil, no século XIX, influenciado pelos ideais europeus como modelo de civilidade e progresso, era movido pela crença da modernidade⁴. A urbanização passa a ser vista como uma questão de desenvolvimento e nesse processo a imprensa destacou-se na publicização e legitimação desses conceitos.

O Paraná, neste período, ainda era um estado com baixa densidade populacional, onde a maioria da população era concentrada em cidades como Curitiba, que era visto pelo governo como um problema, entendendo o estado como ausente de “progresso”. Dessa forma, podemos visualizar a imprensa não só como um dos ícones da modernidade, mas como ferramenta para clamar o desenvolvimento, para propagar a importância do progresso e da própria modernidade, representada em muitos momentos pela estima e utilização da técnica, da ciência, da instrução pública e das demais demandas necessárias para essa transformação.

Antes de avançar no tema, é importante compreender o contexto político e econômico do Paraná no século XIX, especialmente no que tange às questões ligadas às demandas necessárias para que a modernidade se fizesse presente nestas terras. No cenário paranaense, Guarapuava, localizada no interior do Estado, despontava como destaque. Marcada pela grande extensão territorial era a melhor representação do “sertão paranaense” que almejava outro status frente às maiores cidades do estado.

O jornal, nesse contexto do final do século XIX, era fonte de informação primordial para uma elite local, considerando que o número de leitores alfabetizados ainda era pequeno. Para Campos (2012), os jornais foram vistos como uma importante construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes e como importante estratégia educativa. Nesta mesma direção, Costa (2015) pontua que as publicações nos meios de comunicação podem interferir na organização social e política.

Isso inevitavelmente nos remete à ação comunicativa de Habermas (1984). Os meios de comunicação, aqui representados pelo jornal impresso, interagem ou interferem na esfera pública, publicizando demandas sociais, políticas ou culturais. O discurso jornalístico que se apropria do espaço público (as linhas do jornal) pelos interesses privados, difundirá os

⁴ A modernização, compreendida como um conjunto de mudanças ocorridas nas diversas esferas do político, econômico, do social, foi fenômeno mais marcante dos séculos XIX e XX. Compreende não só uma evolução de vida urbana, como o crescimento da alfabetização e, por conseguinte, de uma maior vazão da informação via meios de comunicação (NEUNDORF, 2015).

conceitos urbanos que moldam a modernidade, mostrando o caminho que deve ser seguido pela sociedade.

Não se pode esquecer que, muitas vezes, o jornal representava as aspirações de seu fundador, redator e do grupo político e social do quais eles pertenciam. Aspirações essas transformadas no discurso que é propagado pela imprensa e que busca, através deste, alimentar a formação da opinião pública e pressionar os governos de acordo com seus anseios.

A publicação de cartas, anúncios, atividades sociais, assim como a política, economia, cultura e as notícias de forma geral, eram divulgadas nas páginas impressas. Esses elementos, tão destacados na imprensa, nos levarão a refletir sobre o discurso da modernidade e progresso em um jornal do interior do Estado.

Considerando essas informações, o texto está fundamentado em três momentos a saber: a imprensa paranaense; a contextualização histórica, política, econômica e populacional do Paraná; Guarapuava e o papel do jornal *O Guayra* e seu editor Luiz Daniel Cleve.

1.1 A imprensa paranaense

O jornal, considerado espaço fundamental de informação, construção e publicização dos mais diversos assuntos, atua com o papel de noticiar, informar um público determinado, sobre aspectos de interesse específico (locais e regionais), mas também de abrangência para além das experiências cotidianas (nacional e internacional). Do ponto de vista político, Costa ressalta que o jornal:

Ocupando lugar central, imparcial ou posicionando-se contra ou a favor, a imprensa é indiscutivelmente importante no desenvolvimento político de uma nação. Seja nos grandes centros ou nas cidades do interior, os jornais impressos acumulam leitores de acordo com suas linhas editoriais e são capazes de fomentar desde pequenas discussões até grandes revoltas. (COSTA, 2015, p.10).

Visto como uma ferramenta de informação para o público, o impresso passa a ter um papel de alavancar o discurso de desenvolvimento, do progresso e da busca incessante de um ideal de modernidade. É possível perceber na leitura desses periódicos as discussões, os embates e a publicização da política como elemento central.

Ribeiro (2015) destaca que essa é a tradução da ideia do jornalismo com uma “arena de discursos”, por onde circulam diferentes visões acerca de fatos. Nessa arena, os redatores opinavam, sugeriam, criticavam, selecionavam fatos, recortavam temas, inseriam discussões. O que, aliás, é o princípio do próprio jornalismo em qualquer tempo. No entanto, em se

tratando do século XIX, os meios de checagem da informação e de sua credibilidade eram muito mais difíceis, fazendo com que o editor tivesse um papel de grande destaque, mas também de risco permanente.

O jornal por si só já era a representação da modernidade, o que segundo Campos (2012), é praticamente impossível dissociar. Para ele,

Na verdade, o processo de transformações políticas, econômicas, sociais e, especialmente, culturais que caracterizou o mundo ocidental na época teve o jornalismo uma força de ressonância ímpar, sendo mesmo impossível dissociar o modo de vida urbano triunfante e a propagação de periódicos. República, urbanismo, sanitarismo, higienismo, cosmopolitismo, feminismo, moda, elegância, progresso, modernidade, nacionalismo e outros valores diversos que deram o tom característico àqueles tempos não apenas ecoavam na imprensa. Antes de tudo, eram mesmo realimentados ou criados por ela. (CAMPOS, 2012, p.49).

Com a amplitude apresentada pelo autor, quando pensamos nos jornais paranaenses, é inegável a importância dessas fontes de informações. Ao voltarmos nosso olhar para o século XIX, percebemos como a “imprensa é rica em dados e elementos e muitas vezes permite um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc.” (Costa, apud Zicman, 1985, p.89). Ao transformar os fatos em publicação, o jornal possibilita a documentalidade, formalizando a informação. A pluralidade dos conteúdos publicados pelos jornais paranaenses do século XIX, permite analisar o processo de construção do Paraná. Segundo Ribeiro (2012, p.115),

Os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social. [...] A história passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa, que detêm o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos. O que passa ao largo da mídia é considerado, pelo conjunto da sociedade, como sem importância. (RIBEIRO, 2012, p.115).

É com a chegada da Família Real ao Brasil que nasce a relação entre a imprensa e a política, com o objetivo de dispor uma maneira de informar a população das decisões governamentais por intermédio de um veículo oficial de notícias, ou seja, de forma favorável e estratégica ao governo vigente.

É válido lembrar, como pontua Slotuk (2015), que o acesso aos jornais no século XIX era para poucos leitores (a elite), pois a maior parte da população brasileira era analfabeta, ou seja, estava alheia ao que se anunciava na imprensa. Os periódicos do século XIX no Brasil

voltavam-se para um público específico: governantes, políticos, fazendeiros, à pequena elite urbana, de forma que seu conteúdo correspondia ao interesse deste pequeno grupo (elite - burguesia). Sobre isso, Lopes (2007, p.72) explica que

Somente com a chegada da Família Real em 1808, a publicação de impressos no país passou a ser permitida, mesmo assim, era necessário passar pela censura do governo monarquista. Desta forma, a imprensa da época caracterizava-se principalmente pela presença de jornais oficiais, subordinados ao regente, e jornais clandestinos.

⁵Os jornais não oficiais que circulavam no século XIX, muitas vezes eram fruto resultante da união de um determinado grupo ou de uma única pessoa, mas de cunho comercial restrito e focado muito mais como um instrumento político. O que para Jürgen Habermas (1984), era uma forma de pautar os discursos e as questões de interesse de determinado grupo no poder. A imprensa, era um dos poucos canais abertos a outras opiniões (além da do governo). No entanto, é importante não perder de vista que o Estado se utilizava desse instrumento para formação de opinião pública, legitimando os seus atos.

Segundo Corrêa (2006), até a emancipação da Província do Paraná ao se desmembrarem da Capitania de São Paulo (1853), todos os jornais que circulavam nesse estado provinham de São Paulo ou da Corte, como é o caso do *Paulista Oficial*, que era assinado pela Câmara de Curitiba. Não havia uma publicação produzida no Estado que trouxesse assuntos pontuais sobre os acontecimentos paranaenses, muito menos de um município isoladamente. Somente com a chegada do primeiro presidente da Província, Zacarias Goes Vasconcellos, é que tivemos o primeiro jornal do Paraná, o semanário *Dezenove de Dezembro* (1854). Campos (1981) assinala que o objetivo, com a instalação do jornal, era facilitar a propagação dos textos governamentais, subsidiada pelo pagamento mensal de 60\$000 réis para a publicação dos atos oficiais.

Produzido na tipografia de Candido Lopes, que veio ao Paraná a convite do então presidente Vasconcellos, instalou-se com o nome *Typographia Paranaense*, à rua das Flores, nº13 e em 1º de abril de 1854, publicava o primeiro número do então *O Dezenove de Dezembro*.

O *Dezenove de Dezembro* posicionava-se como um veículo supostamente neutro em questões políticas o que seria contraditório ao fato de que negava as publicações de matérias contra o governo (CORRÊA, 2006, p. 43). Em sua primeira edição, em 1º de abril de 1854, o

⁵ Válido lembrar que a leitura oral era uma forma de mobilização cultural e política dos meios urbanos. Lia -se em voz alta nas igrejas, nos tribunais e em outros lugares públicos.

Dezenove de Dezembro traz em seu artigo de apresentação, considerações sobre a importância da imprensa e seus objetivos de informar o público quanto aos procedimentos do governo diante da publicação de atos oficiais. Assim iniciou a primeira publicação do jornal oficial da Província do Paraná (1853-1889), marcando a estreia da imprensa paranaense. Em seu artigo de apresentação, *O Dezenove de Dezembro* discorre:

A imprensa, como todas as instituições e coisas humanas, tem um lado bom e outro mau, pois se é origem fecunda de vantagens sociais, também com razão se lhe atribuem males gravíssimos. Às vezes solta e desenfreada como a anarquia, a imprensa atropela tudo, nada é para ela sagrado, nada inviolável; não há poder que respeite, nem preceito a que submeta-se; ataca e escarnece do que é mais caro e precioso ao homem; subverte e desmorona sem nada edificar, e no lugar das ilusões apenas deixa o malogro e o desespero: eis o seu lado mau. Outras vezes, porém, desveladamente ocupada em investigar só a verdade útil e profícua ao país a imprensa, tomando a iniciativa do bem, discute as questões de maior interesse para a sociedade, orienta e dirige a opinião na senda do progresso e dos melhoramentos. Debaixo desse aspecto, ela labuta profunda homenagem à moralidade e nega curvar-se ao espírito de partido, nem ao interesse pecuniário, declara guerra à mentira, à hipocrisia e às paixões vis e odientas: eis o belo lado da imprensa. (O *DEZENOVE DE DEZEMBRO*, Ano I n° 1, Curitiba, 1° de abril de 1854, p. 1 e 2). (FILHA, 2004, p.91).

O *Dezenove de Dezembro* entre 1854 e 1857 era o único periódico em circulação no Paraná, passando a contar em 1857 com o jornal *Jasmim*, de pequeno formato e com o objetivo recreativo.

Em 1860 inicia a circulação do *Mascarado*, crítico impresso em tiras de cores diferentes, coladas uma à outra, em número de três. Logo em seguida, 1861, surgem *O Clarim* e o *Constitucional*. Em 1867, a imprensa curitibana é marcada pelo aparecimento do jornal *Imprensa Livre* tendo como responsáveis Sérgio Francisco de Souza e Castro e João José Pedrosa, que destacam:

A Imprensa, a nosso ver, mente a sua missão, todas as vezes que se limita ao ridículo papel de instrumento eleitoral. A Imprensa, para nós, tem um fim mais nobre a preencher: Acoroçar os melhoramentos do país. Promover a realização prática das medidas e instruções que a necessidade exija. Louvam os esforços do poder que encaminha a situação para justiça e o progresso, estigmatizando-o sem o menor receio, quando apartado desse caminho, para seguir cegamente os impulsos de paixões partidárias, eis o que incumbe. (PILOTTO, 1976, p. 09).

Outros jornais surgiram na capital, entre eles *A Phenix* (1866), *O Paraná* (1871) e *A Reforma* (1871) e em 1873 inicia sua publicação o *Iris Paranaense*, que destacava em sua primeira edição, datada de 19 de outubro.

Quando a vez da Imprensa se acha quase emudecida na província de cujos prelos sahem actualmente três jornaes apenas, inclusive a folha oficial; quando o indiferentismo pela causa pública, parecendo atestar a ausência de vitalidade, senão o patriotismo entre nós, ameaça a comprimir o desenvolvimento nascente dessa filha do Cruzeiro, é dever sagrado a todo paranaense despertar o sonno da negligência para oppor forte reação contra o marasmo em que vamos cahindo. (PILOTTO, 1976, p.10).

Em praticamente 20 anos (1854-1873), o Paraná passou a contar com 10 jornais impressos em Curitiba, fato que movimentava a opinião pública e, como é possível perceber, gerava intenso debate entre os periódicos.

Em 1876, iniciam suas atividades os jornais *Província do Paraná* e a *Gazeta Paranaense*. O primeiro, editado por José Ferreira Pinheiro, e que, segundo o próprio editor, o jornal surgiu como “órgão democrático e dedicado aos interesses da província”. No período da república, o jornal alterou seu nome para *Estado do Paraná*. O segundo, que circulou até 1889, era dirigido por Benedito Carrão e foi substituído por *A Tribuna*.

No decorrer dos anos, foram surgindo outros jornais fora da capital, como é o caso do jornal *Comercio do Paranã*, de Paranaguá, fundado por Leocádio Pereira da Costa, em 1862. Segundo Pilloto,

Abandonando a vida mercantil, fundado em 1862 o primeiro jornal que se publicou em Paranaguá, cuja coleção encadernada se encontra nos arquivos da Comarca Municipal, que recentemente deu seu nome a uma das principais praças nossas.

Desde o 1º número do “Comercio do Paranã”, - observa Ermelindo Leão, em seu Dicionário Histórico, - Leocádio Pereira revelou-se um jornalista de pulso e um literato primoroso, que a todos encantavam pela sabedoria dos seus conceitos, abordando as questões políticas e econômicas; e pela beleza dos seu estylo na prosa e na poesia. (PILLOTO, 1976, p.12).

Até 1875, Paranaguá foi palco de outros periódicos como *O Povo* (1864), *A Phenix* (1867), *O Paraná* (1869), *O Barbeiro* (1869), *Operário da Liberdade* (1870), *Echo Literario*, *Echo da Liberdade e Opinião da Liberdade* (1874), *Gazeta do Paraná* (1875) e *Echo do Paraná* (1879).

Antonina e Morretes também tiveram seus órgãos de imprensa neste período: *O Antonina* (1874) e *O Povo* (1879). Segundo Martins (1995), “a imprensa livre, francamente

aboliconista, democrática e exaltadamente liberal, nasceu no Paraná com o *Operário da Liberdade* e o primeiro periódico paranaense decisivamente republicano foi o *Livre Paraná* (1883) o que mais tarde culminou em outros jornais, como destaca Martins:

A 15 de março de 1886 iniciou-se em Curitiba a publicação semanal da “A República”, órgão do Partido Republicano Paranaense, passando a diário em novembro de 1889 e deixando de circular desde outubro de 1930, por motivo da revolução. (MARTINS, 1995, p.403).

Nos anos 1880, aumentam o número de jornais, impulsionado pelo crescimento do círculo de leitores. É datada de 15 de janeiro de 1881 a primeira edição da *Revista Paranaense*, que se apresentava como “periódico destinado a letras, sciencias e artes”. Neste mesmo ano, surge o primeiro periódico em língua alemã no Paraná, *Der Pionier*, com objetivo de atender à colônia germânica do estado. Nesse fluxo de crescimento do número de jornais, entre 1882 e 1883, Curitiba tem a fundação de jornais como *Passaro Azul*, *O Imparcial* e, em Paranaguá, *O Pharol*, *Itiberê*, *Comercial* e *Livre Paraná*. Este último, que circulou durante 5 anos, pertencia a Fernando Simas⁶ e Guilherme Leite⁷ e contava com a contribuição de intelectuais como Nestor Victor⁸, Correia de Freitas⁹ e Albino Silva¹⁰.

A respeito dos periódicos em língua estrangeira Santos (2015) afirma que

⁶ Fernando Machado Simas, nascido em Paranaguá a 24 de abril de 1851, era combativo, havendo lutado pela abolição da escravatura e pelo regime republicano. Foi deputado federal ao Congresso Constituinte, quando proclamada e República. No governo de Campo Salles foi nomeado auxiliar naturalista do Jardim Botânico, aproveitando-se, assim, os conhecimentos científicos obtidos em seus estudos no curso de Farmácia em que tituló. Faleceu no Rio de Janeiro em 17 de setembro de 1916. (PILOTTO, 1976, p.15)

⁷ Guilherme Leite. Nascido em Recife, em 1855, chegou a Paranaguá em 1880, onde desenvolveu atividades no comércio local. Logo se fez amigo de Fernando Simas, a quem revelava seus ideais antimonarquistas, em combate ao governo imperial. Era assíduo leitor dos jornais que circulavam naquela época no Brasil e no estrangeiro. Foi o primeiro presidente do Clube Republicano de Paranaguá, tendo recebido, por esse acontecimento histórico, expressivos telegramas de congratulações de Silva Jardim, Quintino Bocaiúva, Ubaldino do Amaral e Prudente de Moraes. (FIGUEIRA, 1948, p.11-12 apud CORRÊA, 2009).

⁸ Nascido em Paranaguá, em 1868, Nestor Victor dos Santos participou do movimento republicano na sua cidade desde seus primórdios (foi ele quem redigiu a ata de fundação do Clube Republicano de Paranaguá). Mais tarde, tornou-se um importante crítico literário, constituindo carreira no Rio de Janeiro. CORRÊA, 2009.

⁹ Manoel Correia de Freitas, nascido em Paranaguá, foi "republicano histórico": assinou a "Declaração Republicana Paranaense", em 1881, participou da fundação do Clube Republicano de Paranaguá, em 1887, e tinha um bom trânsito entre os republicanos do Rio de Janeiro. (CORRÊA, 2009).

¹⁰ Albino José da Silva. Nascido em Paranaguá, no litoral do Paraná, em 19 de janeiro de 1850, falecimento em 1905. Durante os primeiros anos da década de 1880, Albino Silva exerceu a função de professor público de instrução primária em Campo Largo, sendo depois transferido para Curitiba. Durante este mesmo tempo esteve a frente de outros cargos, como o de subdelegado de Campo Largo, professor particular da Escola Carvalho e secretário da Sociedade de Imigração de Campo Largo. Além dos cargos públicos, teve tipografias próprias, como o jornal Escolar e Guayra, redigiu o jornal A República e o periódico O Diabinho e fundou o jornal A Pátria Livre em Paranaguá. (ANJOS, 2018).

Com a abertura do Brasil para a imigração, em meados do século XIX, foi perceptível a presença do imigrante na imprensa, especialmente a periódica. Estes imigrantes criaram jornais específicos na sua língua de origem como forma de comunicação com os demais imigrantes da comunidade, uma tentativa de preservar seus costumes, hábitos e cultura. Outra forma de abordagem desse migrante foi representada pelos jornais existentes da imprensa periódica brasileira, geralmente os imigrantes sendo mencionados como produtores de alimentos. (SANTOS, 2015, p.21).

Somente em 1884, o Paraná terá um jornal de publicações diárias, o *Dezenove de Dezembro*. Nas palavras de seu editor:

“O *Dezenove de Dezembro*” entra em nova fase: até hoje tem sido folha periódica será de hoje em diante folha diária. Desde que instalou-se a província do Paraná, a 19 de dezembro de 1853, tem sido esta folha mantida em sua existência apesar dos mil tropeços e mil dificuldades, que a cada passo surgiram para embaraçal-a, e só aos esforços e perseverança do seu fundador e sucessor devemos o não ser interrompida a sua publicação. O “*Dezenove de Dezembro*” foi a primeira folha periódica que se publicou na província, justo seria que fosse ela a primeira que iniciasse a sua publicação diária. (PILOTTO, 1976, p.15).

Em 15 de março de 1886, nasce o jornal *A República*, destinado a ser o órgão do Clube Republicano e propagar o ideal antimonarquista. Teve como fundador Eduardo Gonçalves e Álvaro Teixeira Ramos e a colaboração dos associados ao Clube Republicano. As atividades foram encerradas em 1930, com 44 anos de publicações. Passaram pela direção do órgão defensor dos princípios do Partido Republicano Paranaense Leôncio Correia (que acompanhou a fase da revolução federalista), Vicente Machado, Nestor Victor, Emiliano Pernetta, Domingo Nascimento, João Pernetta, Romário Martins e Caio Machado (PILOTTO, 1976, p.16-17). Para Campos:

A República destacou-se na propaganda abolicionista, feita juntamente com a republicana, dedicando empolgados artigos em favor dos escravos. E, ao mesmo tempo que publicava anúncios de advogados dispostos a defender gratuitamente os cativos que por lei tinham direito à liberdade, incentivava os demais à fuga. (CAMPOS, 1981, p. 29, Imprensa Periódica e Escravidão no Paraná).

Deste período (1886) até a proclamação da República (1889), circularam aproximadamente 80 jornais no Estado. A grande maioria circundou na capital, Curitiba.

Segundo Pilotto (1976), alguns periódicos merecem destaque, especialmente pelo envolvimento com o movimento da proclamação da República.

Entre os periódicos relacionados de 1889 e os que nesse ano circulavam, avulta, pelas manifestações face ao regime instituído a 15 de novembro, “A República”, que desde de 1886 combatia os ditames imperiais como órgão do Club Republicano; o “*Dezenove de Dezembro*”, que viveu dia por dia a atividade política do Partido Liberal; “Província do Parana”, oficialmente órgão liberal; A “Tribuna”, do Partido Conservador, “A Razão”, do Partido Liberal e “Pátria Livre”, a folha do entusiasmo propagandista republicano Albino Silva. (PILOTTO, 1976, p.19).

Entre as manchetes publicadas por esses periódicos, declarando a proclamação da República, destaca-se *Pátria Livre*, segundo a qual era “o mais inflamado pregador dos ideais republicanos”, que anunciava “O Povo, exército e armada vão instalar governo provisório que consultará nação convocação constituinte! Viva o exército e a armada! Viva o povo! Viva a República Brasileira!”. Com esse e outros periódicos, a população foi tomando conhecimento da Proclamação da República e do que ocorria na Corte. Com o novo regime, a Província do Paraná tornou-se o Estado do Paraná e o jornal a *República*, o órgão oficial do Partido Republicano. Nesta fase inicial, também merece destaque o *Quinze de Novembro*, que tinha como redator-chefe Leôncio Correia.

Nascido em Paranaguá em 1866, Leôncio Correia era sobrinho do barão de Serro Azul¹¹, pertencente à elite local. Além do *Quinze de Novembro*, colaborou com o *Diário do Comércio* e as revistas *Club Curitibano* e *Cenáculo*, e nomeado diretor de Instrução Pública do Paraná. Atuou como deputado estadual no Paraná em duas legislaturas (1892 a 1897) e deputado federal (1897 a 1899). Segundo Pernetta (1976), Leôncio apresentou três facetas da sua fascinante personalidade: como jornalista que mereceu referências de sua atividade em *Republicano*, como político fervoroso e como *O Poeta*, em que, recorrendo ao pseudônimo de Joaquim Silvério, publicava suas poesias no *Quinze de Novembro*.

O *Quinze de Novembro* iniciou suas publicações em 24 de novembro, no mesmo ano da Proclamação da República. Em seu primeiro número, a terceira página é tomada por homenagens aos obreiros da proclamação “A Alegoria ao glorioso acontecimento da

¹¹ Ildefonso Pereira Correia nasceu em 1849, na cidade de Paranaguá (PR). Apesar de sua formação acadêmica na área de humanidades, atuou profissionalmente como comerciante. Possuía um engenho de erva-mate e chegou a ser o maior exportador do produto no estado do Paraná. Depois de transferir suas atividades para Curitiba, instalou a infraestrutura necessária para o desenvolvimento da indústria da erva-mate e do café, o que lhe rendeu grande influência no meio empresarial. Também contribuiu para a modernização da cidade, fundando a imprensa paranaense. Em 1881, recebeu a comenda da Ordem da Rosa, em virtude de sua notável atuação pública, e em 1888 recebeu o título de barão de Serro Azul. Fonte: Agência Câmara de Notícias

Proclamação da República em nossa pátria, que ocupa a terceira página de nossa folha é uma alevantada homenagem aos inclytos cidadãos, aos heróis...”. As publicações seguintes demonstraram sempre a mesma preocupação, enaltecer as homenagens aos republicanos. (PILOTTO, 1976, p.23)

Após a Proclamação da República, fora da capital Curitiba, somente Paranaguá e Antonina tiveram publicações no ano de 1890. Em Paranaguá, o *Seculo*, do Partido Republicano Histórico, que circulou até 1894, e em Antonina, *II Monitore del Paraná*, o primeiro periódico em língua italiana (PILOTTO, 1976, p.25).

Muitos desses jornais, ao longo da história do Paraná, mantinham uma proximidade com o governo, possivelmente por serem subsidiados, enquanto outros tantos independentes discursavam cumprindo o lado investigativo do jornalismo frente ao poder público.

Em 1893, novos jornais foram fundados em cidades interioranas, como era o caso de Ponta Grossa e Guarapuava. O periódico *Campos Gerais*, de propriedade de João Rocha Bahls, trazia em sua primeira publicação a matéria comemorativa da *Lei áurea*, “Homenagem à Confraternização dos Brasileiros. Salve Lei n.º 3353. 13 de maio de 1888-1893. Trabalho e Honra”. Já em Guarapuava, neste mesmo ano, surgiram *O Guayra*, *Treze de Maio* e o *Jornal das Crianças* (PILOTTO, 1976, p.28).

Nas pesquisas realizadas não foram encontradas outras informações referentes aos jornais “Treze de Maio” e “Jornal das Crianças”, além dos títulos dos semanários informados por Pilotto (1976).

Por outro lado, na capital do estado, o número de novos jornais não parava de crescer. Entre 1897 e 1898 foram publicados mais de trinta, dos quais é possível destacar *Ordem*, *Município*, *Jornal do Commercio*, *O Pharol* entre outros. Em 1899, outros periódicos foram registrados, como o *Esphinge*, *Tribuna do Paraná* e o *Oito de Dezembro* (PILOTTO, 1976, p.31).

No interior do Estado, entre os anos de 1894 e 1899, merece destaque *Fé Espírita*, *Voz da Verdade*, *A Nação* e *O Bouquet* (Paranaguá); *Cysne* e o *Capellista* (Antonina); *Gazeta dos Campos* e *Club Pontagrossense* (Ponta Grossa); *Echo da Lapa*, *Cidade da Lapa*, *Folha da Lapa* (Lapa); *Paraná* e *Alvorada* (Guarapuava); *Lide*, *A Comarca* e *Parochia Palmeira* (Palmeira) (PILOTTO, 1976, p.31).

Para Periotto, os empresários fundadores e os redatores desses periódicos, ao se envolverem com os problemas postos pela dinâmica social burguesa, agiram no sentido de responder às questões da época. Produzindo ou transmitindo ideias, ecoaram as transformações materiais existentes de novos posicionamentos, possibilitando inclusive, com

a percepção de que a manutenção de interesses políticos expressivos dos grupos pretendentes do poder de mando político (PERIOTTO, 2013, p.42).

A imprensa, mesmo iniciando tardiamente no Paraná, totaliza centenas de títulos, concentrados em sua maioria na cidade de Curitiba. Os periódicos foram fundamentais na publicização da política, da economia e da cultura. Seus redatores tornaram-se organizadores e disseminadores de conceitos, valores e práticas, imbuídos do discurso de progresso e modernidade ao modelo eurocêntrico. É possível perceber que seus fundadores e redatores estavam envolvidos com os acontecimentos locais, regionais e nacionais, assim como utilizando os jornais como instrumento para pautar as mudanças que entendiam serem as mais urgentes para a sociedade da época. Os jornais paranaenses, no contexto do século XIX, em sua grande maioria, foram utilizados como ferramenta política.

Para ilustrar a quantidade de jornais no século XIX, aperfeiçoou-se o quadro desenvolvido por Campos (1981), apresentando uma relação (por cidade e ano) importante para a compreensão de seu papel social:

Quadro 3 – Jornais paranaenses século XIX

Título	Cidade	Ano inicial de Publicação
Dezenove de Dezembro	Curitiba	1854
Jasmim	Curitiba	1857
Mascarado	Curitiba	1860
O Clarim	Curitiba	1861
O Constitucional	Curitiba	1861
A Phenix	Curitiba	1866
Imprensa Livre	Curitiba	1867
O Paraná	Curitiba	1871
A Reforma	Curitiba	1871
Iris Paranaense	Curitiba	1873
Província do Paraná / Estado do Paraná	Curitiba	1876
Gazeta Paranaense/ A Tribuna	Curitiba	1876
Almanak Administrativo Mercantil e Industrial do Paraná	Curitiba	1877

O Diabo Azul	Curitiba	1878
Der Pionier	Curitiba	1881
Evolução	Curitiba	1881
Gazeta Paranaense	Curitiba	1882
Passaro Azul	Curitiba	1882/83
O Imparcial	Curitiba	1882/83
O Corityba	Curitiba	1883
Deutsches Wochenblatt fur die Provinz Paraná	Curitiba	1883
Cruz Machado	Curitiba	1884
Echo Paranaense	Curitiba	1886
A República	Curitiba	1886
O Coração	Curitiba	1887
Diário Popular	Curitiba	1887
A arte	Curitiba	1888
A Galeria Illustrada	Curitiba	1888
O Diabinho	Curitiba	1888
A Idea	Curitiba	1888
Quinze de Novembro	Curitiba	1889
Ordem	Curitiba	1897/98
Município	Curitiba	1897/98
Jornal do Comercio	Curitiba	1897/98
O Pharol	Curitiba	1897/98
Esphinge	Curitiba	1898
Tribuna do Paraná	Curitiba	1898
Oito de Dezembro	Curitiba	1898
Comercio do Paraná	Paranaguá	1862
O Povo	Paranaguá	1864
A Phenix	Paranaguá	1867

O Paraná	Paranaguá	1869
O Barbeiro	Paranaguá	1869
Operário da Liberdade	Paranaguá	1870
Opinião da Liberdade	Paranaguá	1874
Echo Literário	Paranaguá	1874
Gazeta do Paraná	Paranaguá	1875
Echo do Paraná	Paranaguá	1879
O Futuro	Paranaguá	1881
Itiberê	Paranaguá	1882/1883
O Pharol	Paranaguá	1882/1883
Comercial	Paranaguá	1882/1883
Livre Paraná	Paranaguá	1882/1883
Seculo	Paranaguá	1890
Fé Espirita	Paranaguá	1894/1899
Voz da Verdade	Paranaguá	1894/1899
A Nação	Paranaguá	1894/1899
O Bouquet	Paranaguá	1894/1899
Despertador Lapeano	Lapa	1880
Echo da Lapa	Lapa	1894/1899
Cidade da Lapa	Lapa	1894/1899
Folha da Lapa	Lapa	1894/1899
O Povo	Morretes	1879
Echo dos Campos	Castro	1883
Correio dos Campo	Castro	1887
O Guahyra	Campo Largo	1887
O Antonina	Antonina	1874
II Monitore del Paraná	Antonina	1890

Cysne	Antonina	1894/1899
Capellista	Antonina	1894/1899
Campos Gerais	Ponta Grossa	1893
Gazeta dos Campos	Ponta Grossa	1894/1899
Club Pontagrossense	Ponta Grossa	1894/1899
O Guayra	Guarapuava	1893
Treze de Maio	Guarapuava	1893
Jornal das Crianças	Guarapuava	1893
Paraná	Guarapuava	1894/1899
Alvorada	Guarapuava	1894/1899
Lide	Palmeira	1894/1899
A Comarca	Palmeira	1894/1899
Parochia Palmeira	Palmeira	1894/1899

Fonte: Campos (1981) e atualização da autora

No quadro apresentado, nota-se que os jornais no interior iniciaram suas publicações somente após 1880, ainda que timidamente, fortalecendo, com isso, a diversidade de semanários após 1890, ou seja, depois do fim do período provincial, como é o caso do *O Guayra*, *A Comarca* e o *Campos Gerais*.

1.2 O Contexto histórico paranaense

Para compreender a conjuntura da imprensa paranaense no século XIX, é preciso ter ciência dos fundamentos históricos contextuais. Nesse sentido, dois momentos distintos, mas integrados, marcaram o Paraná: o período provincial (1853-1889) e a primeira fase do período republicano (1889-1900). O entendimento contextual a partir de fatores políticos, econômicos e populacionais permitem panoramicamente compreender o fundamento do papel da imprensa nesse cenário.

O primeiro deles trata do período provincial do Paraná, que durou 36 anos (1853-1889) e encerrou com a adesão ao regime republicano. Este período, para Wachowicz (2001), pode ser dividido em duas fases: a primeira de 1853 até a Guerra do Paraguai (1864-1870) e a segunda, do término da Guerra até a Proclamação da República, em 1889. Neste espaço de

tempo, o Paraná teve um crescimento populacional representativo. De um quantitativo de 62.000 para 120.000 habitantes, tendo sua economia baseada sobretudo na exploração da erva-mate e na criação de gado nos Campos Gerais, já gozava de certa autonomia.

A província do Paraná foi a última a conseguir a aptidão política e administrativa no período Imperial (1853), o que resultou na precariedade de sua estrutura e na dificuldade de estabelecer sua real independência. Como destaca Angelo Priori,

A segurança era péssima, não havia escolas, nem professores suficientes para a população. A justiça era mal aplicada e lenta. Os serviços públicos eram precários. Verbas eram desviadas e, além disso, a Comarca sofria com pesados tributos pagos tanto para o Império, quanto para a província de São Paulo. Essa conjuntura gerava grande insatisfação. (PRIORI, 2012, P.16)

Na imagem abaixo é possível observar a integração do território da província com a comarca de São Paulo.

Imagem 01 – Mapa do Brasil (1853)



Fonte: Campinas (2005, p.137).

A criação da Província paranaense se efetivou com a pressão realizada pela elite local, descontente com a economia e política. O Paraná era representado, prioritariamente, por dois

grupos políticos: o Partido Liberal e o Partido Conservador. Os membros do Partido Conservador canalizavam seus interesses na ascensão da produção da erva-mate, pois ainda mantinham, por questões comerciais, vínculos com a Província de São Paulo. Já o Partido Liberal, concentravam seus desejos na descentralização do poder e emancipação política e econômica (WESTPHALEN apud MEIRA, 2015, p.55).

Para iniciar a administração da Província do Paraná, o governo imperial nomeou o experiente Zacarias de Góes e Vasconcellos, que tinha como missão a organização das repartições públicas, o desenvolvimento da instrução pública, além de trabalhar em prol das vias de comunicações (estradas). Sobre isso, Martins (1995, p.146) reitera dizendo que

Além das instruções dadas à organização das diversas repartições do serviço público, o governo imperial recomendou muito especialmente que o presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos, após instalar a Província, habilitasse o Ministério do Império com informações minuciosas sobre o estado em que se encontrasse a instrução pública, a agricultura, o comércio, a mineração, e a indústria em geral, “lembrando e propondo todas as medidas que parecessem mais azadas e eficazes para conseguir-se o desenvolvimento de qualquer destes ramos. [...] Recomendou-se a exploração nos rios Tibagi e Paranapanema, para adaptá-los à via de comunicação com Cuiabá e sugeriu toda a assistência com a catequese dos índios de Guarapuava e de Palmas, a conservação dos aldeamentos e a criação de outros. (MARTINS, 1995, p.146).

Zacarias de Góes Vasconcellos, então primeiro governador da Província do Paraná (1853), considerando a precariedade das estradas existentes, tinha entre os seus objetivos de governo, o desenvolvimento das vias de comunicação (estradas de rodagem), já que para transportar a produção e realizar a comunicação e os traslados entre as principais cidades e vilarejos dependia dela. Com intuito de ligar Curitiba ao litoral, Vasconcellos iniciou o projeto da Estrada da Graciosa. Era evidente para o governo que o progresso da província dependia das estradas, como afirma o próprio governador. Vasconcellos:

A primeira necessidade desta província he, decididamente, o melhoramento de suas vias de comunicação. A lavoura, tão atrasada, [...] não póde alar, o commercio não póde desenvolver-se, em quanto as estradas se conservarem como estão, o anhelos e attrahir, aos excelentes terrenos da província, colonos europêos em certa escala, encontra forte resitência no estado deplorável das vias actuais de comunicação, onde não póde rodar hum carro, e tudo se transporta, mal e mui dispendiosamente em costas de animais. (VASCONCELLLOS, 1854, p. 86)

Além disso, era preciso instituir o aparato de estado, com a criação de uma Companhia Policial e a organização das escolas primárias (WACHOWICZ, 2001, p.127).

A dificuldade de implantação da estrutura mínima de estado na Província era um fato preocupante. A dinâmica econômica pouco se movia e permanecia estática com reduzidas possibilidades. Acompanhada por tudo isso, o alto número de presidentes da província do Paraná (55 nomeações que por vezes se repetiam) nomeados pelo poder imperial ao longo de 36 anos dificultou a formação e continuidade administrativa.

Nesse contexto, o poder da província era disputado por dois grupos: liberais e conservadores os quais se alternavam no poder. Os conservadores eram liderados por Manuel Antônio Guimarães (1873, 1877) e Manuel Francisco Correia Júnior, ligados a famílias que controlavam o comércio no litoral. Já os liberais tinham como liderança Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá e seu cunhado Manuel Alves de Araújo (1865), que representavam a oligarquia dos barões de Tibagi e Campos Gerais. Marcondes ocupou inúmeras vezes a presidência da província e como vice em períodos intermediários (1878, 1879, 1882 e 1889) (WACHOWICZ, 2001, p.128).

Segundo Balhana (1969, p.184), às vésperas do dia 15 de novembro, a situação política do Paraná ainda era praticamente a mesma de todo o período provincial, ou seja, um jogo político realizado exclusivamente por conservadores e liberais na disputa do poder.

O segundo argumento de fundamento histórico contextual trata do período republicano do Paraná, especificadamente entre 1889-1900, em que os presidentes eram nomeados.

Em 17 de novembro de 1889, realizou-se a transformação do regime do Paraná, sendo o Coronel Francisco Cardozo Junior investido no cargo de governador do Estado pelo presidente da Câmara de Curitiba, Antonio Ricardo do Nascimento (WACHOWICZ, 2001, p.405).

A República se fez no Paraná sem qualquer resistência ou incidentes, como se fora apenas mais uma troca de Ministério, com inevitável derrubada dos políticos da eventual situação. No entanto, o republicanismo não logrou a conquistar adeptos no Paraná, o que é possível verificar com a rápida adesão de Marcondes, “um liberal monarquista, à República, o que fez em nome do patriotismo, pois sugeriu que seu partido assumisse doravante um novo nome, o de Partido Republicano Federal” (MAGALHÃES, 2001, p.26)

Na primeira fase da República no Paraná, caracterizada pelo século XIX, foi constituída pela nomeação de 22 pessoas para gerir a presidência do estado, neste caso contando com o período ocupado pelo vice-presidente ou membro da Junta Governativa. Formalmente, apenas 15 presidentes foram nomeados nesse período, representando 4 partidos

em disputa: Partido Republicano Democrático – PRD, com 7 nomeações (1889;1889/90;1890;1894;1894;1894;1894); Partido Republicano Paranaense – PRP, com 4 nomeações (1892/93; 1894/96; 1896/99; 1899/00); União Republicana Paranaense – URP, com três nomeações (1890/91; 1891; 1894); Partido Moderado Brasileiro – PMB, com uma nomeação (1894). Como se pode observar, o predomínio na disputa se dava entre o Partido Republicano Democrático – PRD e o Partido Republicano Paranaense – PRP.

Para Oliveira apud Corrêa (2006, p.27), a luta contra as dificuldades geográficas, o isolamento e a pobreza marcaram a trajetória da economia paranaense, diferente, porém, de outras regiões do Brasil, já que o mercado interno é considerado central para o tropeirismo e para a economia ervateira do estado.

O Paraná, até final do século XIX, era uma região com baixa densidade populacional. Segundo Balhana (1969), os ciclos de povoamento do estado acompanharam o desenvolvimento social e econômico da mineração, a criação e o comércio de gado e lavoura. É possível observar no quadro 1, o crescimento da população paranaense entre os anos de 1800 e 1900.

Quadro 4 – Crescimento da população paranaense entre o período de 1800 a 1900.

Ano	População Total
1800	21.843
1836	42.890
1854	62.258
1872	126.722
1900	327.136

Fonte: Schmidt e Filizola (1988).

Segundo Wachowicz (2001), o Paraná, em meados no século XIX, ainda era uma região com baixa densidade populacional e muitas regiões ainda desabitadas. Os núcleos populacionais mais distantes de Curitiba se concentravam em Guarapuava e Palmas.

Apesar de reduzidos núcleos populacionais, o território que por muito tempo foi propagado pelo Estado, omite ou desqualifica, em muitos momentos, a presença do índio, principalmente ao descreverem o território como um “sertão desconhecido” ou “vazio demográfico”. (MOTA, p.51, 2012)

Segundo Mota (2012), o Paraná, de acordo com vestígios materiais, era habitado por diferentes populações humanas há cerca de 9.000 AP, ou seja, o território era ocupado por indígenas, que buscavam defender suas matas, rios e campos dos “invasores” (ondas povoadoras).

No início do século XIX, os índios Kaingang ofereciam resistência frente às intenções de expansão colonizadora. Dessa forma, ações de estado procurando desmobilizar os índios eram uma constatação. Segundo Mota,

[...] o ano de 1810 foi marcado pela chegada aos campos de Guarapuava de uma enorme expedição com mais de trezentas pessoas, das quais cerca de duzentas eram soldados. O objetivo da expedição era ocupar esses campos, abrindo espaço para as fazendas de criação. (MOTA, 2012, p. 54).

O decorrer desta expedição e a fundação de Guarapuava é detalhada logo a seguir, do qual apresento brevemente os resultados da expedição liderada por Diogo Pinto de Azevedo e a ocupação dos Campos Gerais.

Segundo a Secretaria do Estado do Paraná, foram três as ondas povoadoras que em conjunturas diversas e com motivações distintas realizaram a ocupação e formaram as comunidades regionais que constituem o atual Estado do Paraná. A primeira se esboçou no século XVII, com a procura do ouro e estruturou-se no século XVIII, sobretudo o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e no comércio de gado, e mais tarde, no século XIX, nas atividades extrativas e no comércio da erva-mate e da madeira. Para Corrêa,

O tropeirismo propiciou o surgimento de uma classe de proprietários, que formavam a elite política e econômica da 5ª Comarca de São Paulo e nascente Província do Paraná, pois constituía o “negócio mais rendoso da época de compra e venda de tropas de muares, que adquiridas no extremo Sul, vinha ser engordadas nos campos da zona paranaense, para, vendidas nas feiras de Sorocaba, irem por fim abastecer os mercados de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro”. (CORRÊA, 2006, P.20)

Importante ressaltar que o tropeirismo também teve sua contribuição para o povoamento do Paraná, principalmente na região dos Campos Gerais. O tropeiro foi o personagem típico paranaense no passado ao trazer notícias dos acontecimentos, bem como entregava bilhetes e recados pelas vilas que passava. Conforme Rollemberg (2010), os tropeiros deram origem a alguns povoados e vilas na região do Campos Gerais. Sobre isso, Marcondes (2010, p.26) explica que

A Estrada das Missões (aberta pelo guarapuavano Francisco Ferreira da Rocha Loures em 1845) deu livre trânsito a partir de 1847 e incrementou fortemente o Tropeirismo sulino, porque encurtou em 40 léguas (240km) o trajeto das tropas de muares e de gado vacum, que do sul do Brasil se dirigiam à Feira de Sorocaba, São Paulo.

Essa atividade foi muito importante não só para a economia da Província, depois Estado do Paraná, como também para disseminar hábitos, termos, costumes e o folclore de tradição gauchesca influenciando fortemente a cultura guarapuavana.

As fazendas de criar e invernagem de muares estendiam-se por todas as regiões de campos naturais do território paranaense, sendo as grandes propriedades base para a criação de gado, do tropeirismo e da invernagem. Para Balhana (1969), os fazendeiros dos Campos Gerais (e, em parte, depois os de Guarapuava e Palmas) passaram a reservar cada vez maior o número de invernadas em suas fazendas, para arrendá-las aos tropeiros já que era uma renda mais fácil do que a criação de gado. Segundo Marcondes (2010), nas fazendas de Guarapuava e seus distritos, os muares e bovinos eram invernados por três meses e depois seguiam em tropas, passando por péssimos caminhos até a Feira de Sorocaba.

No auge do Tropeirismo sulino (décadas de 1870/80) a criação local reduziu-se ao mínimo, devido ao alto preço do sal vindo do litoral, tornando-se mais econômico trazer o gado adulto do Sul, para invernar (engordar) nas fazendas guarapuavana.

As tropas vinham por São Borja, Santo Ângelo, Cruz Alta, Carazinho, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria. Com exceção das duas primeiras que já existiam como povoações missioneiras, as demais citadas surgiram como consequência do novo traçado que ficou conhecido como o Caminho da Missões. De Passo Fundo tomava-se o rumo de Erechim, vadeando-se o rio Uruguai no Goyo-en. Após invernados nas fazendas guarapuavanas os animais seguiam em tropas, por péssimos caminhos passando pelo distrito de São João de Capanema (Prudentópolis); pelo Passo do Cupim (Imbituva), Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Itararé, Itapeva, Itapetininga, Capela do Alto para chegar a Sorocaba. (MARCONDES, 2010, p.191).

O tropeirismo perdeu sua força na década de 1870 com a chegada das ferrovias. Logo, a região passou a se destacar-se na economia com a produção de erva-mate. Segundo Berloff (2013, p. 04):

O tropeirismo foi outra atividade econômica responsável pelo povoamento do Paraná, mais especificadamente, o Segundo Planalto, região dos Campos Gerais, área que favorecia a criação de Gado. [...]. Esses homens também transportavam o gado dessa região até a província de São Paulo e Minas Gerais, locais onde os animais eram vendidos. Em muitos lugares que paravam, os tropeiros deram origem a alguns povoados e vila que, posteriormente, se transformaram em cidades da região dos Campo Gerais.

Em 1853 (ano que a Província conseguiu sua separação da Província de São Paulo), o Paraná padecia de condições técnicas: não havia estradas apropriadas para o traslado de carros de boi, o que dificultava a sua colonização, o escoamento de safras agrícolas e o comércio da região. Até aquele momento o transporte era realizado exclusivamente por tropas de muares. Por esse motivo, o primeiro presidente da província, Zacarias Vasconcellos, tinha como prioridade o desenvolvimento das estradas, com objetivo de facilitar o trânsito de carros de bois, o escoamento da safra agrícola e o comércio da região, proporcionando, assim, a possibilidade de colonização.

Apesar de todos esses problemas, o Paraná tinha como principal produto a erva mate, que correspondia a 85% das exportações da província e aproximadamente noventa engenhos de beneficiamento, firmando-se como um dos principais produtores do mercado, de forma que sua importância econômica ultrapassou o período provincial e, até a década de 1920, foi o esteio da economia paranaense (WACHOVICZ, 2001). A erva-mate também proporcionou a modernização de Curitiba, como destaca Corrêa ao garantir que

A produção e comercialização da erva-mate rendiam bons frutos até chegar ao seu apogeu, que viabilizou uma série de investimentos na modernização da capital. Enquanto na cena nacional o principal produto era o café, os paranaenses exploravam o mate, nicho econômico alternativo, que lhes proporcionou uma atividade comercial intensa principalmente com o mercado platino, impulsionado pela Guerra do Paraguai, que os livrou do seu principal concorrente. Este campo econômico estava centrado em uma indústria ao mesmo tempo mecanizada, mão-de-obra livre e extrativista, e encontrava-se em expansão, embora fosse periférica em termos nacionais. (CORRÊA, 2006, p.23).

As exportações paranaenses com a erva-mate provinda dos sertões de Guarapuava, Palmas, Imbituva e São João do Triunfo, utilizando dos portos de Paranaguá e Antonina, atingiram valores elevados e contribuíram para a elevação da 5ª Comarca à Província do Paraná. Segundo Marcondes (2010), a erva-mate, apesar de ser uma economia periférica, contribuiu para a formação de uma elite paranaense.

Pereira (apud Corrêa 2006, p.34) esclarece que a produção de erva-mate também provocou o desenvolvimento de outras áreas como a indústria madeireira, que produzia barricas e o surgimento da técnica litográfica para a impressão de rótulos. “As primeiras impressoras que surgiram nesse período eram a vapor, como a Typographya Lopes, Typographya do Commercio do Paraná, Typographya Iris Paranaense, Typographya Curitiba, a Pêndula Meridional e, já no final do Império, a Typographya d’A República”.

Válido lembrar que o ciclo do ouro, o tropeirismo, a erva-mate, assim como os ciclos da madeira e do café contribuíram para a reocupação e o desenvolvimento do Estado, assim como a política de imigração adotada pelo governo. A preocupação do estado com o isolamento do território (vias de comunicação) e sua baixa densidade populacional (grandes regiões, principalmente no interior do Estado, que ainda não estavam ocupadas pelo homem branco, promoveu a imigração subvencionada.

A política de imigração no Paraná primava pelo povoamento do território, diversificação das atividades econômicas e contribuição para urbanização, fatores esses que cooperam para o crescimento das receitas públicas. Para Rocha (2018), além do trabalho com a agricultura, os imigrantes seriam também direcionados a trabalhos em obras de infraestrutura como construção de estradas para melhor escoar produção de erva mate, buscando projetar a economia paranaense para uma das principais do país.

A partir de 1877, uma parcela desses imigrantes foi encaminhada aos municípios da Lapa, Palmeira e Ponta Grossa. Dessa primeira fatia, surgiram as colônias de Otávio, Sinimbu e Virmond (WACHOVICZ, 2001, p.153). Segundo a página eletrônica da Secretaria do Estado do Paraná, nas primeiras décadas do século XIX, o quadro populacional do estado é substancialmente alterado pela introdução dos imigrantes europeus, que vieram ao Paraná, a fim de trabalhar com a agricultura de abastecimento em colônias agrícolas.

Esses imigrantes introduziram novas técnicas agrícolas e difundiram outros cultivos como, por exemplo, a produção da uva, arroz e milho. Válido observar que existiram imigrantes que trabalharam fora da esfera rural com empreendimentos, comunicação, educação, comércios, serviços, entre outros. Vale sublinhar que alguns desses tornaram-se figuras que se destacaram, inclusive, na atuação política local. (ROCHA, 2008, p.18)

Em 1885, a revolução federalista ¹²paralisou o serviço de imigração para o Estado que só foi retomado em 1907, atingindo terras mais centrais, surgindo as colônias de Senador Corrêa e Ivaí (1907), Irati (1908), Vera Guarani (1909) e Cruz Machado (1910). Segundo Berloff (Rolleberg apud, 2013, p.06),

¹² *Revolução Federalista* é a denominação mais conhecida da série de conflitos armados que ocorreram nos três Estados do Sul do Brasil entre 1893 e 1895. Tem como baliza inicial a invasão de uma coluna de maragatos de Gumercindo Saraiva (1851– 1894) ao Rio Grande do Sul em 05 de fevereiro de 1893, quando, vindos de Aceguá, no Uruguai, eles transpuseram a fronteira e acamparam em um capão em Ana Correia, próximo ao rio Jaguarão, no município de Bagé. E o marco de encerramento mais difundido é a assinatura do *Armistício de Piratini*, firmado entre republicanos e federalistas em 23 de agosto de 1895, lavrado no município de Pelotas. (SÊGA, 2008, p.87)

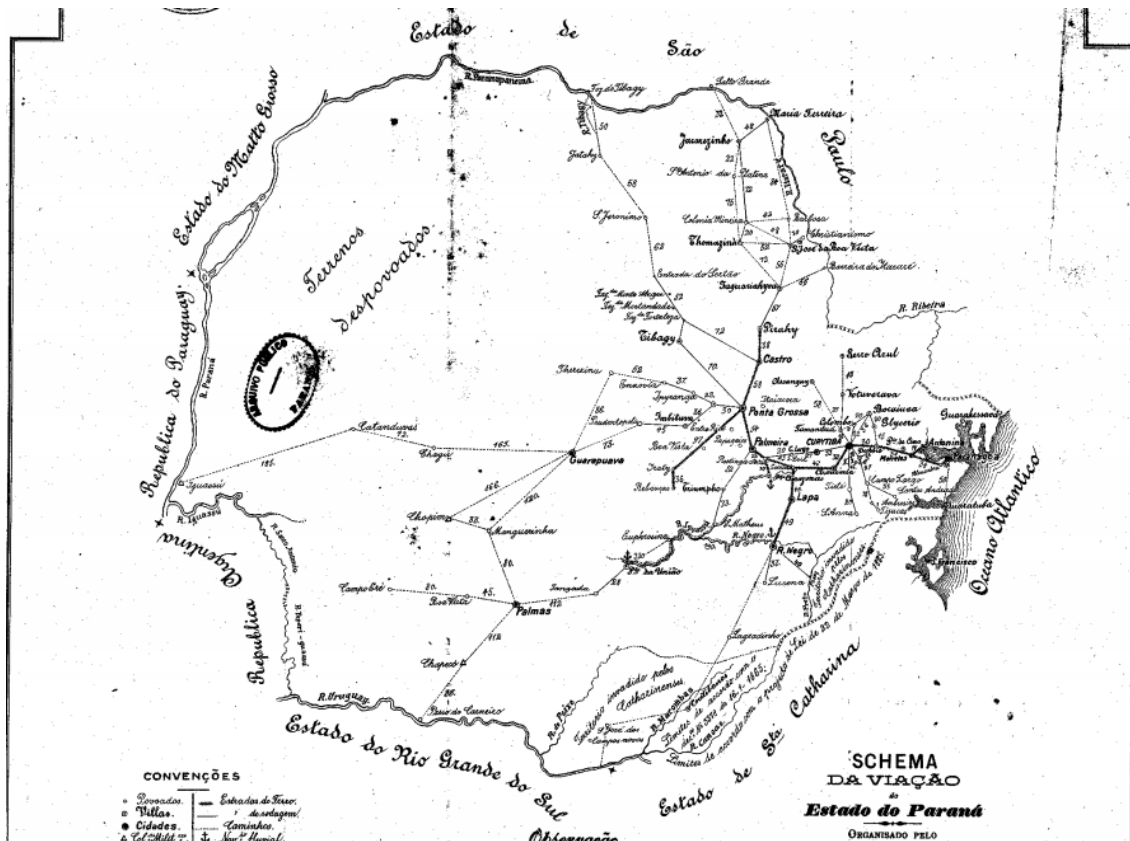
[...] apesar das dificuldades, a política de incentivo à imigração contribuiu para a modernização do Paraná e para a formação de uma classe média tanto rural quanto urbana. Com a vinda dos primeiros imigrantes, expandiu-se o cultivo do café e de cereais e estabeleceram-se ofícios, como carpinteiro, alfaiate, ferreiro e marceneiro. Os imigrantes introduziram o uso de ferramentas, como o ancinho, o rastelo e o arado, além de produtos agrícolas, como o centeio e a batata-inglesa, que foram incorporados à alimentação dos paranaenses.

No início do regime republicano, já era o café o esteio da economia brasileira. O Paraná, na ocasião, porém, não era produtor do grão e a base da economia paranaense continuava sendo a erva-mate, que, embora representasse 31% do orçamento, ainda era um problema para o Estado.

1.3 Guarapuava e o jornal *O Guayra*

Em meio ao cenário paranaense do século XIX, marcado pelo regime imperial e republicano e por disputas político-partidárias, em que a imprensa figurava como importante e decisivo instrumento de poder, é preciso entender como uma pequena cidade, nos sertões, de reduzida densidade populacional, era retratada e reivindicava seu espaço.

Imagem 2 - Guarapuava: uma cidade nos sertões



Fonte: Mapa do Paraná – 1901

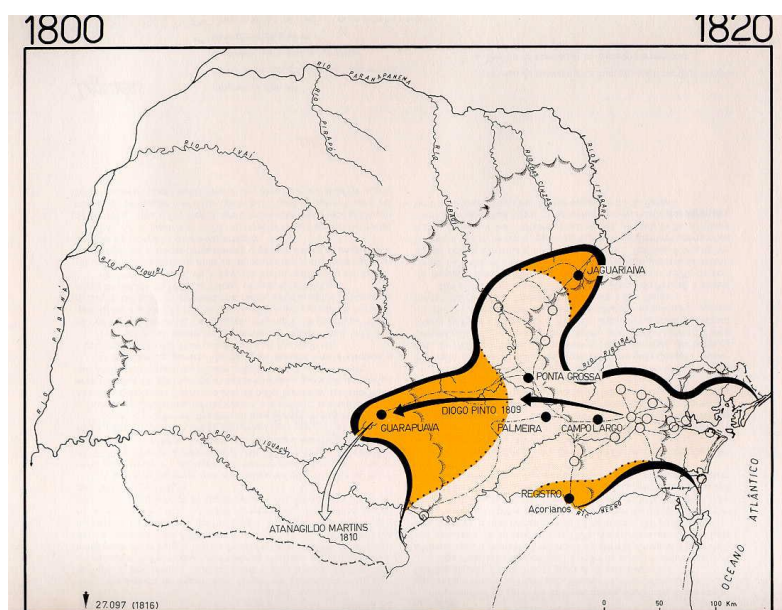
O Paraná, a partir da sua emancipação política, no início do governo de Zacarias de Góes e Vasconcellos, em 1853, contava com aproximadamente 62.000 habitantes e com duas cidades: Curitiba e Paranaguá e ainda com sete vilas: Castro, São José dos Pinhais, Lapa, Antonina, Guaratuba, Morretes e Guarapuava (CLEVE, 2009, p.42).

Segundo Teixeira (Boletim 02 de 2009), há dois documentos primordiais para a historiografia guarapuavana: a Carta Régia (abril de 1809) e o Formal (auto de formação). O primeiro documento, assinado pelo então Príncipe Regente D. João, trazia os procedimentos no sentido de povoar os Campos de Guarapuava, reforçando sua extensão territorial. O segundo documento, escrito pelo padre Francisco de Chagas Lima e Cap. Antonio de Rocha Loures, trazia o Termo de Fundação da Freguesia de Nossa Senhora de Belém. Constituída a Freguesia de Nossa Senhora de Belém (1819), o território de Guarapuava abrangia a área desde o rio Ivaí até o rio Paraná¹³.

¹³ O território fazia limite com o Rio dos Patos (Ivaí) até o rio Paraná, por este até Corrientes (Argentina) e dali atravessando o sertão até encontrar o Rio Uruguai por este acima até e além das fronteiras dos Campos de São João, procurando o Porto União no Rio Iguazu e no mesmo rumo até chegar novamente no Rio dos Patos. Adaptado. (Marcondes, 2010, p. 21).

[...] devemos entender que a política adotada pelo Governo foi de expansão de fronteiras, baseada em expedições militares de defesa, sem dúvida, para incrementar sua política econômica e social, baseadas nas transformações agrícola e populacional, visando, assim, o desenvolvimento daquelas áreas relativamente vazias. Portanto, o processo de ocupação de Guarapuava não foi espontâneo. Com esse intuito, foi promulgada a Carta Régia de 1º de abril de 1809, que estabeleceu os procedimentos de povoamento dos campos de Guarapuava. Nesta carta, o Príncipe Regente determinou não só o povoamento, como também diversas orientações quanto à civilização dos índios. (NETTO, 2006, p.03).

Imagem 3: Rota da expedição de conquista de Guarapuava



Fonte: CARDOSO, 1896, apud NETTO, 2006, p.04.

Situada a 250 quilômetros da capital Curitiba e localizada no Centro-Sul do estado do Paraná, Guarapuava possui seu contexto histórico referenciado ao nome dado aos campos gerais “descobertos” em 1770. Inicialmente com uma área de 175.000 km² (atualmente com 3.155 km²), seu povoamento foi resultado de um processo iniciado no século XVIII, com as expedições do Tibagi e Campos de Guarapuava, realizado pela Real Expedição de Conquista do Povoamento de Guarapuava, que buscava o reconhecimento e posse dos territórios que ainda não contavam com a presença do “homem branco”.

Em novembro de 1808, o governo resolveu impulsionar a conquista do povoamento de Guarapuava, formando a Junta Real de Expedição e Conquista de Guarapuava, autorizada pela Corte, e nomeado pelo então Príncipe Regente, Diogo Pinto Azevedo Portugal, para chefiá-la. De acordo com Izidoro (1971, p.24), “seguindo com ansiedade, na expectativa de

chegar, a 17 do mesmo mês (junho de 1810), pisava Diogo Pinto nos Campos de Guarapuava, perto das cabeceiras do rio que recebeu a denominação de Coutinho”.

Diogo Portugal então tratou de estabelecer a povoação, levantou o que ficou historicamente conhecido como Fortim Atalaia, também identificado pelas batalhas enfrentadas contra os índios, iniciando, desta forma, o repovoamento de Guarapuava. Segundo Izidoro (1971), em 1819, por meio do alvará expedido pelo Governo Real, como já citado, a Freguesia de N. Sr. de Belém em, 1821, contava com uma população de 180 pessoas, sem considerar os índios locais.

Não sendo diferente de outras partes do país, a história de Guarapuava é pautada em conflitos e mortes. Nessa cidade, porém, o marco da ação real aconteceu em 1810, quando da chegada aos campos de Guarapuava de uma grande expedição, com mais de 300 pessoas, dentre os quais havia cerca de 200 soldados, com o objetivo de garantir o sucesso das fazendas de gado da região. No dia dois de julho, acampam no lugar denominado Atalaia, último ponto alcançado pelo capitão Paulo Chaves em 1774. No dia 29 de agosto, os Kaingangs fizeram um ataque em massa ao acampamento. Diogo Pinto e o padre Francisco das Chagas Limas atestaram a firme defesa do tenente Antonio da Rocha Loures. Sustentou corajosamente a defesa deste aquartelamento do Atalaia por espaço de seis horas. (SILVESTRE, 2016, p.31).

Imagem 4: Representação Fortim Atalaia



Foto: Marcos Guerra - Fonte: commons.wikimedia.org/wiki/User:Engmguerra#Algumas_fotos

Somente em 17 de junho de 1852, a Freguesia foi elevada à Vila, passando à categoria de cidade de Guarapuava em abril de 1871. Segundo Fernando Netto (2007, p.35),

Guarapuava é uma dessas áreas que, no início do século XIX, teve importante papel face do Governo Imperial em defender seu território de

possíveis investidas dos espanhóis e em expandir as fronteiras agrárias. Por isso, o processo migratório para a formação de seu povoamento foi fundamental para essa localidade. As características básicas de sua população estavam relacionadas com o tripé grande propriedade de terra, mas não devemos esquecer que havia as pequenas propriedades também, o senhor e o escravo, e por um determinado tempo, a participação da população indígena local, que não conhecemos tanto quanto seria desejável.

Para Netto (2006), os aspectos militares dessas expedições eram importantes para definir a autonomia dessas áreas a partir do Governo em relação aos seus domínios, com objetivo de preservar, expandir as fronteiras e incrementar a política econômica e social, visando ao desenvolvimento daquelas áreas relativamente vazias.

O povoamento de Guarapuava, em seu início, foi marcado por intensos movimentos migratórios, como consequência das políticas implantadas pelo Governo e pela expansão de duas atividades econômicas (NETTO, 2007), como é possível notar no quadro populacional de Guarapuava entre os anos 1853 e 1900, extraído parcialmente da obra Guarapuava: História de Luta de Trabalho:

Quadro 5 – População de Guarapuava

Ano	População total	Livres	Escravos ¹⁴
1853	2.771	2.370	401
1863	3.036	2.445	591
1872	8.447	7.628	849
1890	8.943		
1900	13.124		

Fonte: Marcondes, 1998, p.66.

Com esses elementos, fica evidente que a base da economia de Guarapuava, estava centralizada na pecuária extensiva, destinada à demanda de carne que havia em São Paulo e Rio de Janeiro (CLEVE, 2015a). Com distância acentuada dos principais núcleos populacionais e com vias de comunicação em péssimo estado, ainda assim Guarapuava era uma cidade-político estratégica. A localização geográfica mais próxima das fronteiras nacionais era de interesse nacional tanto durante o regime imperial, quanto no tempo da república.

¹⁴ A Lei Áurea, n.º 3 353 de 13 de maio de 1888, extinguiu a escravidão no Brasil.

Jornal *O Guayra*

O leitor certamente se questionará: Um jornal em uma cidade nos sertões do Paraná? Quem eram os leitores? Qual o objetivo da manutenção de um jornal em uma cidade com baixa densidade populacional?

O Guayra foi fundado ¹⁵em 04 de abril de 1893 e circulou na cidade e região até junho de 1899. Era a única referência de mídia impressa no interior do estado naquele momento. Editado pelo dinamarquês, Luiz Daniel Cleve, teve dois proprietários, sendo eles: Seraphim Ribas e J. Correa Junior.

As máquinas impressoras adquiridas com intuito de produzir o jornal, vieram de Curitiba até Guarapuava em lombos de muares, conduzidas pessoalmente por Seraphim Ribas, fundando na cidade a primeira Tipografia. Sobre Serafim Ribas, discorre o álbum de Guarapuava (Editora Oliveira, 2ª edição, 1928), conforme citado por Cleve (2009a, p 38):

Dedicou-se o coronel Seraphim Ribas à carreira commercial na qual demonstrou-se desde logo as suas invejáveis qualidades de trabalho, sua capacidade productora e invencível energia e força de vontade bem intencionada. Montou em 1892, por conta própria a primeira Typographia de Guarapuava, fundada desta arte o primeiro jornal que ali se publicou – O Guayra – de nobre e gloriosas tradições.

[...] O Guayra que tinha como seu redactor chefe o venerando cidadão Luiz Daniel Cleve iniciou sua publicação a 4 de abril de 1893, causando extraordinário sucesso por ser o documento vivo de uma grande e assignalada vitória contra as maiores dificuldades consideradas então insuperáveis, pois Guarapuava não dispunha naquela época nem sequer uma estrada de rodagem que a ligasse aos centros civilizados do paiz. O transporte das machinas e material necessários às officinas do jornal do qual daria brilho immortal do seu talento a saudosíssimo Luiz Daniel Cleve, operou-se por entre picadas, cortadas no ínvio da mata bravia, sobre lombos de animaes cargueiro. O feito arrojado a muitos parecia um sonho irrealizável do coronel Seraphim tudo venceu e o Guayra passou para a história de Guarapuava como luminoso padrão de glória ao nome do seu ilustre fundador.

Nesse contexto, nasceu *O Guayra*. Como a imprensa do interior do Paraná, no final do século XIX, buscou acompanhar os assuntos que circulavam na época, apresentando muito além de mera informação e utilizando do discurso jornalístico em benefício da cidade (e de um determinado grupo social), trazendo para a linha de frente os temas que seu redator

¹⁵ Em sua segunda fase *O Guayra* foi redigido pelos jornalistas Euclides Requião e Alexandre Cleve (1908 e 1910). 1917 – 1919 – redatores Dr. Antonio Serpião Figueiredo e Taumaturgo de Miranda. (MARCONDES, 2010, p.391).

julgava pertinente e relevante, permitindo a exposição de perspectivas e promovendo a prestação de contas entre os diversos públicos. Assumia-se, assim, o papel de mediador e legitimador ao publicizar os “desejos e demandas” de uma cidade.

Com publicações semanais, em formato *standard* (aproximadamente 50cm por 30cm), geralmente com quatro páginas (raramente as edições traziam um número diferente deste), três colunas e de forma sucinta, o semanário era estruturado na seguinte ordem: na primeira página, era possível notar os valores do semanário, diferenciado entre assinantes locais ou não e as matérias destaque. Nas publicações iniciais, não havia informações sobre os valores referentes aos anúncios ou texto (a pedido). Já a segunda e terceira páginas traziam a continuação do editorial, informações sobre outras localidades próximas ou não, como é o caso de notícias sobre a capital Curitiba ou de outros países. Destacava-se, também, uma mescla de informações como notas de casamento, de falecimento, textos sobre novos empreendimentos entre outros. A última página era dedicada, na maior parte das vezes, aos anúncios os quais parte deles traziam além das informações de local e produtos oferecidos, textos conceituais.

Vale ressaltar que, muitas vezes, uma matéria era finalizada em outras edições, como em sequências, necessitando do leitor o acompanhamento de duas ou mais edições para o conhecimento na íntegra das informações, estratégia recorrente em jornais do século XIX e início do século XX. Essa estratégia servirá como base para a seleção dos textos que serão analisados, ou seja, serão selecionados preferencialmente, artigos que possuem sequências em suas publicações.

O acervo do semanário está espalhado em diferentes espaços de preservação, em que se destacam o Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (CEDOC-UNICENTRO), Casa Benjamin C. Teixeira e Instituto Histórico de Guarapuava. No início, tínhamos posse de aproximadamente 100 edições, que abrangiam os anos de 1893, 1894, 1895, 1897, 1898 e 1899. Havia poucas edições referentes aos anos de 1894 e 1895 e nenhuma edição publicada no ano de 1896. Após pesquisas e alguns contatos, obtive acesso a outras edições por meio do Sr. Murilo Teixeira, Casa Benjamin C. Teixeira, do qual, a maior parte do acervo já fazia parte do material adquirido e digitalizado.

Posteriormente, também por intermédio do Sr. Murilo Teixeira, consegui acesso a outras edições do semanário, material que, ainda sem identificação do proprietário, foi localizado no Instituto Histórico de Guarapuava. Desta forma, com prévia autorização, digitalizei outras 83 edições do jornal *O Guayra*, somando 185 publicações digitalizadas, o que totaliza, aproximadamente, 712 páginas, já que algumas edições fugiam do habitual de

quatro páginas, apresentam até 6 páginas. Dentre este último acesso, foram localizadas 28 edições do ano de 1896. Após a organização cronológica e leitura do semanário, fora estruturado o arquivo intitulado “catalogação do conteúdo”, desenvolvendo um quadro descritivo sintetizando os assuntos abordados em cada página do *Guayra* numerando também a ordem em que se apresentam nas publicações (quadro anexo). Durante o processo de pesquisa, todas as edições encontradas foram analisadas, conforme é possível verificar no quadro que segue:

Quadro 6 - Quadro de edições do jornal *O Guayra*

Ano de circulação	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	Total
Número de edições encontradas e analisadas	30	06	29	34	45	19	22	185
Proprietário	Serafim Ribas	Serafim Ribas	Serafim Ribas J. Correa Junior	J. Correa Junior	J. Correa Junior	J. Correa Junior	J. Correa Junior	
Editor	Luiz Daniel Cleve	Luiz Daniel Cleve	Luiz Daniel Cleve	Luiz Daniel Cleve	Luiz Daniel Cleve	Luiz Daniel Cleve Romualdo Baraúna	Luiz Daniel Cleve	

Fonte: Dados da pesquisa

Nem todas as edições estavam com a qualidade necessária para leitura ou possuíam todas as páginas, dificultando o acesso complementar de algumas informações o que, no entanto, não impediram os resultados da pesquisa.

No período e circulação do jornal, identificamos uma pausa no ano de 1894, possivelmente ocasionada pela Revolução Federalista¹⁶, difícil de precisar o período e o real motivo considerando as edições não encontradas ou outros documentos comprobatórios.

¹⁶ Artigo Análise do jornal O Guayra durante a Revolução Federalista nos anos de 1893 a 1895, apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Guarapuava – 29 a 31 de maio de 2008, discorre sobre o semanário e Daniel Cleve, sugerindo que a Revolução Federalista seja o motivo da possível pausa. Nota da autora: há um erro no

Inicialmente, o jornal teve como proprietário o Sr. Serafim Ribas (1893 – 1895) e depois o Sr. José Corrêa Junior (1895-1899), do qual aparece na edição n.º 02 de 1895 como gerente e na edição n.º 03 de 1895 como proprietário.

Romualdo Baraúna, engenheiro agrônomo, nasceu no dia 25 de maio de 1872 em Santo Amaro (BA). Foi funcionário público, trabalhando como delegado de terras e fiscal de colonização. Mudou para o Paraná onde trabalhou como inspetor do Telégrafo e comissário de terras na comarca de Guarapuava, cidade que fixou sua moradia e colaborou como redator de diversos jornais paranaenses. Foi presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná nos biênios 1922/23, 1924/25, 1928/29 e 1930/31. Faleceu em 1937, em Curitiba¹⁷.

As capas do jornal *O Guayra* sofreram alterações durante suas edições, sem perceber a essência informacional. Em apenas uma das edições encontradas há uma quebra em seu formato, do qual considero uma edição especial (comemorativa ao 15 de novembro).

A primeira edição localizada data de 28 de abril de 1893 e apontava como assunto principal, a preocupação com as estradas de rodagem e com a colonização das terras, assuntos decorrentes durante toda a existência do semanário. O texto, enviado por Lacerda Werneck, foi publicado na capa do *O Guayra*, destacando, assim, o assunto.

A Estrada de Rodagem

O ilustre D^o Lacerda Werneck enviou-nos o seguinte artigo que, pela sua importância, publicamos na secção editorial, fazendo nossas as palavras do distinto magistrado. “Parace-me que n’este negocio tão criminosa seria a indolência dos Guarapuavanos com a do Governo do Estado. A colonisação é o problema capital de nosso futuro econômico. Mas a colinisação não virá sem as vias de comunicação, que facilitem aos imigrantes o ingresso nas férteis zonas incultas, abandonadas ainda em imensas extensões aos selvagens e as feras.

[...]

A estrada de rodagem (precisaria eu demostral-o?) attrahirá para a cidade e seus arredores população sedentária, que se prenderá ao solo pela herdade – habitação e a cultura, tornando-se um elemento perpetuo de vida e prosperidade para o logar.

É tão palpitante a necessidade imediata da noddá estrada de rodagem, interessa de tal modo aos Guarapuavanos e a todos os Paranaenses, que eu penso será o empréstimo projectado três vezes coberto em todo Estado. Mas a nós outros, de Guarapuava, cumpre dar o exemplo de patriotismo. Não somente: mostrar que temos uma intuição clara e exacta de nossos próprios interesses. A postos, pois! (*O Guayra*, capa, edição 04, 28 de abril de 1893)

ano publicado, página 07 do artigo “6 de janeiro de 1893, o editorial da edição n.º 40”, considerando a inauguração do jornal em abril de 1893 e as edições analisadas, o ano correto referente ao artigo citado é 1894.

¹⁷ Não é objetivo deste estudo explicar sobre as personalidades Serafim Ribas, José Corrêa Junior e Romualdo Baraúna, mesmo tendo conhecimento da importância dos mesmos para o semanário assim como para a história de Guarapuava e do Paraná. O foco permanecerá no editor principal, Coronel Luiz Daniel Cleve e seu discurso trabalhado no próprio *O Guayra*.

Os artigos publicados no jornal, assim como as cartas, formavam parte das discussões realizadas fora da imprensa, das conversas em lugares públicos e privados, como clubes, cafés entre outros, espaços esses de sociabilidade. Na medida em que as cartas são disseminadas, os assuntos deixam de ser somente parte de diálogo e tornam-se palpáveis por meio das linhas e páginas do semanário, tomando assim uma discussão para além de um pequeno grupo. As cartas recebidas e publicadas deixavam que esses assuntos saíssem “dos cafés” e, através da leitura, permitiam a retomada do assunto e a extensão ao público leitor (que muitas vezes não frequentam ou faziam parte desses espaços de sociabilidade).

A publicação de cartas destinadas ao editor era algo frequente e com assuntos diversos, principalmente nos primeiros períodos do semanário, oferecendo veracidade e definindo o grau de importância aos assuntos descritos. Algumas delas eram providas de outros municípios, demonstrando, dessa forma, a abrangência do veículo como é o caso da correspondência recebida de Palmas e publicada em 23 de setembro de 1893, que noticiava o falecimento do Visconde de Nacar.

Illustre Redactor d’O Guayra

Sinto que pela primeira vez que tenho ensejo de me dirigir a vossa illustrada pessoa na qualidade de redactor do importante e bem rigidido Guayra será para assumpto que cobre de luto os nossos corações.

Fomos no dia 17 do expirante sorprendidos dolorosamente por um telegrama, transmissor da noticia de haver exhalado o ultimo suspiro o venerando e benemérito Visconde de Nacar. Quem commosco conhecia a grandeza da alma d’aquelle grande vulto do Paraná, não podia deixar de contristar-se vehemente ao ter conhecimento d’aquelle factu. (*O Guayra*, 23 de setembro de 1893, nº 25, p. 02.)

Nas edições de 1895, ainda é possível encontrar a publicação de cartas direcionadas ao editor Luiz Daniel Cleve como a enviada de Petrópolis, pelo Visconde de Taunay, o qual descreve as saudades e as belezas naturais de Guarapuava,

Petrópolis, 27 de novembro de 1895, Amigo e Sr. Luiz Daniel Cleve, Tenho recebido o jornal Guayra com regularidade e, de cada vez que o percorro, sinto saudosissima recordação dessa bela cidade, em que passei quase trez dias completos tão gratos e alegres. Que ar puro, leve, perfumado, alli-se respira! Como que os meus pulmões ainda conservão deliciosa impressão... (*O Guayra*, 22 de dezembro de 1895, nº 31, p. 02).

Os estabelecimentos comerciais de Guarapuava marcavam as páginas do semanário com seus anúncios, demonstrando o “espaço urbano” e a “civilidade”. Ocupando geralmente a última página, as publicidades divulgavam os estabelecimentos locais e suas especialidades.

Lojas de tecidos, alimentos, secos e molhados, armarinhos, em alguns momentos já com uma linguagem promocional e textos conceituais.

Os anúncios são pagos e auxiliam juntamente com os assinantes, manter o jornal financeiramente viável. Na capa, na maioria das edições, há o valor por anúncios e por linha publicada (matéria paga). O anunciante DOCA aparece frequentemente nas publicações, assim como Alfredo da Silveira negociantes.

Imagem 5 –



Fonte: *O Guayra*, anúncios, 08 de julho de 1893, página 04

Imagem 6 -

<p style="text-align: center;">Alfredo DA Silveira</p> <p>Negociante de fazendas, ferragens, calçados, chapéus, roupas feitas, molhados, armarinho, café, assucar, arreios, drogas vidros para vidraça, moldouras para quadros, vellas de composição, nacionalaes e da terra, e uma infinidade de objectos que encheria o Guayra, se mencionasse.</p> <p>Perfumaria!... X.P.T.O</p> <p>Lindas MEIAS para Sr^{as} Lomens e criança, como ninguem tem!</p> <p>Sapatinhos de Sr^{as} como não ha</p> <p>Quanto á preços, è só vendo..!</p> <p>E' quasi dado</p> <p>Phosphoro segurança, maço \$100</p> <p>Carriteis : 160</p> <p>Tiras bordadas estreitas, p^a : 200</p> <p>Manteiga supr. 2:500</p> <p>Gomma caixa 120, 240 e :480</p> <p>E assim é tudo</p> <p>Mas: só A DINHEIRO!</p> <p>Fiado, nesta casa não se falla.</p>	<p style="text-align: center;">Salomão Fini- anos & Irmãos</p> <p>Grande sortimento de Fazendas, miudezas e molhados, alem de um esplendido sortimento de chapéus modernos de todas as qualidades, chegados á ultima hora.</p> <p>Preços sem competidor.</p> <p>Guarapuava 24 de Julho de 1895</p> <hr/> <p style="text-align: center;">OS Barateiros!</p> <p>VENDA A' DINHEIRO</p> <p>Fazendas e roupas feitas com vinte por cento sobre a factura</p> <p>E' pichincha,</p> <p>APROVEITEM, até o fim do anno.</p> <p>Guarapuava. 1 de Setembro de 1895</p> <p>Joaquim Gonçalves da Motta</p>	<p style="text-align: center;">EXPEDIENTE</p> <p style="text-align: center;">ASSIGNATURAS</p> <p>Município «Anno» 8\$000</p> <p>« Por 6 mezes 5\$000</p> <p>Para fora « Anno 10\$000</p> <p>« « « 6 mezes 6\$000</p> <p style="text-align: center;">PAGAMENTOS ADIANTADOS</p> <p>Todos os artigos e publicações devem ser dirigidos à Redacção, no Largo 15 de Novembro.</p> <p>Os artigos que não forem publicados, não serão restituídos. Serão aceitos todos os escriptos que tratarem dos interesses municipaes, ou geraes, uma vez que venham redigidos em termos convenientes.</p> <p>Annuncios à 60 reis a linha</p> <p>A pedido à 80 reis a linha</p> <p>Outras publicações conforme previo ajuste.</p> <p>Pagamentos e encomendas devem ser dirigidos à esta Typographia.</p> <p style="text-align: center;">O GUAYRA</p>
--	--	---

Fonte: *O Guayra*, 22 de setembro de 1895, p. 04. *O Guayra*, capa, 13 de outubro de 1895

A recorrência dos temas e a continuidade dos artigos em edições posteriores são comumente encontradas no semanário. Um exemplo é a discussão levantada pelo semanário referente aos mendigos locais, como uma preocupação de como proceder, fundamentada em estatísticas e informações de outros países, vistos como modelos de civilização e progresso, como é possível acompanhar nas edições 20 e 21 de 1895:

Os mendigos

Vamos ocupar-nos hoje de um assumpto de grande importância social o que assás há sido discutido por homens pensadores, merecendo atenção dos legisladores desde a mais mota antiguidade. Deixamos em primeiro lugar pessoa competente falar: Chama-se mendigo ao homem que estende a mão e que solicita como donativo o que não lhe foi devido como salario. Esta especie que vive á custa d'aquelles que importuna, é para a sociedade o que o verme é para o individuo. Infecta as cidades, devasta os campos na província onde, depois de ter desaparecido por algum tempo, se manifesta

mais numeroso que nunca. Os mendigos operam com certa habilidade. Nas cidades, dividem entre si os postos pelos bairros e freguezias; emboscados como as aranhas, esperam ora a porta da casa do jogo, ora a porta da Igreja, ora a porta do teatro. (*O Guayra*, nº 20, capa, 06 de outubro de 1895).

Os mendigos (título) (continuação). Admirar-se-hão muitos dos nossos Leitores, se lhes disser-mos que a nobre profissão do mendigo é uma das mais rendosas, não exigindo capital, nem despezas. Vamos consultar dados estatísticos que pudemos apanhar. A republica dos Estados Unidos da America do Norte conta com cerca de 30.000 mendigos, quasi sem excepção vagabundos, denominados “Tramps”, que constituem uma verdadeira praga dos campos, que no verão elles inundam em todas as direcções, para retirarem-se no inverno para a cidades. A Italia conta mais ou menos 13.000 mendigos privilegiados, isto é, que tem licença das auctoridades competentes. (*O Guayra*, nº 21, capa, 13 de outubro de 1895).

Para a cidade que buscava a modernização e o progresso, os mendigos eram vistos como um problema, não obstante, demonstrando o contrário do ideal de civilização. Significavam, portanto, o importuno, o incomodativo, a pobreza, tudo o que a cidade não deveria ter para ser vista como moderna e próspera. Era necessário afastar a pobreza da imagem da cidade moderna.

O semanário buscava acompanhar os assuntos que circulavam na cidade e em sua região, mas também abordava as discussões pautadas em âmbito nacional e internacional. Na série “mendigos” é possível notar essa correlação realizada pelo editor sobre os problemas locais e internacionais. Seu editor selecionava, de uma determinada maneira, como cada assunto que elegeu para a pauta seria desenvolvido até chegar ao seu público, desempenhando seu papel como veículo de comunicação e como ferramenta para persuadir os interesses políticos, sociais e culturais – tal como Habermas notou no surgimento da imprensa burguesa.

O Guayra, por intermédio dos seus discursos e representações, teve um papel notável como um dos primeiros jornais do interior do Paraná. Com um olhar marcante de seu editor, Luiz Daniel Cleve, trouxe à tona vários assuntos como a estrada de rodagem, desenvolvimento da agricultura, Revolução Federalista, assim como publicações legais, anúncios e notas de nascimento e falecimento. Na publicação de 05 de abril de 1896, Cleve comenta as dificuldades financeira enfrentadas pelo semanário e discorre sobre a possibilidade de fechamento do jornal, conforme publicado na capa do *Guayra*:

Aos nossos assinantes

Em 14 de maio entrante o *Guayra* completa o segundo anno de sua existência.

Assumindo a redacção deste pequeno periódico, tive em vista prestar algum serviço ao importante e futuroso município em que resido, tornando conhecida as riquezas naturaes, chamando a attenção dos poderes

competentes sobre as necessidades discutindo as condições sociais e econômicas em que vive, e apontando novas indústrias que devem ser ensaiadas entre nós, parecendo-me que um jornal local embora modesto, e de pequeno formato como é o nosso, seria benevolmente acolhido pelos sñrs fazendeiros e agricultores guarapuavano.

Mas, apesar do favorável acolhimento que gozou no começo “O Guayra” tanto no município como fora, assim como na Capital, Rio, S. Paulo, etc, de certo tempo pra cá começaram as devoluções, por forma que, se os municípios de Guarapuava e Palmas não sustentarem o pequeno orgam das duas importantes comarcas do extremo Oeste do Paraná, será infallível a sua retirada da arena jornalística, tendo o fim de todos os periódicos litterarios que tem surgido na capital e localidades do interior do Estado.

[...]

Assim, se subscrive um numero de assignantes, sufficiente para fazer face as despezas do jornal a empresa estará habilitada para continuar. (*O Guayra*, nº 46 de 05 de abril de 1896).

Mas foi somente com a edição nº 50 de 08 de julho de 1899, que *O Guayra* encerrou suas atividades, publicando como matéria de capa o texto assinado por Luiz D. Cleve em que pontua:

Com este numero deixa de existir o Guayra.

Fundado em 1893, o nosso modesto Jornal conta, com pequenas interrupções, seis annos de vida.

A ninguém deve surpreender a ephemera existências do periódico Guarapuavano; basta attender ás malogras tentativas feitas em outras localidades do Estado, e mesmo na capital, ás enormes difficuldades com que luta a imprensa, á indiferença manifestada pela maioria do publico a tudo que respeita á instrucção, ás questões vitaes do paiz, tendentes a economia publica, ás indústrias, sobre tudo a agricultura – basta acompanhar a marcha da imprensa paranaense do interior, para não extranhar, o desaparecimento da arena jornalística do órgão guayrense que hoje vem apresentar nas despedidas ao benévolo publico.

[...]

Diz-me a consciência que si não consegui realizar tudo quanto desejava, attingindo ao fim proposto – isto faz em parte devido aos meus escassos recursos intellectuaes – combati lealmente pelo progresso desta bellíssima parte do vasto território brasileiro, nossa querida pátria comum, lutei em prol do interesses de um dos previlligiados e mais ricos e futuros municípios do Paraná.

Terminando, corre-me o dever de agradecer ao publico indulgente, aos generosos collegas d’imprensa, e as amigos os favores e o benévolo acolhimento dispensados ao humilde peonner dos sertões do Oeste do Paraná. (*O Guayra*, nº 50 de 08 de julho de 1899).

Segundo Teixeira (2013), jornal auspicioso, engrandeceu a comunidade e possibilitou um “discurso” educativo através de textos preparados principalmente pelo seu redator, Luiz Daniel Cleve.

Se os jornais são papel central na construção da sociedade burguesa, reforçado por Habermas (1984), é claro que precisamos avançar e compreender quem elaborava os conteúdos nos primórdios da imprensa guarapuavana. Isso nos auxiliará a demonstrar como o jornal participou da construção de uma realidade local e possibilitou a formação de um território ainda em desenvolvimento. A partir dessa perspectiva, o próximo item discorrerá sobre o editor de *O Guayra*, Luiz Daniel Cleve.

1.4 O editor Luiz Daniel Cleve

É visível a importância de Cleve para o município de Guarapuava e para o desenvolvimento do Paraná. A cidade que adotou para morar, prestou sua homenagem denominando ruas (Rua Daniel Cleve) e praça (Praça Cleve) com o seu nome. Seus filhos Daniel e Alexandre também são nomes que aparecem constantemente nos arquivos históricos, assim como seu bisneto, o desembargador Jeorling J. Cordeiro Cleve, que escreveu a biografia do bisavô em 2009.

Editor da maioria das edições do jornal *O Guayra*, nasceu em 25 de agosto de 1833, na Vila de Otlensen, município de Altona, Ducado de Holstein, na Dinamarca, uma região que neste período era marcada pelo cenário de guerra (Guerra dos Ducados). Nessas circunstâncias, Daniel Cleve, então estudante de Medicina, com receio de ser convocado para a guerra, decide sair do país, emigrando para o Brasil em 1854, aos 22 anos, na recém instalada província do Paraná, vindo residir em Guarapuava. Conforme pontua Jeorling Cordeiro Cleve,

O tropeiro e fazendeiro Cel. Jacob Siqueira Côrtes, proprietários da sesmarias do Capão Alto, em viagem com sua tropa, arreada (cargueiros), em busca de sal, na cidade portuária de Paranaguá, então Província do Paraná. Por acaso, conheceu o jovem imigrante dinamarquês, Luiz Daniel Cleve, provindo da Europa, quintanista de medicina, estudos esses feitos em Berlim- Alemanha. Em conversa com o tropeiro Siqueira Côrtes, este perguntou para onde se dirigia, Daniel Cleve respondeu que sua pretensão era radicar-se na República Argentina. Jacob S. Cortês convidou-o para vir com ele até a cidade de Guarapuava, contando-lhe da altitude de nosso planalto, e, que o clima assemelhava-se ao clima europeu; de pronto Daniel Cleve aceitou o convite e acompanhou o tropeiro. Chegando à pequena cidade de Guarapuava, achou que era o lugar ideal para residir. (CLEVE, 2009a, p.23).

Chegando à cidade de Guarapuava, trabalhou inicialmente na Fazenda Capão Alto, com serviços gerais e após um período, devido aos seus conhecimentos, passou a exercer a

função de mestre-escola, lecionando para os filhos de fazendeiros da região. Casou-se em 1858 com Francisca Presciliana de Almeida e dedicou-se também às atividades de agricultura e pecuária, estendendo com tempo suas atividades para a política e o jornalismo, além da prática da filantropia e outras iniciativas, tornando-se personalidade conhecida na história de Guarapuava.

Nasceu Luiz Daniel Cleve (Ludwig Daniel Heinrich Klèwe), como mencionado nos diversos trabalhos que tratam de sua biografia e conforme consta do assento de seu casamento com D. Francisca Presciliana de Oliveira e Almeida Cleve, realizado na Paróquia de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava, e do seu passaporte de emigração, na Vila Otlensen, Município de Altona, Bahrenfeldt, Ducado de Holstein, Dinamarca, no dia 25.08.1883, sendo filho de Carlos Christiano Cleve e D. Henriqueta Frederica Maria Magdalena. (CLEVE, 2009a, p.19).

Do casamento com Francisca, que faleceu em 1889, nasceram Luiz Daniel Cleve Junior, Daniel Cleve, Maria Magdalena Cleve, Cherobim Cleve, Eugênio Cleve; José Theodor Cleve, Francisco Cleve, Francisca Cleve, Ana Jesus Cleve, Manoel Cleve, Alexandre Cleve. Casou-se novamente em 1892, com Francisca Alves Guimarães, não havendo, porém, filhos deste matrimônio.

Devido aos serviços prestados durante a Guerra do Paraguai, recebeu de D. Pedro II a patente de Tenente ¹⁸Coronel do Exército Nacional.

Sua atuação é comparada à de sentinela avançada. Observava e transmitia ao governo imperial o movimento das fronteiras da Argentina e Paraguai. Fez sentir a precisão urgente de postos militares nos arredores dos rios Santo Antônio, Iguaçu e Paraná. Durante a Guerra do Paraguai redobrou a atividade. Prestou tão relevantes serviços, que mereceu ser chamado à Corte. (NICOLAS, 1954, p.155).

Compõem-se nos arquivos do Centro de Documentação e Memória – CEDOC (Unicentro – Guarapuava) o termo de solicitação para naturalização (livro 1876-1879; código 002326; registro 876.01.029-002326) assim como outros documentos que comprovam o trabalho do Coronel Cleve como cidadão preocupado e ativo na política e na sociedade. Porém, encontramos no arquivo histórico Benjamin C. Teixeira, documento assinado em 1870 juntamente com Francisco de Paula Pletz, a divisão do imóvel Vassoural. Consta da ata da

¹⁸ Por ocasião da Guerra do Paraguay, tão bons e reaes serviços prestou o digno cidadão a bem dos interesses brasileiros, que o Imperador D. Pedro II o agraciou com a superior patente de Tenente Coronel do Exercito Brasileiro (CLEVE, 2009a, p33).

Câmara Municipal de 18.04.1876, o atestado que Luiz Daniel Cleve e Francisco de Paula Pletz trabalhavam, conforme o termo há 6 anos como agrimensor (anexo 01), época em que se naturalizou.

Com a instalação da Província do Paraná, trabalhou também no departamento imperial, onde “observava e transmitia ao governo imperial o movimento das fronteiras da Argentina e Paraguai (NICOLAS, 1954, p. 155). Desempenhou vários cargos eletivos por nomeação, entre eles o de Inspetor de Ensino, Diretor ¹⁹dos Índios, Juiz Comissionário de Terras.

Desenvolveu um papel importante como Diretor dos Índios, conforme aponta Mota (2012, p. 89), ao escrever sobre a história do Paraná, que cita Cleve ao discorrer sobre a questão dos relatórios enviados ao presidente da província em 1879, do qual trazia o quadro da situação dos índios na até então comarca de Guarapuava:

O relatório de prestação de contas do presidente da província, o Sr. Dantas Filho, datado de janeiro de 1880, traz como grande questão a ser resolvida o aldeamento de 2.500 índios Kaingang que estavam espalhados nos territórios a oeste e a noroeste de Guarapuava, nos famosos campos de Pahy-ke-rê, tanto nos vales dos rios Ivaí e Piquiri como nos campos dos divisores das águas desses rios. Dantas Filho utilizou como referencial o relatório enviado por Daniel Cleve em fins de 1879 sobre a situação desses índios. Nessa época, Cleve lhe fez um quadro da situação dos índios na comarca de Guarapuava.

O trabalho de Cleve com o aldeamento indígena é também descrito com o objetivo de estabelecer o “convívio amistoso” com os índios, já que o Paraná, neste período, possuía uma imensa população de indígenas “do qual era necessário manter a ordem” e “civilizá-los”. Daniel teve um papel importantíssimo como um dos pacificadores, reunindo como o cacique Janguió, “incutindo, aos poucos, no espírito dos selvagens a vantagem de se aliarem aos brancos” (NICOLAS, 155). É também por seu intermédio que o governo imperial “cede” uma vasta área de terras aos índios, como é o caso do aldeamento das “Marrecas”, como afirma Mota (2012):

¹⁹ A função tinha por objetivo a pacificação dos índios “não domesticados” para que não atacassem as cidades e vilas. Processo de civilização no qual os índios seriam integrados ao então recente Império do Brasil. Cabiam aos diretores dos índios a supervisão e a fiscalização das medidas instituídas pelo Diretório dos Índios, como, por exemplo, a distribuição de terras para o cultivo, as formas de tributação, a produção e a comercialização agrícola. Assim como a inserção dos índios na “civilização” que seria realizada de formas diferentes, como o ensino da língua portuguesa e a obrigatoriedade do uso de roupas. Texto adaptado: MAPA – Arquivo Nacional Memória da Administração Pública Nacional. <http://mapa.an.gov.br>

Para a instalação do novo aldeamento de Marrecas, em Guarapuava, e atração dos índios que viviam nos vastos territórios do oeste e noroeste da província, não havia verbas, e para qualquer gasto nesse sentido deveria ser solicitada a autorização do Ministério da Agricultura. Esse aviso reiterava as ordens expedidas pelo Ministério de não se fazer despesa alguma da verba da catequese além daquelas já estabelecidas no orçamento. (MOTA, 2012, p.90)

Cleve foi eleito deputado provincial (biênio 84/85) e estadual (1910/1911), como consta no livro 130 anos de Vida Parlamentar, de Maria Nicolas, participando das Comissões Permanentes do Comércio e Indústria, da Instrução, Educação, Catequese e Civilização dos Índios e da Estatística. Infelizmente não foi possível encontrar documentos dos períodos como deputado, já que, segundo informação da Assembleia Legislativa do Paraná, a documentação foi perdida no incêndio ocorrido em setembro de 1994, do qual destruiu o setor de arquivos, restaurante e duas agências bancárias.

Em janeiro de 1894, no semanário *O Guayra*, há menção ao seu nome ao publicarem os vereadores que tomaram posse no dia 28 de janeiro:

Camara Municipal
 Foram nomeamos:
 Para prefeito municipal: o coronel José de Freitas Saldanha.
 Para Camaristas:
 Pedro Alves da Costa Machado.
 Christiano Plethz.
 Raphael de Oliveira Lima.
 Francisco José da Rosa.
 João de Abreu e Araujo.
 Gabriel Lopes Branco.
 Fortunato Theorodo de Abreu.
 Luiz Daniel Cleve.
 A nova Camara tomou posse no dia 28 de janeiro de 1894.
 (*O Guayra*, nº 44, capa, 03 de janeiro de 1894).

Múltiplas são suas ocupações, dedicando -se também ao cultivo da ciência médica, “para alcançar inúmeras bênçãos no seu exercício que praticava, e a imprensa, onde figura com distinção. *O Guayra*, que fundou em 1893, foi um órgão da imprensa paranaense em que seu espírito brilhou para ilustrar não só o oeste como o Paraná inteiro”, (CLEVE, 2009a, p.33), ilustrando artigos sobre paleontologia, zoologia, flora e fauna guarapuavana pela imprensa reclamava a devastação das florestas e estimulava a agricultura (NICOLAS, 1954, p.155). Editor na maioria das edições do semanário, Cleve afastou-se no ano de 1898, assumindo como editor Romualdo Bararuna e, em janeiro 1899, retorna como editor, finalizando a circulação do semanário com a edição nº 50, em 08 de julho de 1899.

Como jornalista, também colaborou com artigos para os jornais *Dezenove de Dezembro*, *Província do Paraná*, *Eco* entre outros, assim como em diversas revistas literárias e científicas. A sua preocupação com a saúde pública assim como o trabalho desenvolvido através da política é possível de serem observados nos arquivos do Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual do Centro-Oeste – CEDOC.

Nas edições do *Guayra*, por diversas vezes, foram publicados comunicados para vacinação, tendo como responsável Luiz Daniel. No mesmo semanário é possível encontrar artigos referentes à beleza natural de Guarapuava e região, a preocupação com as estradas de rodagem, assim como a educação da população, assuntos estes já defendidos por Cleve como é possível constatar nos arquivos encontrados entre os anos de 1868 até 1882, período anterior as publicações do jornal. Neste documento, datado de 21 de agosto de 1882, ele escreve sobre a importância da educação e propõe lecionar de forma gratuita da escola noturna.

Imagem 7:

O abaixo assignado que tem a honra de ser membro da illustre e patriótica corporação a quem torna a liberdade de dirigir-se como cidadão que deseja ver melhorada a instrução pública, vem respectivamente perante V.ª M.ª offercer os seus exiguos recursos, propondo-se a leccionar gratis na aula noturna que a Ill.ªm.ª Câmara Municipal pretende fundar. Declara mais, que o Sr. Luiz Jakob, professor habilitado, autorizou-o a levar ao conhecimento de V.ª M.ª que, de accordo com o abaixo assignado concorre igualmente gratis com o seu valioso auxilio para o mesmo fim.

O que tenho a honra de participar a Ill.ªm.ª Câmara Municipal que se dignará de providenciar do modo que melhor entender.

Deus Guarde a V.ª M.ª

Guarapuava 21 de agosto de 1882.

Luiz D. Cleve

Fonte: CEDOC – Luiz D. Cleve - Carta

O envolvimento de Cleve com a comunidade, sua preocupação e a do grupo social que pertencia, a busca de soluções para situações locais e regionais, são evidentes nas páginas do *Guayra*.

Em 1913, a convite do então governador Carlos Cavalcanti de Albuquerque, chefiou uma comissão de terras ao Oeste paranaense, em Foz do Iguaçu, onde veio a falecer em agosto de 1914, aos 81 anos²⁰.

A partir da contextualização do momento da imprensa e dos fatores políticos, sociais e econômicos do Paraná no século XIX; da cidade de Guarapuava, no que tange sua localização e representação do “sertão paranaense”; do semanário *O Guayra* e de seu editor Luiz Daniel Cleve, a pesquisa discorrerá buscando demonstrar como esse meio de comunicação participa da construção de uma realidade, na formação do indivíduo bem como de uma sociedade. A influência dos ideais europeus, dos conceitos que moldam a civilidade e urbanização, propagados no discurso jornalístico, que mostram o caminho a ser seguido pela sociedade (a elite) para atingirem a tão almejada modernidade.

²⁰ Transladação dos ossos do Coronel apenas aconteceu em 1946, de Foz do Iguaçu para o Cemitério Municipal de Guarapuava, onde possui um mausoléu erguido em sua homenagem

CAPÍTULO 2

O GUAYRA E O DISCURSO DA MODERNIDADE

Há jornais de todas as tendências, desde os conservadores aos populares. Na sua forma tradicional, o jornalismo representa e divulga acontecimentos, além de comentar, analisar e opinar sobre os assuntos publicados. O discurso expressado pelas linhas do jornal, possibilitaram a construção de memória, apresentando ao leitor como aquele que possui a verdade sobre a realidade. Como pontua Schwarcz (1987), a imprensa, ao adentrar às cidades do interior, auxiliou na reprodução dos valores e representações da sociedade.

Os jornais do final do século XIX, além de informarem sobre os acontecimentos, também trabalhavam com o intuito de instruírem o grande público, de forma a exercerem um papel informativo e educativo. Ao lado do progresso e desenvolvimento do Estado do Paraná, registraram ativamente as transformações pelas quais a sociedade paranaense passava. Caso esse do semanário *O Guayra*, que não se posicionava como mero veículo de comunicação, mas sim como mecanismo de participação política e instrumento político de combate no espaço público (as linhas dos jornais). Sendo porta voz de partidos ou grupos que defendiam alguma posição política, buscava produzir informações para atender interesses desses públicos (interesses aprovados) e defendia publicamente alguma posição política.

Ao aprofundar os estudos sobre a história e o próprio semanário, precisamos deixar de lado a visão de que seu editor e proprietários buscavam somente serem meros instrumentos de propagação da informação de forma desinteressada ou de interesse voltado exclusivamente para a cidade, sem ganhos pessoais. É possível identificar a participação do *Guayra* na disseminação de um pensamento, sendo capaz de influenciar comportamentos e auxiliar na formação de uma opinião pública ao discursar sobre um ideal de modernidade.

Dentro do período escolhido para análise, o jornal impresso era um dos primeiros grandes veículos de comunicação de massa, de forma que, ao analisá-lo, é necessário pensar no contexto social específico da época. Schutz (1987) fala de uma comunicação, ou mesmo construção, da realidade por parte dos meios de comunicação em que os critérios empregados são os valores das notícias. Para os receptores, porém, que não têm acesso primário à maioria dos assuntos noticiados, esse mundo construído torna-se uma realidade “verdadeira” (MEDITSCH, 1997). Para Schwarcz, veículo de comunicação mais eficiente, a imprensa aos poucos foi ganhando uma capacidade maior de penetração no interior da população alfabetizada da cidade, refletindo e produzindo valores e representações. (SCHWARCZ, 1987, p. 65).

O semanário, que é o objeto de estudo dessa dissertação, por intermédio das notícias, propiciou ao leitor formas de compreensão compartilhadas que permitiriam enfrentar o cotidiano e compreender acontecimentos e ideias, e possibilitou moldar normas, valores e atitudes (SOUZA, 2010 p.192).

Cabe, portanto, ressaltar que o que chega até ao leitor é resultado da mediação dos jornalistas do impresso, os quais muitas vezes pertencem a um determinado grupo político, à elite, e ao interesse expressado pelo editor, possivelmente ligado ao desejo desse grupo. Construindo seus textos para que os leitores compartilhassem da mesma ideia, o jornal impulsionava um discurso da modernização e do progresso.

De acordo com Souza (2010), cada palavra, cada modo de anunciar, cada escolha tipográfica, cada entonação de voz são responsáveis por construir o acontecimento de uma dada forma, ou seja, o jornal não é apenas um material impresso, ele corrobora com a construção de unidade narrativa, de uma realidade, fazendo parte da construção social de uma época. Souza reforça que

A imprensa começou a ter um papel de estaque na vida social, principalmente no período que marcou a passagem do século XIX para o século XX. Momento marcado pelas transições de pequenas a grandes imprensas nos principais centros urbanos brasileiros. Sua atuação passou a traduzir as novas ideias e hábitos gerados pelas transformações vivenciadas pela população, tornando-se o espaço privilegiado para a discussão dos problemas e rumos da sociedade (2010, p.21).

Em seus artigos, o jornal, ao destacar a cidade e seus melhoramentos, alinhava-se aos anseios de progresso almejados pela sociedade que o consumia. O discurso da modernidade, como será apresentado no decorrer desta pesquisa, é parte constante das publicações do semanário *O Guayra*. Tembil (2007) explica que:

Tal como outras cidades no país, a guarapuavana foi envolvida pelo desejo de modernização e progresso que desembocaria, nas décadas subsequentes, na remodelação de seu espaço físico e em nova configuração social na medida em que passou a atrair maior contingente populacional (TEMBIL, 2007, p.44).

Segundo a mesma autora, as mudanças que se dão no tecido urbano em fins do século XIX e meados do século XX se inscrevem no contexto das transformações postas pela própria modernidade. As profundas alterações técnicas e culturais gestadas durante o avanço do capitalismo inauguram um intenso fluxo de mudanças que afetariam relações sociais,

dinâmicas da economia internacional, percepções e reações quanto aos novos estímulos engendrados ao dinamismo inato à nova ordem, perpassando as noções de espaço e tempo e desembocando na formulação de novos hábitos cotidianos e na instituição de conjuntos de representação permeados pelas lentes do movimento. Para Tembil (2007), a questão urbana passa a ser entendida como uma questão de desenvolvimento. A urbanização, então, torna-se um dos ícones do progresso, um modelo a ser seguido para atingir a modernidade. Assim, as alterações instauradas por esse processo apresentam uma nova concepção de sociedade. O tradicional, seguindo esse raciocínio, deveria ter suas culturas transformadas, indo além dos aspectos materiais da cidade.

Desta forma, buscaremos compreender o papel da imprensa neste movimento em busca da modernidade, como o semanário posicionou-se como porta voz dessas mudanças, bem como a percepção em seu discurso de exaltação aos ganhos dessa modernização e suas consequências. Considerando o próprio semanário símbolo de progresso e modernidade chegando a cidade como: produto, produtora e participante do processo. Assim como o envolvimento do semanário com a comunidade (já que os proprietários e Cleve eram cidadãos de destaque na cidade) e a busca de soluções para os problemas locais e que também estimulava a comunidade a lutar por melhorias.

Nas palavras de Slotuk (2015), os periódicos do século XIX, no Brasil, voltavam-se, portanto, para um público específico, aos governantes políticos, aos fazendeiros, à pequena elite urbana, e o conteúdo do semanário correspondia ao que interessava a este pequeno grupo. A participação e a deliberação dos cidadãos para os assuntos públicos não são novidade. Há vários estudos que relatam o uso de ferramentas e estratégias para que mais pessoas participem do processo. Sendo assim, é possível visualizar o semanário como uma dessas ferramentas que vislumbrava a possibilidade de o cidadão comum também deliberar assuntos públicos. Habermas (1984) garante que uma das soluções para que a sociedade conquistasse mais poder estaria na imprensa, pois ela seria um canal aberto a outras opiniões públicas. Os jornais forneceriam as bases para que a política se transformasse em uma coisa pública.

Marques (2008) explica que Habermas estabelece uma distinção entre duas etapas da relação entre os meios de comunicação e a esfera pública. No início da revolução burguesa, a imprensa tinha o papel de mediar e estimular o uso que “pessoas privadas”, reunidas em um público, faziam de razão. Posteriormente, os meios de comunicação condicionaram a troca e a “fabricar” uma opinião “não pública”, cuja origem é o resultado da imposição de vontades particulares. Os meios de comunicação podem ser considerados uma dimensão privilegiada da

esfera pública cuja função consiste em encampar, reconstruir e reproduzir pontos de vista diversificados, articulando o conteúdo discursivo que circula nas diferentes esferas deliberativas do processo político (MARQUES, 2008, p.34).

As aspirações e a pretensão do Paraná adentrar à modernidade são notadas pelo discurso em busca da urbanização e a proliferação cultural advinda da capital do Estado. É desta forma, e considerando este contexto, que a cidade de Guarapuava está inserida e a preocupação com as temáticas selecionadas ganha força no discurso modernizador propagado pelo *Guayra*. Discurso esse, que não podemos esquecer, reflete as relações de poder e de dominação de um público distinto, neste caso, a elite guarapuavana.

Para ilustrar, a edição número 47 de 12 de abril de 1896, logo após anunciar a cobrança da taxa escolar, destaca em sua capa a importância do jornal para o progresso e seu papel na educação moral e intelectual junto aos seus leitores:

“Já, no numero passado, fizemos ver o papel e a influência que este modesto jornal representa nestas remotas paragens. É ele dedicado exclusivamente á advocacia dos interesses e do progresso desta rica porção paranaense, e ninguém, parece-nos, pode contestar os benefícios que tem elle conseguido junto dos poderes públicos e dos industriosos, de certo tempo pra cá, a bem dos nossos direitos”.

A importância do semanário e dos artigos publicados demonstram a importância da imprensa nas cidades do interior que sinalizam o progresso e as características de uma sociedade que buscava a modernidade.

O intuito, ao realizar e discorrer sobre esses recortes, é demonstrar como *O Guayra*, desempenhou o seu papel enquanto instrumento de interesses das relações políticas e propagou suas ideias, considerando também como os meios de comunicação são uma dimensão privilegiada da esfera pública, os quais trabalham com o intuito de fortalecer, construir, reconstruir e reproduzir as notícias bem como partem do ponto de vista do jornalista (editor) e dos partidos e/ou posição que defendiam, articulando o conteúdo discursivo que circulava nos variados contextos do processo político. Promove-se, assim, um espaço de difusão e amplificação de assuntos escolhidos como primordiais, possibilitando uma discussão entre os públicos envolvidos em diferentes esferas públicas.

De que forma um jornal localizado no interior do Paraná conseguiria ter o alcance e promover os debates necessários? Objetivando responder a essa pergunta, analisamos, primeiramente, o contingente quantitativo, explorando todo o seu conteúdo, e, após, selecionamos qualitativamente artigos que tratassem das temáticas escolhidas considerando a

recorrência e a importância das mesmas, que demonstrassem a preocupação e o desejo da modernização da cidade narradas pelo editor do jornal. Dessa forma e nessa ordem, serão apresentadas quatro temáticas que darão suporte a essa discussão: as vias de comunicação, a indústria agropastoril, instrução pública e saúde pública. Assuntos esses que acreditamos serem os alicerces para a transformação da cidade e do estado.

2.1 Vias de comunicação

A primeira temática apresentada é referente às vias de comunicação como estradas com qualidade para o transporte, vias terrestres e fluviais, que facilitassem e permitissem os deslocamentos para a chegada da modernidade. Afinal, por exemplo, como incentivar a produção agropastoril se não há como transportar a safra ou o gado?

É com esse desafio que Zacarias de Góes Vasconcellos assume como o primeiro governador da Província do Paraná (1853). Considerando a precariedade das vias de comunicação, tinha entre os objetivos do seu governo, o desenvolvimento das estradas de rodagem, já que o deslocamento entre as principais cidades e vilarejos dependia delas, da viabilidade de transporte hidroviário e da instrução pública. Visando ligar Curitiba ao litoral, Vasconcellos iniciou o projeto da estrada da Graciosa. Era evidente para o governo, não somente o do primeiro presidente, mas também àqueles que o sucederam, que o desenvolvimento econômico e o progresso da província dependeriam das vias de comunicação. Sobre isso,

Construir estradas e mantê-las parece ter sido uma obsessão dos governantes do Paraná desde a sua criação em 1854. A explicação pode ser encontrada nas relações entre autoridade e formação do território. Estradas significavam a presença do poder, a transformação da natureza em território administrado. [...] Aumentar o espaço significava aumentar a apropriação da natureza no sentido da moderna sociedade capitalista e, também, ampliar as ações de reocupação do território, até então controlado, ou pelo menos com a presença marcante, em grande parte por sociedades indígenas, especialmente as áreas a oeste do rio Cinzas, norte do rio Iguaçu e o rio Paraná. Os rios como meio de transporte foram, nas propostas e ações governamentais, gradualmente sendo substituídos por estradas de rodagem e depois, por ferrovias. (ARRUDA, 2008, p.161).

As estradas eram fundamentais para o desenvolvimento econômico e social, pois delas dependiam o transporte de mercadorias e produtos, como também a comunicação do interior com as principais cidades, vilas e povoados. O progresso estava ancorado na criação e melhoramento das vias de comunicação, porque eram por elas que poderiam chegar a

educação e a saúde, por exemplo. Mesmo, praticamente, quarenta anos depois, em 1893, já como República, a estrada de rodagem ainda é um dos assuntos mais abordados pelo semanário *O Guayra*.

Na edição nº 04, ano I, 1893, é possível verificar essa preocupação em dois momentos: um primeiro texto escrito por Lacerda Werneck, juiz da cidade; e outro, continuando o assunto, desenvolvido pelo então editor, Daniel Cleve. O conteúdo é destaque na primeira página do semanário.

A estrada de rodagem tem seu motivo calcado na localização da cidade, já que neste período os caminhos ainda estavam em processo de abertura e o acesso a outros municípios não facilitava. Guarapuava era uma cidade distante, de difícil acesso, com estradas extremamente precárias.

A questão das vias de comunicação, seja com vias térreas, férreas ou fluvial, é tema recorrente no *O Guayra* em todos os anos da sua existência, abordando as dificuldades de transporte, a luta para a construção e utilização das estradas e prestação de contas (intitulada subscrição para estrada de rodagem).

Imagem 8:

SUBSCRIÇÃO PARA A ESTRADA DE RODAGEM		ESTRADA DE RODAGEM	
Quantia já publicada	83:500\$	Quantia já publicada -	81\$000\$000
Tº Coronel Elias de Si- queira Cortes	1:000\$	Ponciano Mendes de Araujo	1\$000\$000
Somma	84:500\$	Tertuliano do Amaral Araujo	1\$000\$000
		Somma	83\$000\$000

Fonte: *O Guayra*, nº 14, p.03, 08 de julho de 1893.

Fonte: *O Guayra*, nº 12, p.02, 10 de junho de 1893.

A preocupação com as vias de comunicação como meio evidente da chegada do progresso e modernidade é notada em vários artigos. Em 1894, Cleve levanta o questionamento com o artigo intitulado “A estrada do sertão”, na edição de 06 de janeiro de 1894.

O anno de 1894 fará progredir os trabalhos da estrada de rodagem, esta única via de comunicação, da qual depende o progresso da grande comarca de Guarapuava? Nestas poucas palavras exprimimos uma das mais justas ambições da população do rico e futuroso município, que vê na estrada de rodagem o principal, o mais importante meio de impulsionar o progresso das industrias, o aumento da exportação dos productos naturaes e movimento commercial. O que torna realmente intransitável a estrada geral, é a falta de aterrados e pontilhões nos muitos córregos arrois des'a ponte do Rio dos Patos até a Esperança.

Cleve segue narrando as dificuldades encontradas no desenvolvimento da estrada e consequentemente do município, destacando que é uma solicitação dos habitantes do município, como se confirma no trecho a seguir: “Unindo as justas reclamações dos habitantes do município a nossa debil voz, pedimos providencias para que sejam removidos os obstáculos que embaraçam o livre trânsito na secção da estrada geral acima indicada.”

Os tropeiros, citados anteriormente, influenciaram o desenvolvimento e a cultura de Guarapuava. Para Marcondes (1998), a grande maioria dos fazendeiros se tornou tropeiro e, com a abertura da Estrada das Missões (via que interligou São Paulo e os Campos Gerais ao Rio Grande do Sul), e o aumento de tropas circulando na cidade, os guarapuavanos “enriqueceram e passaram a ter uma vida de mais conforto”, o que impulsionou o progresso e a modernização do município:

Quase todos os fazendeiros guarapuavanos tornaram-se tropeiros. Compravam mulas no Uruguai e em Corrientes, através dos passos de São Borja e Santa Maria.

De acordo com o Livro de Impostos de Guarapuava, com a abertura da Estrada das Missões, um grande número de tropas sulinas passou por Guarapuava.

Os guarapuavanos, como tropeiros ou como prestadores de serviços às tropas em trânsito, enriqueceram e passaram a ter uma vida de mais conforto, porque foi possível comprar mais escravos e construir os casarões da Praça da Matriz. Construíram os chafarizes, o prédio da Intendência (Prefeitura Velha), o Teatro Santo Antônio, o Mercado Municipal, apareceram grandes firmas comerciais, como a Sá Virmond & Cia, fundada em 1860 e a casa Missino, fundada em 1862.

Enfim, houve grande progresso econômico, cultural e político, pois o tropeiro dinamizou o comércio transportando as mercadorias, divulgou as notícias, conduziu as cartas, os jornais e as revistas e foi o forte elo da unidade nacional; (MARCONDES, 1998, p.81)

Tembil (2007) aponta que o tropeirismo possibilitou uma grande mudança social para a cidade e novos hábitos de consumo em que os mais abastados, além do poder aquisitivo, passaram a ter também, o poder político. Para a autora supracitada:

A cidade, nessa conjuntura, ia ganhando outros contornos que levariam a outras práticas em seu tempo. Assim, a maioria dos fazendeiros, mesmo passando grande parte do tempo em suas fazendas, passou a ter uma casa na cidade para qual vinha por ocasião de reuniões políticas, comemorações cívicas e festas religiosas, em especial a da padroeira Nossa Senhora de Belém. (TEMBIL, 2007, p. 75).

O discurso enaltecedor dos benefícios que as vias de comunicação trariam em prol do progresso, da economia e da modernidade, assim como as cobranças aos governantes, tornou-se recorrente no semanário. Em 13 de dezembro de 1896, em sua capa, destacava-se a cobrança da Estrada Imbituva-Guarapuava e a sua não finalização, que havia sido noticiada pelo *Guayra* em abril 1893, “esta estrada, escrevíamos em 1893, de há muito devia estar feita. Custa crer que durante o longo tempo decorrido desde a instalação da província do Paraná até hoje- quarenta annos, não se tenha ligado o rico município de Guarapuava à capital por estrada carroçável”:

Estrada de Imbituva – Guarapuava

Todos recordam ainda o entusiasmo com que foi saudada pela população Guarapuava a resolução do governo que em abril de 1893 determinou a construção da estrada de rodagem através do sertão, contrahindo, em auxílio aas despesas, um empréstimo de 100 contos neste município, com garantia de juros de 6% ao anno e reembolso no prazo de 5 annos, empréstimo que foi logo coberto, havendo assignaturas de dez e cinco contos de reis. Em dous annos, dizia-se, teríamos estrada carroçável, ligando o importante território da comarca fronteira pela nova via de comunicação ás principaes artérias do Paraná; em breve contava-se augmentar consideravelmente a exportação da herva matte, explorando os grandes hervaes da zona onde a indústria extractiva não tinha acesso.

[...] Esta estrada, escrevíamos em 1893, de há muito devia estar feita. Custa crês que durante o longo tempo decorrido desde á instalação da província do Paraná até hoje – quarenta annos não se tenha ligado o rico município de Guarapuava à capital por estrada carroçável; custa a crêr que nenhum administrador ou as Assemblêas legislativas, tenham realisado, embora com o andar dos tempos, tão importante melhoramento, em todas as épocas reclamado pela população guarapuavana, que se impunha com necessidade palpável e urgente, não unicamente para o bem estar e progresso do município, mas em prol da prosperidade do Estado inteiro cujas rendas deviam augmentar consideravelmente com aquella via de comunicação.

[...] sem estradas que levem vida ás regiões despovoadas, o progresso é impossível; devem comprehender que a comunicação franca e fácil destas regiões com os centros consumidores augmentará as rendas do Estado e a riqueza pública. (*O Guayra*, nº 23, p.01, 13 de dezembro de 1896).

Cleve faz um resgate das informações publicadas sobre a estrada em 1893 e demonstra sua indignação pelo não desenvolvimento de uma estrada carroçável, a falta de prioridade dos governantes e frisa: “sem estradas que levem vida às regiões despovoadas, o progresso é

impossível”. As vias de comunicação eram importantes para o desenvolvimento da cidade, pois somente por meio delas seria possível ter acesso à educação, saúde e a circulação das riquezas que Guarapuava apresentava. Segundo Tembil (2007), por um lado o problema das estradas incrementaria o desenvolvimento da cidade, de outro lado, esse mesmo desenvolvimento abriria espaço para reivindicação de outros serviços como abastecimento de luz, água e saneamento, insuficientes, pela estrutura apresentada, para acompanhar o crescimento da demanda de utilização.

Lacerda Werneck, em carta a Cleve, editor do semanário *O Guayra*, em 1893, pontua que para a modernização acontecer é necessário o trabalho do agricultor e das vias de comunicação. De acordo com Werneck:

Parece-me que n'este negocio tão criminosa seria a indolência dos Guarapuavanos como a do Governo do Estado. A colonisação é o problema capital de nosso futuro econômico. Mas a colonisação não virá sem as vias de comunicação, que facilitem aos imigrantes o ingresso nas férteis zonas incultas abandonadas ainda em imensas extensões aos selvagens e as féras. [...]

A estrada de rodagem (precisaria eu demostrá-lo?) attrahirá par a cidade e seus arredores população sedentária, que se prenderá ao solo pela herdade – a habitação e a cultura, tornando-se um elemento perpetuo de vida e prosperidade para o logar. (...)

É tão palpitante a necessidade imediata da nossa estrada de rodagem interessa de tal modo aos Guarapuavanos e a todos os Paranáienses. (*O Guayra*, nº 04, capa, 28 de abril de 1893)

Atrelada à questão de progresso e desenvolvimento, as vias de comunicação apresentam-se nos discursos do semanário, imprescindíveis para a crescimento econômico. Afinal, como escoar a produção se não há estradas ou vias que permitem o transporte até outros pontos centrais? Segundo Martins (1989, p.12), as estradas eram vias de comunicação fundamentais para o Paraná e a sua falta foi um dos principais entraves ao progresso do Estado.

Em 1895, houve um levante de artigos que tratavam da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul. As edições 12, 14, 15 e 24 trazem em seus textos a importância da estrada para o Estado, as cidades que seriam beneficiadas, as dificuldades para a sua construção, os valores de investimentos, atualizando, assim, os leitores sobre este feito, considerado para época, essencial para o progresso.

Na edição número 12, em 30 de junho, inicia-se uma relação de artigos referentes à estrada de ferro, inicialmente com o título “Estrada de Ferro S. Paulo – Rio Grande do Sul”,

descrevendo a situação do desenvolvimento da construção da estrada, qual seria a linha principal e as mudanças que deveriam ocorrer para que partisse de Ponta Grossa, atravessando o Tibagy e o Ivahy, considerando a alteração importante para a cidade de Guarapuava e de vantagem para a estrada de ferro S. Paulo – Rio Grande, já que o novo traçado era menos pesado que o de Imbituva, reforçando, assim, a importância da estrada para o desenvolvimento agrícola e comercial.

Estrada de Ferro

Os trabalhos da via férrea de Itraré a Santa Maria da Bocca do Monge tem caminhado muita actividade. Desde 25 de agosto começou a collocação dos trilhos de Santa Maria pra cá, e da estação – Pinhal- já adiantaram os trabalhos, É director d’aquela secção o engenheiro Beaufert, que há pouco requisitou de Curityba alguns trabalhadores práticos do serviço. A secção Itraré – Ponta Grossa acha-se sob a direção da companhia franceza, representada pelo Snr Cerjat. Um syndicato belga reunio o capital de 70 milhões de francos. Se bem que esta via férrea mede muito acima de 1000 kilometros, e passa por sertões despovoados, devemos esperar que, a vista dos recursos de que dispõe a companhia, do excellente pessoal tecnico, não levará muito annos para a sua conclusão. E esta é uma daquelas empresas que trazem reaes e immediatas vantagens para as regiões atravessadas pelas estradas; as zonas, hoje desertas, povoar-se-hão com rapidez e o movimento agrícola e industrial dará prosperar as povoações que não tardarão em erguer-se nas mattas onde hoje estão. (*O Guayra*, nº 23, 09 de setembro de 1893).

Estrada de Ferro

Conclue-se portanto que a rede de ferro S. Paulo – Rio Grande, por si, e em combinação com as que ella se unem, formará a viação sul – americana única e essencial para o desenvolvimento agrícola e comercial desta parte do Brazil, para as suas estradas estratégicas, em defesa das fronteiras entre Uruguay, a Argentina e o Paraguay, e quiça para a estrada transcontinental mais importante que se contruirá através da America Meridional. Como se vê a Companhia Estrada de Ferro S. Paulo – Rio Grande reconheceu pelos estudos feitos no ramal de Guarapuava, approvados pelo decreto de 09 de março de 1895, ser dito trecho de construção pesada, e requereu alteração do traçado pesada, e requereu alteração do traçado, tendo o seguinte despacho do Governo em 4 de fevereiro de 1895. Sejam approvados os estudos de accordo com a informação da inspetoria geral da estrada de ferro.

Quanto aos segundo pontos (alteração do traçado) escapa as attribuições do poder executivo a autorisação para se fazer as alterações substanciaes que a companhia propõe. A vista deste despacho, a companhia trata de requerer ao Congresso Nacional para obter a alteração. (Continua). (*O Guayra*, nº 12, p. 02 de 30 de junho de 1895).

A edição número 13, apresenta em sua capa, uma homenagem ao Marechal Floriano Peixoto e não há nenhuma menção à estrada. A continuação do artigo segue na edição de número 14, descrevendo o novo traçado que será requerido junto ao Congresso Legislativo e

sua importância para Guarapuava, enumerando os centros de povoação ao longo dos vales do Tibagy e Ivahy. “Ao nosso ver, pensa com muito acerto a directoria em buscar de preferência os valles dos grandes afluentes do Paraná, que pela sua fertilidade, clima temperado e salubridade se recommendam a collocação de núcleos agrícolas; mas é preciso atender às condições do ramal para Guarapuava”, como forma de alinhar o percurso da estrada e economizar em sua construção. Ocupando as páginas das edições números 15 e 17 de 20 de julho e 10 de setembro, respectivamente, volta a abordar a temática da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, descrevendo a importância da mesma para a cidade e a questão das tarifas cobradas.

Estrada de ferro S. Paulo – Rio Grande (continuação do nº 12)

Alteração de traço consiste em descer aos rios Tibagy e Ivahy, bifurcando para os do Piquiry e Iguassú. A directoria em sua exposição technica orça em 1,952 kilometros e 80 metros a extensão que fica a cargo da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, cabendo 941 kilometros 880 metros a linha principal, do Uruguay até Itarere; 860 kilometros aos sub-ramaes (por estudar) do Piquiry, Iguassu, etc; e 150 kilom 300 metros ao ramal de Guarapuava. E deste que vamos ocupar-nos. O novo traçado cuja a companhia vae requer ao Congresso legislativo, é importante, diz a directoria <para a região de Guarapuava, e de vantagem para a E.F.S.Paulo – Rio Grande, porque é menos pesada que a do Imbituva>. E para demonstrar a sua importância, enumera os centros de povoação ao longo dos valles do Tibagy e Ivahy que o traçado poderá servir. Ao nosso ver, pensa como muito acerto a directoria em buscar a preferencia os valles dos grandes afluentes do Paraná, “que pela sua fertilidade, clima temperado, e salubridade se recomendam a collocação de núcleos agrícolas; mas é preciso atender às condições do ramal de Guarapuava que, sendo levado aos centros mencionados no relatório, afastar-se-ha consideravelmente da zona que medeia entre Guarapuava e Imbituva, ou Guarapuava e Ponta Grossa. [...] Por estes dados se vê, que as zonas mencionadas no relatório da directoria, não podem ser atingidos pelo ramal que, na supposição de encontrar ahi terrenos mais favoráveis a contrucção (o que duvidamos) excederia aos limites de um ramal cujo fim é ligar Guarapuava a qualquer dos pontos mais convenientes da E.F.S. Paulo – Rio Grande. (*O Guayra*, nº 14, capa, 13 de julho de 1895).

Guarapuava lutou por mais de 100 anos para que a estrada de ferro chegasse até à cidade. Somente em 1928, iniciou-se a construção, a qual foi inaugurada em 28 de dezembro de 1954, e que demorou mais de 26 anos para o ramal chegar até Guarapuava. Esse, ainda em funcionamento, realizava apenas o transporte de cargas, principalmente as mais pesadas, como, por exemplo, de madeira serrada e toras de pinho, assim como de alguns grãos (soja e cevada) e batata para o Porto de Paranaguá (MARCONDES, 1998, p.122).

Da mesma forma que buscavam a abertura e melhor qualidade das estradas, também exploravam da navegabilidade dos rios, como, por exemplo, os rios Ivaí, Piquiri, Tibagi, Iguaçu e Uruguai, abrindo a comunicação com o Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai. (MARCONDES, 1998). A navegação também é assunto nos artigos do semanário, não como a mesma intensidade quando as estradas eram carroçáveis ou de ferro, como é possível constatar na edição 17 de 29 de julho e na edição 35 de 02 de dezembro, ambos de 1893:

Vapor Fluvial

A Casa Burmester, Thon & Cia de Curitiba mandou vir da Europa um pequeno vapor – chata – para a navegação fluvial no Iguassú e Rio Negro, apropriado para funcionar mesmo em tempo de seca e que segundo somos informados, tem excellentes cômodos para passageiros. Cumprimentamos aquelles senhores por este empreendimento.

Navegação do rio Iguassú

Brevemente chegará mais um vapor para passageiros, construído especialmente para a navegação fluvial dos rios Negro e Iguassú.

Não foram localizados artigos que discorressem sobre a navegação fluvial além de alguns similares como os exemplificados acima ou publicações para a construção de pontes em formato de edital:

Edital

O Cidadão Frederico Ernesto Virmond, Camarista, servindo de Prefeito Municipal de Guarapuava, faz publico, para conhecimento dos interessados, que, em cumprimento da resolução da Camara Municipal desta cidade mandando fazer a ponte sobre o rio Coutinho, no lugar que este cursado pela estrada que d'aqui dirige – se á Colonia de Chupim, vem por meio pôr ... arrematação da dita ponte, devendo os pretendentes apresentarem suas propostas em carta fechada na Secretaria da Prefeitura, as quaes as propostas serão abertas no dia 24 do mez vindouro, sendo preferida a que melhores vantagens offercer. Faz outrossim saber, para maiores esclarecimentos, que a ponte será construída pra cima do porto da balsa, e que a Camara Municipal dispões de grande parte da madeira destinada para a ponte, que será entregue ao proponente preferido, e que a planta e pagamentos da mesma ponte achase na Secretaria desta Prefeitura, á disposição dos interessados. E para constar lavrou-se este edital que será publicado pela imprensa local affixado no lugar de Costume.

Secretaria da Camara Municipal de Guarapuava, 23 de junho de 1897. Frederico Ernesto Virmond, servindo de prefeito. (*O Guayra*, 03 de julho de 1897).

No edital, o então prefeito Frederico Virmond cita o “porto da balsa” deixando subentendido que o rio Coutinho dispunha de um porto e era navegável por balsas.

Dessa forma, independente de qual tipo de via de comunicação, o semanário buscava apontar a importância da ligação entre as cidades e estados, já que os caminhos seriam essenciais para promover o processo civilizatório e auxiliar transitar a economia.

2.2 Agricultura e indústria.

A segunda temática apresentada é referente à agricultura e às indústrias, que carregam sua importância ao analisarmos a economia do Paraná voltada praticamente para a produção agropastoril e os despontamentos de pequenas manufaturas no interior do estado. Para Cleve, o progresso chegaria não somente com a derrubada das matas e a urbanização, mas com a utilização de técnicas e aplicação do conhecimento científico, rompendo com a ideia de sertão e atraso.

Os ciclos econômicos do Paraná, já citados no primeiro capítulo também, dentro do seu período de existência, foram assuntos abordados pelo *O Guayra*. Kruger (2010) esclarece que o extrativismo pastoril em Guarapuava, com a demarcação das glebas pelo sistema das sesmarias, nascendo assim, um longo ciclo da pecuária extensiva. Com a abertura da Estrada das Missões e a intensificação do tropeirismo, em 1870 os registros mostravam que aproximadamente 30 mil cabeças de muares e equinos eram transportados de Guarapuava para São Paulo. Kruger complementa dizendo que com o processo de arrendamento para internada e recuperação das tropas vindas do Sul, que permitia ganhos maiores e menos investimentos, atribui-se o início do declínio do tropeirismo, no final do século XIX. As pastagens exauridas pelas internadas de aluguel e a consequente redução de rebanhos próprios, trouxeram uma drástica redução dos seus rendimentos (KRUGER, 2010, p.162).

Mesmo após o declínio do tropeirismo, Guarapuava permaneceu com a sua economia voltada para a criação pastoril. No artigo intitulado “A Semana”, o editor levanta justamente a dependência de Guarapuava e Palmas da indústria desse segmento e a inexistência de outros devido à falta de vias de comunicação (novamente aqui, o progresso é esbarrado pela falta de estradas de qualidade).

A SEMANA

Não são muitos tranquillizadoras as últimas notícias que temos dos mercados de São Paulo e Curityba, em relação ao gado bovino. Accentua-se, a falta de dinheiro, os preços têm baixado, e os criadores platinos começam a remeter gado em melhores condições para mercados de Santa Catharina – Paraná,

São Paulo e Rio de Janeiro, rivalisanno em preços com os criadores do paiz apezar das grandes desepezas de conducção.

Os nossos fazendeiros, que não encontram explicação satisfactoria para o entorpecimento do commercio de bois, e retrahimento de capitaes, mostram-se apprehensiveis, e com razão, pois que nas comarcas de Palmas e Guarapuava não existe indústria além a indústria pastoril, e se acontecer que nella tenha de sofrer uma crise qualquer, o futuro financeiro destas duas comarcas estará seriamente comprometido.

Para compreender isto, é precizo attender a posição central dos campos de Guarapuava e Palmas, sem estarem ligados aos outros pontos do Estado por boas estradas. Ora, falta de vias de comunicação é o primeiro e quasi único obstáculo ao desenvolvimento de novas industrias, e é por isso que teem abortado invariavelmente as tentativas feitas para inicial-as, resignando-se da indústria pastoril.

[...] Não sabemos, e cremos não haver quem saiba ao certo, quantos bois são consumidos annualmente nos mercados do nosso estado, quantos vão para S. Paulo e Santa Catharina, e se realmente há excesso de gado crioulo, qual este número. Para que o Congresso possa decretar medidas protectoras, da indústria pastoril do Paraná, é indispensável que possua dados respectivos, ao contrario corre o risco de prejudicar os interesses do povo. (*O Guayra*, nº 31, capa, 22 de dezembro de 1895).

Ao mesmo tempo que expunha o problema com a ausência de cuidado com as terras, o semanário também apresentava artigos que explanavam sobre a falta de carne para consumo, como na edição nº 20 de 1895. “Já há muitos não há carne para consumo, e os açougues estão fechados. A população ensaia forçadamente o regimen vegetariano, contentando se com alguma carne de porco, mal preparada, salgadíssima, nociva a saúde, ou com xarque de mau aspecto”. Cleve questionava ao se perguntar como uma cidade com sua base econômica pautada na agropecuária, não possuía carne para consumo próprio e ao mesmo tempo esclarecia dizendo que “é facto averiguado que aqui come se a carne pior, visto que o melhor gado para consumo é exportado para S. Paulo, Curityba, Paranaguá e Antonina”.

O jornal também abordava os estudos referentes à questão agrícola, replicando algumas vezes os textos da revista “Agrícola”, outras vezes trazendo informações de estudos e pesquisas para melhoramento da criação bovina, cavalari e a produção de cereais. Intitulado “Meio de acabar com os chifres dos gados”, o artigo nº 15 de 1895, aborda a questão das “hastes das vaccas”, com informações de pesquisas de outros países como Inglaterra, Estados Unidos e Holanda, como pode ser observado a seguir: quatro vaccas hollandezas, sem pontas, alimentadas com máo pasto, davam 18 a 19 litros de leite por dia, ao passo que, da mesma raça bem alimentadas e com hastes, não davam mais de 12 a 15.

É importante perceber que Cleve sempre valorizou a ciência e a necessidade da aplicação de saberes na indústria agropastoril, o que demonstrava sua percepção sobre a

importância de modernizar os processos para atingir o progresso e crescer como mercado consumidor e exportador.

Em outro exemplo, o semanário aborda a quantidade de sal que cada país trabalhava com o gado, novamente apresentando dados da Inglaterra e também da França e apontando elementos destes locais e rendimento que eles apresentam como a quantidade de sal e a forma de distribuição ao gado (junho de 1897). Assim, trazia para o interior do estado as técnicas empregadas em países, como descrito por ele como “mais avançados”.

Em outubro de 1897, o editor solicita aos fazendeiros, leitores do jornal, que comuniquem as experiências e observações na época de parição do gado e continua o artigo apresentando alguns resultados publicados em outros jornais do Paraná, demonstrando, portanto, sua preocupação e conhecimento sobre o assunto, como é possível observar:

Epizootias

Na presente estação, época da prição do gado vaccum e quino, quando soem pparecer certas moléstias de character edpidemico nos terneiros e potrilhos, não será fora de proposito escrevermos algumas linas sobre este assumpto, reiterando aos srs. Fazendeiros o pedido, que já lhes dirigimos pelas columnas do jornal, de comunicar-nos os resultados de suas observações e experiencias.

Não podemos convencer-nos que os criadores residentes no município sejam indifferentes a questão de salvar annualmente grande parte – 8 a 10 %, e mais da produção do gado, levado por diversas moléstias, designadas com o nome genérico de peste, alias não estudadas, e perante as quaes o fazendeiro intelligente certamente não cruzará os braços, resignando-se á não pequena perda annual, que com o emprego de meios convenientes pode ser, quando não evitada in totum, aos menos bastante reduzida. (*O Guayra*, capa, 02 de outubro de 1897).

No ano de 1897, Cleve apresentou seis artigos, os quais traziam na capa, a seguinte temática: “A indústria pastoril”. O primeiro deles, publicado em maio, apresentou informações referentes a esse setor na República Argentina, realizando, em alguns momentos, a comparação entre a produção da Argentina com a do Brasil. Já na edição de 02 e 30 de outubro, Cleve volta a comentar sobre as “moléstias que annualmente atacam os animaes”, reclamando da indiferença dos fazendeiros ao seu apelo, em edição anterior, de compartilhar suas experiências.

Imagem 9:

O GUAYRA

Guarapuava, 30 de Outubro de 1897.

Industria Pastoral.

Por reiteradas vezes temos chamado a attenção dos srs. fazendeiros do município sobre as molestias, que annualmente com mais ou menos intensidade atacam os animaes cavallares e o gado vaccum, causando avultados prejuizos aos criadores que ate agora não cogitaram de combatel-as com meios racionaes.

Abrindo espaço nesta folha para as publicações que solicitamos, dos recursos therapeuticos empregados, dos me-

ios curativos sancionados pela experiencia, e das observações feitas pelos industriaes, tivemos o desgosto de encontrar geral indifferença, pois um unico fazendeiro sequer, respondeu ao nosso appello.

O assumpto, entretanto, é assaz importante para que delle nos occupemos; iremos, pois, tratando do mesmo embora nos falte competencia para com vantagem discorrer sobre esta parte da zootechnia geral.

Fonte: *O Guayra*, 02 e 30 de outubro e 1897

Na sequência dos artigos “Industrial Pastoral”, é possível observar o conhecimento do editor e a preocupação com a qualidade dos animais. Nas edições de 06 e 13 de novembro, os textos abordam o cruzamento das raças e os estudos realizados sobre e que algumas delas, nas palavras do editor, “não se dão bem nos campos do Paraná”, já que precisam atender às condições climáticas de cada local. Segue especificando e caracterizando cada tipo de gado, destacando os melhores cruzamentos já apresentados em pesquisas e a importância em conservar os tipos de raças, sem deixar degenerar. Ao finalizar o artigo publicado em 13 de novembro, o editor faz uma chamada para a próxima edição, do qual apresentará a questão das moléstias (enzootias), o que o faz ainda com o título de “Industria Pastoral”.

A edição de 20 de novembro inicia descrevendo as dificuldades que o veterinário possui com os meios terapêuticos e as moléstias que estão surgindo nos animais: “Difficil será para o veterinário, que tentar combater com meios therapeuticos os animaes das diversas espécies das nossas fazendas, de conhecer a fundo sua etiologia, visto que as condições em que vive essa criação tornam os estados da athologia especial extremamente penosos”. Aponta que uma das causas de algumas doenças pode ser justamente a não adaptação o clima e vegetação local:

Industria Pastoral (continuação)

Enzootias

[...] Só é verdade que algumas destas molestias são causadas em certos annos pelas condições atmosféricas, extremamente variáveis nestes planaltos, é todavia innegavel que encontramos a causa de outras enfermidades nas condições dos vegetaes que constituem a, alimentação do gado vacucum, equino e ovino. Em nossa opinião é este o ponto que merece maior atenção, e solicitude do industrial; infelizmente porém, não se tem dado importância alguma a esta questão, aliás vital para o criador. Sabe-se que os campos de Guarapuava e Palmas, por causa da sua formação geológica, são melhores que os Campos Geraes, e que em certas zonas ainda criam soffrivelmente, mas sabemos também que em tempos passados os animaes eram muito mais vigorosos e sadios, e a engorda mais fácil; a alimentação era, portanto, melhor e mais abundante. Não deve isto causar estranheza, pois além do depauperamento do solo pelas gramíneas, os campos foram estragados pelas queimas annuaes, perdendo-se totalmente os adubos naturaes, consumidos pelas chammas, e nem ao menos aproveitam os saes contindos nas cinzas, que são levadas quasi sempre pelas aguas pluviaes. Semelhante ao processo irracional, e a conservação permanente de avultado numero de animaes nos campos, devia forçosamente imprimir-lhes sensíveis modificações, como aconteceu, sendo hoje a vegetação diversa da que vimos em outras epocas. Dessappareceram certas gramíneas que forneciam boa alimentação, e nasceram outras de mistura com hervas, arbustos, e fetos, improprias para nutrição animaes, e tanto mais abundam, quanto maior é o número de gado conservado no campo. (*O Guayra*, capa, 20 de novembro de 1897).

No último artigo intitulado “Industria Pastoral” (ano de 1897), Cleve faz um resumo dos artigos anteriores e continua a descrevendo as moléstias dos animais e as possíveis causas, como a alimentação inapropriada devido às pastagens de má qualidade. Aponta que outro problema para o desenvolvimento da indústria pastoril ainda é a conservação primitiva dos cuidados devidos com o gado: “nossos criadores, que, desprezando todos os preceitos da zootechnia, conservam a rotina dos primitivos povoadores destes campos (...). Para que nossos fazendeiros se convencessem do que afirmamos, isto é, que a alimentação dos animaes é insufficiente e de má qualidade, bastaria que se fizesse a enumeração das poucas espécies gramíneas que são comidas pelo gado”. Cleve retoma também a questão do esgotamento do solo com as contínuas queimadas, o que além de prejudicar sua qualidade para plantações futuras, impede o crescimento de gramíneas de boa qualidade, reforçando ao final, a importância de conservar as suas características.

Na edição número 20, de 19 de agosto de 1893, a questão com os cuidados da terra já era destaque na capa do semanário, onde Cleve, no artigo “As Terra de Lavoura do Município”, discorre sobre as terras férteis e a necessidade de sua conservação para que continuasse produtiva. Ele explica que:

...para que os habitantes por largo tempo possam fruir os benefícios que decorrem da posição vantajosa do logar, é condição essencial a boa conservação das terras de uso comum, madeiras de construção, arvores fructíferas, herbaes. (...) culpa dos proprietários que, em vez de zelar delas, recolhem annualmente animaes bovinos, cavalaes e suínos que devastam aquellas propriedades.

Finaliza o artigo solicitando que a legislação municipal seja respeitada, chamando a atenção dos Camaristas sobre o assunto. Daniel Cleve também alertava os pecuaristas para as consequências degradantes do costume tradicional da queima dos campos, que era praticada no fim do inverno de cada ano. Chamava ainda a atenção para o descaso do manejo das pastagens, que não obedeciam ao princípio regenerador da rotação dos animais em pastos subdivididos, o que, segundo o jornalista, garantia tempo de “descanso” para recuperação das gramíneas e leguminosas. Ele previa que o pastejo, como praticado, acabaria por degradar os campos e reduziria sua capacidade de suporte.

É possível que existam outros artigos que complementem o discurso do semanário sobre a importância da Indústria Pastoril e a necessidade de compreendê-la para o seu desenvolvimento e progresso, mas como já citado, algumas edições não foram encontradas.

O olhar de Cleve sobre a importância da implementação de outras indústrias, além da pastoril, é evidente em uma relação de cinco artigos publicados em 1893, intitulados “As Nossas Industrias”. Logo no primeiro publicado, Cleve já demonstra a realidade do município: “Devíamos ter escripto essa epigraphe no singular, pois que em rigor o município de Guarapuava, comquanto conte com mais de setenta annos de existência, tem uma única indústria, a pastoril” e conclui o parágrafo culpando a falta de estradas que liguem a cidade aos centros consumidores. Considera-se, ainda, que a indústria pastoril não é explorada da melhor forma e que não buscam o aperfeiçoamento na criação do gado e animais cavalaes. Na segunda publicação, há continuação quanto á indústria pastoril, considerando o pequeno agricultor e a necessidade de todos aperfeiçoarem a criação de animais, contribuindo assim para a prosperidade do município.

O terceiro artigo, publicado em 12 de agosto, segue calcado na necessidade de aprimoramento ao trabalhar na Industria Pastoril, e que, enquanto a agricultura e a criação de animais seguir velhos costumes, não haverá o progresso e o desenvolvimento: Vae então exercer a indústria agrícola? Ainda não, pois que esta indústria entre nos não existe; o que se chama de agricultura, reduz-se simplesmente á velha rotina, derrubar o mato, queima-lo, e plantar milho e feijão quanto basta para o passar.

As nossas Industrias (continuação)

[...] Haverá quem diga que exageramos, que pintamos o quadro com côres por de mais negras. Infelizmente é verdade tudo que affirmamos, e basta percorrer uma pequena parte do município para reconhecer que talvez ainda não tenhamos dito tudo quanto poderíamos dizer sobre o atrazo da lavoura.

Cumpre pois que façamos exforços para melhorar a sorte dos criadores em pequena escala, tratando ao mesmo tempo de iniciar o progresso da agricultura e isto com a máxima urgência, sé não quizer-mos ver definhar cada vez mais a única indústria, diminuindo as rendas do município e a exportação, baixando os productos em numero e valor, o que significa o atrazo de muitas famílias. Tente-se ensair alguns dos melhoramentos indicamos, ao menos na esfera dos recursos actuaes, decretem o Governo e as Municipalidades algumas medidas com o fim de proteger e animar taes tentativas, e ver-se-há que, se estes exforços e ensaios ao começo esbarram em difficuldades creadas pelo afferro á rotina velha e pela ignorância de muitos, vence afinal a boa vontade, a perseverança daquelles que com exemplos vão persuadindo aos rotineiros das vantagens do trabalho racional e intelligente. (*O Guayra*, nº 19 de 12 de agosto de 1893), capa.

Parte da publicação de 09 de setembro está borrada, impossibilitando, dessa forma, a sua leitura na íntegra. No entanto, do que foi possível analisar, trata do investimento realizado na criação de gado suíno, mesmo sendo inferiores às despesas necessárias para a sua produção e que, apesar de não possuir dados sobre o consumo de banha e toucinho, acredita que o Paraná deveria fazer a criação de porcos uma de suas fontes de renda. Já no artigo publicado em 16 de setembro, o editor destaca a criação de animais ovinos, ao assegurar que

As nossas industrias (continuação)

Dissemos em o nosso ultimo artigo que os meios para empregar para melhoramento da indústria pastoril, excitando o zelo de nossos criadores, devem consistir em meios directos e indirectamente: ora, havendo o typographo oprimido a palavra indirectos.

[...] Estes criadores e seus descentes acham-se realmente em circunstâncias precárias, piorando de anno em anno, mas eles devem convencer-se que, se o pedaço de campo por eles occupado é muito pequeno para fornece-lhes os meios de subsistência nas condições ...exercício da indústria pastoril e agrícola, segundo os preceitos zootechnicos. Aquelles campos, ora improductivos, incultos e de aspectos desolador, com as moradas quaes chácaras sem lavouras, podem converter-se em centros productivos e florescentes, garantindo vida independente e certa abastança aos seus proprietários, contribuindo para a prosperidade commum ao município.

[...] O criador intelligente que quizer abandonar o antigo systema, deve ter em vista crear animaes bons, melhorando as raças, embora menos em numero, com o fim de augmentar sua renda. (*O Guayra*, nº 18 de 05 de agosto de 1893).

Entre as edições encontradas há, em 1896, outro artigo publicado com similar título: “Nossas Industrias”. Apesar de danificado pelo tempo e as manchas impossibilitarem a sua leitura, é possível observar que os questionamentos, após 3 anos, continuam os mesmos. Ei-

los: “insistem em viver, bem ou mal, da indústria pastoril... a estes provamos com dados irrecusáveis que, si elles continuarem na rotina velha, e não mudarem de rumo emprehendendo industrias novas, vão caminho da ruina e da miséria;” em outra parte do texto volta a discorrer sobre as belezas naturais do município e a falta de estradas ao afirmar que: “no exercício de novas e rendosas industrias, afim de promover a prosperidade particular e tornar florescente o município de Guarapuava, tão rico em productos naturaes, mas tão atrazado que nem estrada tem.” (*O Guayra*, edição nº 03 de 07 de junho de 1896)

Em 10 de junho de 1899, o semanário destaca a produção de algodão nas terras do então capitão Frederico Virmond, com bons resultados e colheita satisfatória, bem como do desenvolvimento da cultura e da fundação de um engenho. O artigo não deixa claro o local das terras e do engenho, mas ao mesmo tempo, comenta sobre o desenvolvimento de Guarapuava e do Estado.

Ainda em 1896 começam a ser publicados alguns anúncios (publicitários) referentes às indústrias municipais de cerveja e de vinho, mas não há publicações sobre a inserção destas modalidades na economia da cidade, como é o caso da fábrica de cerveja do Sr. Frederico Meyer. Assim, “estabeleceu-se nesta cidade com fábrica de cerveja, remetteu-nos amostras do seu produto, que agradecemos, e chamamos attencção sobre o respectivo annuncio na secção competente”. (*O Guayra*, edição nº 12, p03, 08 de agosto de 1896). O editor nomeia de seção competente a quarta página do semanário, dedicada aos anúncios, que traz sobre a cervejaria:

INDUSTRIAS MUNICIPAES

Chamamos atenção sobre a fabrica de cerveja do industrial Frederico Meyer, estabelecido nesta cidade, cujos os productos tivemos occasião de examinar e podemos garantir sem exagerar que a cerveja ahi fabricada pode competir com a melhor cerveja fabricada em Curtityba. Sendo o preço muito mais modico que o da cerveja importada (1\$000 a garrafa) e não tendo os inconvenientes desta, que encerra para a boa conservação, drogas nocivas á saúde, como o acido salicylico, e outras, lucra o município em proteger tal indústria, deixando de importar este artigo, hoje enormemente sobrecarregado de imposto, e taxa do cambio. Militam, pois, em favor do consumo do producto do município, razões econômicas e hygienicas que certamente moverão os srs. commerciantes e consumidores a dar preferencia a cerveja nacional. (*O Guayra*, nº 12, p.04, 08 de agosto de 1896).

É frequente artigos que validavam a qualidade do produto, entre as páginas 02 e 03, geralmente intitulos como “Industrias Municipaes”. Em alguns deless é possível perceber a técnica publicitária hoje conhecida como testemunhal, onde o editor comenta ter consumido o produto e indica aos leitores de forma sutil e elogiosa.

Industrias Alcoolicas: Pelo acreditado commerciante desta praça, nosso digno amigo Capitão Francisco Solano Camargo foi-nos oferecido um frasco do já conhecido e apreciado Bitter <A Mulat> excelente produto da fabrica Progresso Paranaense dos Srs Nascimento, Silverio & Comp, e de que é exportador. Recomendamos essa saborada bebida que além de agravel do gosto, contem propriedades carminativas e peitoraes pelos ingredientes que entram em sua composição. Agradecidos. (*O Guayra*, p.03, 23 de setembro de 1898).

Vale destacar que o artigo que segue também remete à dificuldade de encontrar produtos de qualidade, mostrando um mercado aberto e cheio de oportunidades. Finaliza, entretanto, comentando sobre o produto recebido.

Industrias

Ainda entre nos jaz no completo abandono o serviço de estabulação, e devido a este atrazo, importamos neste município productos estrangeiros, como manteiga e queijos, productos que poderíamos exporta em grande escala.

A preparação da manteiga e feita em escala mui diminuta, e nem sempre está nas condições de ser conservada, o que evidentemente é defeito resultante do processo pelo qual é fabricada; os queijos, que apparecem no mercado, são de soffrível qualidade, e há uma tal ou qual exportação para a capital. Mas, aperfeçoando essa indústria, taes productos, bem preparados, dariam aos fazendeiros uma renda avultada, ao passo que actualmente perdem elles um valioso capital que muito contribuiria para a prosperidade dos industriaes e do município, sendo judiciosamente aproveitado.

Há pouco remetteu-nos o nosso amigo e ilustrado fazendeiro, Frederico G. Virmond, a uma amostra de queijo grayére, fabricado em sua fazenda do Capão Redondo. Achamos o producto é de boa qualidade, e não duvidamos que possa ser melhorado; cremos que terá boa procura no mercado, visto a boa conservação destes queijos.

Apraz-nos noticiarmos factos como este, ainda raríssimo entre nos, que denotam amos á inciativa e um espírito empreendedor: oxalá que seja imitado pelos Srs. fazendeiros.

Sublinha-se que com o passar do tempo, o comércio, a agricultura e a indústria progrediram muito, principalmente após as melhorias nas vias de comunicação.

2.3 Educação e as atividades culturais

A instrução pública (ensino escolar) era um grande desafio e fator de preocupação constante do governo e da elite. A educação no Paraná era precária, com poucas escolas e ainda com a falta de professores. Além disso, para os pais das crianças que não pertenciam à elite, frequentar uma instituição de ensino não era prioridade. Todos esses elementos dificultariam o acesso à educação e cultura que, conseqüentemente, influenciaria na

prosperidade do estado. É possível observar que o início do período republicano teve que enfrentar problemas já conhecidos para a modernização da instrução pública paranaense (JUNIOR, 2012, p.75). Logo, é neste sentido que será apresentada a terceira temática selecionada para análise do semanário *O Guayra*.

A instrução pública nas colunas do *O Guayra*

Segundo Marcondes (1998), nas primeiras décadas do seu povoamento, Guarapuava não possuiu professores e nem escolas. Inicialmente, somente os meninos, aprendiam leitura, caligrafia, tabuada, as quatro operações aritméticas e geometria. O professor, um indivíduo do sexo masculino, contratado pelos pais, ficava um certo período em uma das fazendas, onde os meninos se reuniam, pois o fazendeiro guarapuavano possuía uma casa na vila, mas morava na fazenda com sua família. Ainda conforme a mesma autora “todos os exercícios eram feitos em lousas, devido às dificuldades de transporte e ao preço dos cadernos. As famílias compravam uma cartilha e alguns livros de leitura que serviam para todos os filhos em idade escolar”. (1998, p. 140)

As meninas, no início, não aprenderam a ler, segundo Marcondes (2010), devido às dificuldades de locomoção a cavalo entre uma fazenda e outra. A educação da mulher neste período, era centrada aos ensinamentos sobre trabalhos de agulhas e prendas domésticas, pois naquele tempo, visava apenas prepará-la para ser esposa e mãe. (MARCONDES, 2010, p.408)

A primeira professora do município foi Dona Bibiana Bitteencourt, a qual também não se enquadrava no ensino formal, de modo que não era nomeada pelo Estado. Em 1854, Zacharias de Góes e Vasconcellos, criou oficialmente a primeira cadeira feminina oficial, nomeando para tal vaga Anna Joaquina de Purificação Lacerda. Anna pediu demissão em 1856 sendo substituída oficialmente por Dona Bibiana. Martins (1990), traz uma breve descrição dos primeiros professores de Guarapuava:

A primeira professora de Guarapuava foi D^a Bibiana Berriel de Bittencourt, da cadeira de primeiras letras do sexo feminino da vila de Guarapuava, criada pela Lei Provincial nº 17 de setembro de 1854. O delegado de polícia, Francisco Manoel D’Assis França exerceu interinamente como professor público e cadeira de primeiras letras da vila de Guarapuava.

Em 1854, foi nomeado professor de primeiras letras do sexo masculino, Fortunato José de Carvalho. D^a Ana Joaquina da Purificação Lacerda, exerceu interinamente a cadeira de primeiras letras do sexo feminino da vila de Guarapuava, Lei Provincial de art. nº 34 de 16 de março de 1846. Promovida em 14 de setembro de 1854, com ordenado anual de 400\$000 mil réis.

Também foram professores do século passado, Capitão veterano da Guerra do Paraguai, Previsto Gonçalves da Fonseca Columbia. Em 1863 D^a Maria de França Camargo Loures. Em 1867 chega a Guarapuava a professora Leonídia Ferreira das Neves (Siá Mestra Leonídia) e seu marido professor José Ferreira das Neves. (MARTINS, 1990, p. 422).

A questão educacional também ocupava as páginas do jornal, trazendo a preocupação com as instruções públicas. Daniel Cleve, diversas vezes, demonstrou com artigos no semanário *O Guayra* sua preocupação com o assunto, como é possível notar na edição nº 23 de 27 de outubro de 1895, do qual a educação é temática destaque na capa do semanário:

Instrução Pública

<Estamos em um período de atonia> dizia em 1883, tratando da instrução popular, no seu relatório, aos deuses da presidência do Paraná, o ilustrado dr. Carlos Augusto Carvalho.

Decorreram doze anos. Sahimos da atonia?

Sob a administração do dr Carvalho foi construída e inaugurada, a 3 de Dezembro de 1882, a primeira casa escolar do Paraná, na importância de 15:064\$213 reis foram cobertas com donativos <este edifício, dizia seu fundador, é apenas um protesto contra o estado da instrução publica.>

[...] Depois veio, com a Republica, uma reforma geral do ensino popular, do Estado, sancionada em 12 de julho de 1893 pelo actual governador dr. Francisco Xavier da Silva.

Esta lei decreta (art 5 do Regulamento de 14 de Agosto de 1892) a obrigatoriedade do ensino para crianças de ambos os sexos, maiores de sete annos , dá as camaras municipaes o direito de nomear os inspectores districtaes, incumbidas da guarda e responsabilidade das caixas escolares districtaes, formadas por uma porcentagem da totalidade das rendas municipaes, por receita especial destinada para esse fim pelas camaras, productos das multas respectivas, donativos, e auxilio do Estado; e além disso subvenciona (art.11) as escola particulares nos bairros, colônias, etc frequentadas pelo menos por 20 alumnos pobres, que aprendem gratuitamente.

Como se vê, esta reforma do serviço de instrução encarregou á iniciativa das municipalidades e dos particulares a colaborarem no bom andamento e êxito da lei, da qual esperava-se os mais benéficos resultados, mas foi exactamente onde foram esterilizar-se os esforços do legislador que apelou para iniciativa dos pais de familiares

[...] diz-se e com alguma razão, que na provincia ensina-se pouco e gasta-se muito

[...]Faça o Estado o que quizer, decrete as mais sabias leis, ponha em actividades um pessoal docente na altura da sua missão – se os paes de família não tomarem ao serio a instrução dos filhos, o Estado nada, ou muito pouco conseguirá.

É nossa opinião que, imitando nos assumptos legislativos os paizes mais adiantados, devemos igualmente exforçar-nos por seguir-lhe a pratica. (*O Guayra*, nº 23, p. 01 e 02 de 27 de outubro de 1895)

Nestes artigos, Cleve cobra o desenvolvimento da *Instrução Publica*, relatando as casas escolares (escolas) criadas em períodos anteriores e as reformas normativas de 1892 e

1893, os valores e formas de investimento na educação, assim como o número reduzido de crianças que frequentavam as escolas. Em dezembro do mesmo ano, as Casas Escolares, tornaram-se novamente assunto de destaque, ocupando a primeira página do jornal, onde o editor discorria sobre os edifícios públicos, suas localidades e a preocupação das cidades que não possuíam espaço adequado para o ensino. As escolas “acomodam-se onde podem, e muitas vezes em condições prejudicialíssimas ao bom andamento do serviço escolar à hygiene dos alunos”. Segue demonstrando a situação de Guarapuava, onde “as aulas publicas de instrucção primeira não tem onde funcçãoar, e teem sido frequentemente mudadas de prédio em prédio, dos quaes nenhum está nas condições recommendadas pela hygiene, offerecendo as commodidades precisas.”

Avaliados por uma comissão, os alunos passavam periodicamente por exames parciais. Os resultados desses exames eram publicados no jornal. Nota-se uma diferença textual ao descrever os resultados dos meninos e das meninas, como é possível observar na edição de número 29 de 1895:

Escola Pública Primaria do sexo masculina

Exames parciais

A comissão de examinadores composta dos cidadãos Francisco Caetano do Amaral, Inspector Escolar como presidente da mesma, e examinadores Tenente Edmundo de Barros, Olympio Lisboa e o professor Amalio Pinheiro, procedeu no dia 29 do mez findo, nesta escola, aos exames parciais conforme determina o art. 4º do Regulamento em vigor sendo aprovados, na 1ª classe, com distincção: Manoel do Amaral, e Pascoal Provisiero, e plenamente: Justiniano Pinheiro, Ozorio Taques, Antonio Sprenger, Francisco dos Santos Euclides da Rocha e Francisco Pletzs Junior, o qual o exame versou em leitura, calligraphia, grammatica, comperhendendo somente etymologia phonologia, e arithmetica compreendendo as quatro operações sobre inteiros e fracções.

Terminandos os referidos exames tiveram os meninos o prazer de ouvir, em ligeiras phrases, um fervoros elogio que lhes foi dirigido pelo nosso talentoso amigo tenente Edmundo de Barros em nome da commissão, em vista do aproveitamento que notou, procurando incutir nos seus infantis espíritos o amor à Patria, traduzindo-o na applicação aos seus estudos e respeito aos mestres. (*O Guayra*, n.º 29, p. 02 de 08 de dezembro de 1895).

Exames

No dia 2 do corrente houve exame das alumnas da aula primaria do sexo feminino regida pela professora d. Leonidia Ferreira das Neves. A commissão examinadora, presidida pelo inspector do município, o sr. Francisco Caetano Amaral, composta pelos srs. tenente Edmundo de Barros, e o professor Amalio Pinheiro da Silva, aprovou as seguintes alumnas.

D Christiana, aprovada plenamente com disticção;

D Flaviana Borges da Motta, aprovada plenamente com disticção;

D Alice de Oliveira Silverio, aprovada plenamente com disticção;

D Ernestina Cordeiro Marcondes, aprovada plenamente com distincção;
 D Martha Trochman, aprovada plenamente com distincção;
 D Anna Luiza Araujo Guimarães, aprovada plenamente com distincção;
 D Amasilia C. Alves, aprovada plenamente com distincção;
 (*O Guayra*, n.º 29, p. 02 de 08 de dezembro de 1895).

Casas Escolares

Entre os edifícios públicos que ornem as povoações adiantadas em cultura, e que o cicerone mostra com orgulho patriótico ao touriste, ocupam lugar distincto entre os paços, templos casernas, os edifícios onde os filhos do povo vão á procura do pão espiritual, as casas escolares, as academias e universidades; são estes edifícios a verdadeira bitola pela qual se mede o gráo de cultura intelectual de um povo, e é por isso que vemos as nações adiantadas rivalisarem em edifícios elegantes, vastos, e hygienicos, destinador a instrucção.

[...]

Aqui no Paraná não tivemos casas escolares ate o anno de 1882, em que foi inaugurada na capital a casa – Escola Carvallho-, seguindo-se depois, em 1884, a inauguração do edificio. – Escola Oliveira Bello-, a casa escolar – Faria Sobrinho- em Paranaguá, inaugurada em 1887, a casa Escola Tiradentes na capital, inaugurada em 1895, e a Casa Escolar de Antonina construída em 1885.

Na cidade da Lapa acaba de ser edificado um prédio com vastas proporções, construído ás expensas da municipalidade e donativos particulares.

Tem, pois, casas escolares as cidades de Curityba, Paranaguá, Antonia e Lapa, enquanto que nas outras povoações do Estado as escolas acomodam-se onde podem, e muitas vezes em condições prejudicialíssimas ao bom andamento do serviço escolar e à hygiene dos alumonos.

[...]

Em Guarapuava existe um bom templo, a igreja matriz; o edificio que serve para sessões da câmara municipal, do jury, e audiências, em cujo pavimento inferior esta a cadêa; o teatro Santo Antonio, pequeno, mas de boa construção, entretando as aulas publicas de instrucção primeira não tem onde funcçãoar, e tem sido frequentemente mudadas de prédio em prédio, dos quaes nenhum está nas condições recommendadas pela hygiene, offerecendo as comodidades precisas.

(*O Guayra*, n.º 30, p.01, 15 de dezembro de 1895).

Na edição de fevereiro de 1896, na coluna descrita como “Colaboração”, o semanário apresenta a publicação de um artigo escrito por Ozorio de Araújo, sobre o professor Luiz Jahnke, do qual aborda a pedagogia moderna, que adota o método simultâneo no ensino das disciplinas que se interdependem, como os diversos ramos da matemática.

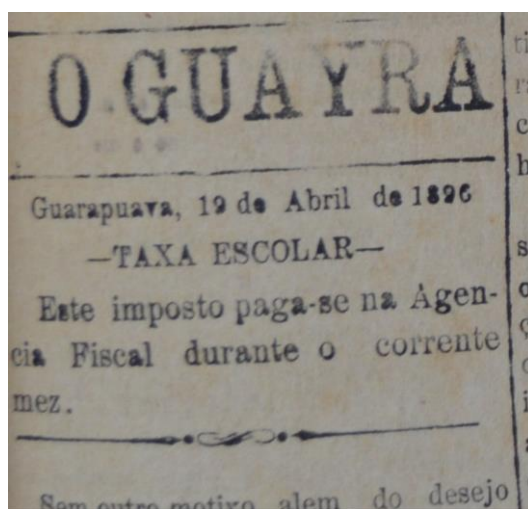
Adoptando um methodo simultâneo no ensino de disciplinas que se interdependem, taes como os diversos ramos da mathematica elementar; inculcando nas creanças o gosto pelo cultivo das línguas; mostrando ao tempo em que se aprende; o professor Luiz Jahnke faz em curto espaço discípulo o amigo que já não tem o estudo em conta de árdua tarefa diurna.

[...]

E a escola do professor, que infelizmente não pode receber toso os alunos que a procuram, só não rivaliza com os melhores collegios a capital pela impossibilidade pratica de ir o estudante a Curityba prestar exame em todas as epochas. Guayra, edição nº 39, p. 03, 16 de fevereiro de 1896.

A taxa escolar, apesar de serem públicas, muitas vezes citadas nos artigos do semanário, eram pagas na “Agência Fiscal” e o aviso do local e período de pagamento era publicado no jornal como pequenos avisos.

Imagem 10 -



Fonte: *O Guayra*, nº 49, p.01, 26 de abril de 1896

Os desafios enfrentados e expostos pelo semanário mostravam a falta de estrutura física adequada para o ensino, assim como a dificuldade para angariar recursos para a formação e qualificação de professores. Propagar a educação era meta (do governo) de um projeto civilizatório e de modernização da sociedade em prol do seu desenvolvimento (MELO, 2010). Havia também, uma busca por parte da elite por uma base sólida na educação e que refletisse seus anseios e modelo de civilização. Assim como as vias de comunicação, a ideia de modernidade era disseminada como a solução para os problemas da educação, considerando que, por meio desta, seria possível transformar a sociedade.

Atividades Culturais

A cidade, ao buscar o seu desenvolvimento, sofre transformações materiais. Segundo Berman, “a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização de seus

cidadãos” (1986, p.143), de forma que a sociedade também buscaria outros espaços para suprir o vazio que antes era preenchido pela vida do campo.

Com toda a busca por melhorias, com o aumento da renda de parte da sociedade, assim como o aprimoramento do ensino, o consumo por produtos culturais como a música, o teatro e a literatura, não poderiam ficar de lado. Sendo assim, trataremos a cultura como parte de conhecimento sobre as artes e de entretenimento.

O Semanário destacava em suas colunas essa relação cultural divulgando as festas, as peças de teatros, música e poesias. Nos anos de 1895 e 1896 as publicações de literatura eram mais frequentes, mas em todo seu período de existência *O Guayra* publicou e incentivou o consumo da cultura entre a elite.

Na edição número 15 de 1893, por exemplo, em artigo no qual toda a capa é dedicada, há uma explanação sobre a “Exposição de Chicago”, com informações obtidas por intermédio dos jornais europeus, mostrando também a dimensão das referências do editor do jornal. No artigo, Cleve descreve “os jornaes europeus que temos à vista, dão por enquanto notícias transmitidas pelo telegrapho,” e continua a justificar a dificuldade de detalhes referentes a Exposição “poucas notícias interessantes podemos por enquanto dar aos nossos leitores sobre a exposição universal effectuada à beira do lado Michigan”.

Na edição de 06 de outubro de 1895, há uma pequena nota sobre a fundação de uma sociedade dançante em Guarapuava “alguns moços da sociedade guarapuavana pretendem tratar hoje da fundação de uma sociedade dançante nesta cidade”. A próxima menção ao Club Dançante é referente aos resultados da eleição dos membros da comissão de contas, em 24 de novembro de 1895, na edição nº 27. Da mesma forma, na edição nº 27 de 1897 há uma pequena menção sobre uma Banda de Música, assinada por Soter Jorge de Oliveira, convidando aos músicos para uma reunião.

A arquitetura, vista também como um símbolo de progresso, é destaque nas linhas do semanário, representada pelos prédios que merecem destaque por sua importância e arquitetura. O semanário cita a Igreja (fundada em 11 de novembro de 1818, ainda sob regime do Padroado, por D. João VI) e o Teatro Santo Antônio (planejado em 1877 e inaugurado somente no ano de 1883). A importância de ambos para a cidade e para a sua cultura é datada em 10 de junho de 1893, por Luiz Daniel Cleve, no mesmo artigo em que o editor tece sua crítica quanto às estradas de rodagem e a dificuldade de transporte para trazerem os materiais corretos, dificultando a obra a seguir das regras da arquitetura. Segundo a coluna do *O Guayra*,

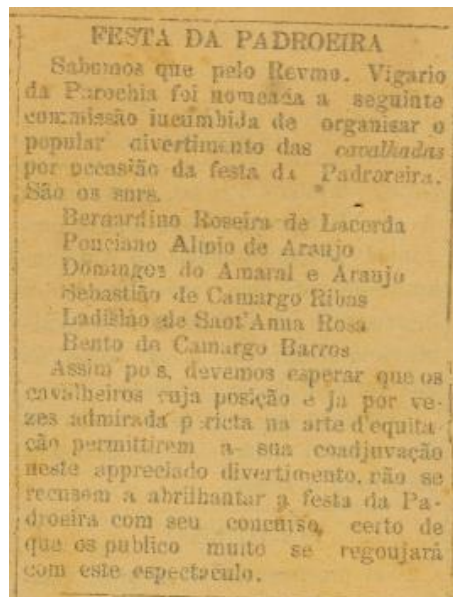
Entre os bons e solidos edifícios que a cidade de Guarapuava destaca-se a igreja, a casa da Camara e o theatro S. Antonio, todos de recente construção. Não queremos dizer que estes predios são primores de architectura, nem edificios de vastas proporções, mas todo aquelles que hão visitado esta esperançosa povoação, notando as difficuldades a vencer para a construção de uma obra solida e boa, pois que importamos a cal e até a arêa, têm-se mostrado satisfeitos com o exame daquelles edificios publicos, elogiando a perfeição do trabalho, com o bom gosto e a solidez com que foram construídos.

A igreja, pelas suas proporções, material empregado, e architectura occupa o primeiro lugar, nella notam-se trabalhos de valor artístico, como os púlpitos, dois altares lateraes, e possui além disso um bom relógio, collocado na torre. O estylo tem pretensão ao estylo gothico, mas é bem de ver que em um lugar como Guarapuava que nem uma estrada de rodagem tem para conducção de materiaes indispensaveis, seria impossível executar certas obras segundo todas as regras da architectura.

(*O Guayra*, 10 de junho de 1893)

As comemorações religiosas eram frequentemente anunciadas no semanário. A festa à Nossa Senhora de Belém, padroeira da cidade, é uma delas. Os festejos do Senhor Bom Jesus, padroeiro de Palmas, também é assunto do jornal, que descreve, em sua edição de 19 de agosto de 1893: “os festejos ao padroeiro de Palmas, isto é, S. Bom Jesus, este anno foi animadíssimo; foi um dia de festividades na accepção da palavra; e sinão julguem. A madrugada foi salvado, o Padroeiro, com 21 tiros de peça de artilharia de campanha pelo destacamento”, apresentando logo após, toda a programação do festejo.

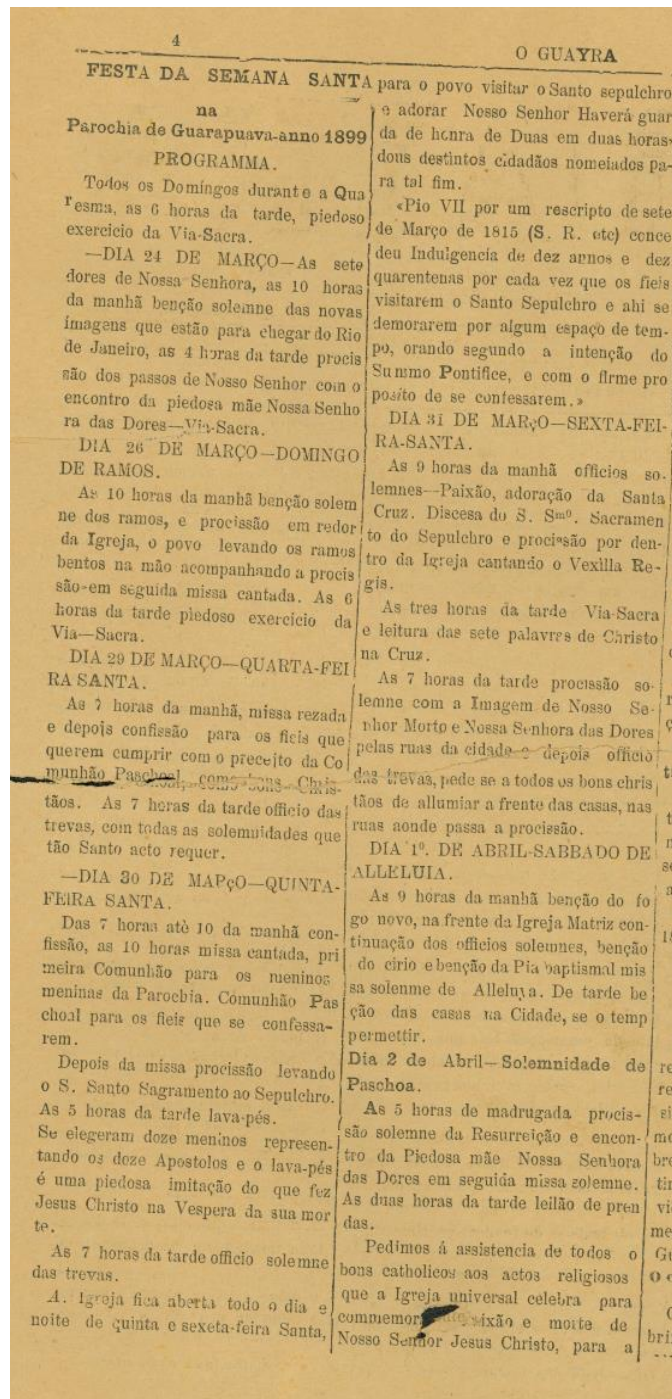
Imagem 11 –



O Guayra, 07 de janeiro de 1899

As festas e celebrações religiosas tinham no semanário uma forma de divulgação ao grande público da programação.

Imagem 12:-



Fonte: *O Guayra*, 04 de março de 1899

Ao mesmo tempo em que a cidade buscava a modernização, ela mantinha as amarras com a tradição, principalmente no que se refere à questão religiosa. Segundo Tembil (2007),

as comemorações religiosas se sobrepunham a todas às demais, por ocasião das novenas e da festa em homenagem à Padroeira. A cidade se movimentava de tal forma que justificava até a paralização das atividades das fazendas para que a participação da comunidade fosse mais efetiva. Os festejos religiosos católicos integravam a vida social dos guarapuavanos, definindo as novas formas de sociabilidade e movimentando socialmente a cidade.

Surge no final do século XIX, o Teatro Santo Antônio, em pleno sertão do Paraná. Considerado ícone da modernidade, movimentava a cidade com a sua programação. Marcondes (2010) esclarece que a vinda de imigrantes franceses para Guarapuava no final do século XIX, corroborou para o desenvolvimento das artes e que entre eles havia músicos, pintores e dramaturgos. O envolvimento desses imigrantes com as artes fomentou os grupos de teatros. Para Marcondes,

Nas Artes Cênicas sobressaiu-se a Sociedade Dramática Amiga do Progresso, criada em 25 de março de 1883, por Francisco de Paula Pletz (cenógrafo), Erasmo J. A Terral e Antônio Alves Guimarães. Seus atores apresentaram o drama “Os dois Renegados” em 1883 e a comédia “O Diabo atrás da Porta”, em 1895, que alcançaram grande sucesso.

A 25 de março de 1883 era criado o Teatro Santo Antônio. Seus fundadores foram o Dr. Ernesto Dias Laranjeiras, Francisco de Paula Pletz e Eugênio Lopes Branco. O terreno foi doado pela Prefeitura Municipal e a construção foi custeada pela população. “Possuía apenas 120 lugares, mas o prédio e as instalações situavam-se como as melhores entres as congêneres do Estado. Contava com saguão de entrada, corredores de acesso à platéia, palco, amplos camarins e oito camarotes. O número 1 era do Visconde de Guarapuava. A pintura do pano do palco representava uma bela jovem adormecida, sonhando com um trem de ferro que se aproximava. (MARCONDES, 1998, p. 149)

Nas edições do *Guayra* é possível acompanhar os anúncios e convites para as apresentações, assim como as deliberações da então diretoria do teatro. O semanário, além de divulgar a programação do “Teatro Santo Antônio”, publicava críticas e incentivava a sociedade apreciarem os espetáculos.

Imagem 13 –

THEATRO SANTO ANTONIO

A sociedade dramatica pretende levar em scena, no dia 21 de Agosto, o drama «Vampiros sociaes», e a comedia «A mulher ciumento»—Desejamos-lhes uma boa cachente.

Fonte: *O Guayra*, n.º 18 de 05 de agosto de 1893.

THEATRO S. ANTONIO
HOJE SABBADO HOJE

Sabirá á scena o drama
VINGANÇA

e a chistoza comedia Os mineiros na corte.

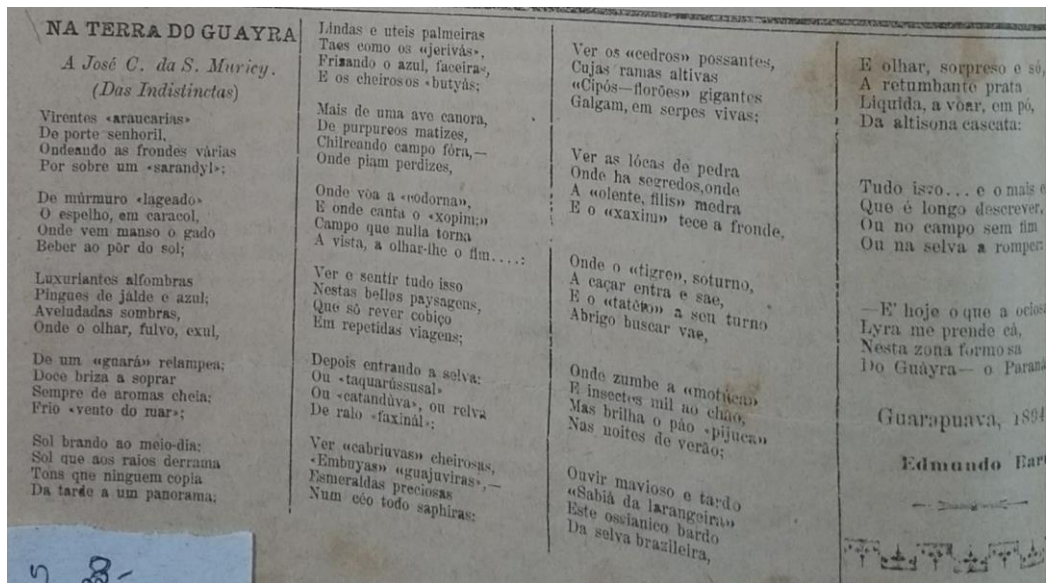
Preços e horas do costume
A Directoria

Fonte: *O Guayra*, 29 de janeiro de 1898.

Tembil (2007) esclarece que o “Teatro Santo Antônio” representou o rompimento com o passado da “Vila de Guarapuava”. Nos anúncios publicados no *O Guayra* há um discurso praticamente subliminar, que aponta uma “nova sensibilidade” frente à transformação urbana de Guarapuava, que buscava inserir a sociedade (elite) em situações similares que aconteciam em centros maiores, demonstrando sintomas de uma época marcada pelo desejo da modernidade. Palco de diversas apresentações, destaca-se entre elas a recepção ao ilustre Santos Dumont (1916). Abrigava não somente as companhias de teatros, mas também sessões musicais e conferências. Em 1929, Lustosa de Oliveira adaptou o espaço do teatro para o cinema mudo, demolido, infelizmente, na década de 40.

A publicação de literatura também é comum no *O Guayra*, com textos de Edmundo Barros, Luiz Guimarães, Mario de Barros, W. Broadbent, Antonia R. de Lacerda e outros, assinados somente com as iniciais, não sendo possível a identificação correta (M.B. ou P. Imbituva).

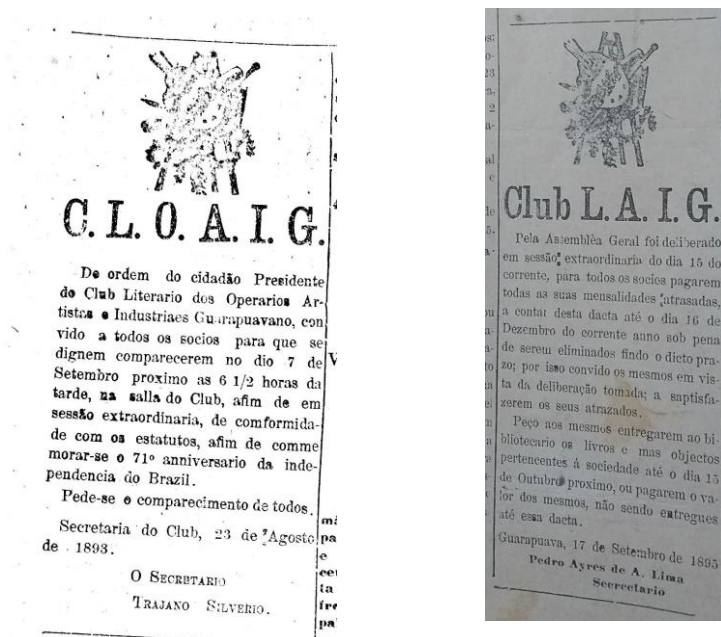
Imagem 14 -



Fonte: *O Guayra*, nº 31 de 22 de dezembro de 1895

Há vários anúncios do “Clube Literario dos Operarios Artistas” e “Industriaes de Guarapuava”, sendo a maioria convocações aos sócios para as reuniões. Alguns apresentam a temática da reunião como: comemoração ao 71º aniversário da independência do Brasil, outros são referentes à cobrança da mensalidade, nova eleição da diretoria e comunicado de aulas noturnas com admissão de sócios e seus filhos.

Imagem 15 -



Fonte: *O Guayra*

2.4 Saúde pública

A concepção de civilização nos moldes europeus do final do século XIX, eram contrastantes com a realidade encontrada no Paraná. O cuidado com a saúde da população, os modelos de higienização, o saneamento básico, entre outros pontos, sofria com a ausência de investimento pelos governos municipais e estaduais, e pela falta de conhecimento da própria população. Nessa quarta temática, apontaremos como Cleve tratou esses assuntos através das linhas do *O Guayra* e como seus conhecimentos sobre a medicina corroboraram para a defesa da promoção da saúde.

Segundo Marcondes (1998), na Freguesia Nossa Senhora de Belém (Guarapuava), em seu início, o abastecimento de água potável foi suprido pelas fontes naturais: os olhos d'água (algumas ainda conservadas até os dias de hoje). Mesmo com o aumento da população urbana e a preocupação com a qualidade de vida, exigida pela tão desejada modernidade, as questões básicas demoraram a chegar ao município. A autora assevera que

Assim, após sua instalação em 1853, a Câmara Municipal iniciou a construção dos chafarizes, uma ou duas bicas que jorram água, que se deposita num pequeno tanque que serve para uso de animais.

A água dos chafarizes, puxadas em barris pelos escravos, servia para uso doméstico e para o banho dos senhores, enquanto que a água para matar a sede continuou sendo buscada nas fontes, um costume português.

Água encanada foi implantada somente em 1927 e o esgoto sanitário só foi introduzido na cidade na década de 1970 por iniciativa do poder público.

O serviço de distribuição de água tratada por uma empresa privada tinha caráter elitista, beneficiando os mais aquinhoados, pois 20 anos depois de sua criação ainda abastecia apenas 100 casas.

A maioria dos seus proprietários adotou o sistema de fossa séptica e poço negro como esgoto. Outros fizeram ligação direta para as galerias pluviais, despejando a sujeira nos arroios e poluindo os mananciais, enquanto as demais residências continuavam servindo-se dos poços, dos chafarizes e olhos d'água. (MARCONDES, 1998, p. 131).

É visto que o saneamento básico garante a saúde e a melhoria da qualidade de vida de uma cidade. Em maio de 1893, o abastecimento de água já era motivo de preocupação e ocupava as linhas do *Guayra*. Cleve publicou um longo texto sobre essa questão, mostrando a importância da água potável e as consequências da falta de tratamento e higiene:

Por diversas vezes tivemos de ocupar-nos deste importante assunto, instando pela realização de uma medida indispensável, necessária, de um melhoramento que interessa de perto a salubridade publica, mas, como sóe acontecer com todas as medidas de utilidade commum em idênticas circumstancias, a idea não caminha, não é aceita por extemporânea e

supérflua. Conhecemos estas resistências da opinião quando se trata de inovações que trazem alterações nos hábitos e costumes, sabemos que mesmo nos países mais adiantados apparecem defficuldades de preferencia nas pequenas localidades, quando se procura por em prática certos preceitos e medidas exigidas pela hygiene, e por isso mesmo não desanimaremos, pois afinal o encanamento de água potável nesta cidade há de impor-se como necessidade absoluta e só desejamos que não se faça este serviço depois de dolorosas experiencias, como aconteceu, por exemplo, na cidade de Campinas que teve que soffrer os horrores de uma epidemia devastadora, que teve por principal causa a qualidade da água potável. [...]

E não se pense que as aguas gastam muito tempo em chegar aos reservatórios trachyticas para, pelas leis hydorstaticas, rebentarem na fonte: em 36 horas de chuvas abundantes a coisa está feita. Estas fontes e chafarizes que hoje ahi estão seccos, fornecerão agua com a primeira chuva, ininterrompida durante 24 horas.

Essas águas serão puras, salubres?

Parece-nos que é tempo de tratar-mos do encanamento de agua em melhores condições e maior abundancia, o que não depende de grandes despezas, Temos a curta distancia fontes e rios que podem fornecer agua a uma população numerosa. Por falta de espaço deixamos hoje de estender-nos sobre o systema de esgoto. (*O Guayra*, 20 de maio de 1893, capa).

Em 24 junho do mesmo ano, Cleve escreveu outro artigo, agora intitulado “Os resultados das medidas empregadas pela Hygiene Social”, com dados estatísticos para comprovar a importância da hygiene social, citando informações de outros países como Inglaterra, Itália e Rússia e como as medidas tomadas por esses países desenvolvidos evitaram enfermidades e diminuíram a mortalidade. Finaliza-se o artigo resumindo que o fornecimento de boa água potável e canalizações preveniram doenças e que múltiplas medidas higiênicas e sociais são necessárias para conservar e proteger o bem mais valioso, a vida humana.

A hygiene social buscava padronizar os modelos de higienização e saneamento para o tratamento das doenças e a civilidade era imprescindível para as cidades que almejavam a modernidade. Era preciso romper com velhos hábitos, algo que somente seria possível pela educação da população. Os discursos produzidos pela imprensa auxiliaram no processo de conscientização da sociedade, propagando o que deveriam se tornar os novos hábitos e costumes.

Hygiene Publica

Sabemos que a Camara Municipal em uma das suas ultimas sessões resolveu nomear uma commissão encarregada de escolher nas terras do Rocio uma area apropriada para a localisação dos leprosos, destinando a verna necessaria para este fim.

Bem inspirada andou a nossa edilidade, cuja atenção chamamos sobre o que temos publicado acerca da terrível moléstia que nestes últimos annos se tem propagado de modo a inspirar sérios receios. (*O Guayra*, 20 de janeiro de 1998)

Palestra Hygienica

Um dia, entre amigos, borboleteia ás vezes entre assumptos varios em que por um d'eles se decida, veio, enfim, pousar sobre questões atinentes á hygiene privada e publica. Velho assumpto, possuidor de verdades firmes, inabalaveis, ás quaes de vez em quando veem juntar-se verdades novas, partidas do frio laboratório dos mestres para as columnas das revistas scientificas e dahi para a realisação pratica.

Mas, como íamos querendo dizer, houve um momento quem aventurasse a ideia da creação dessa palestra, onde prosaríamos, não já com uma selecta roda de amigos, mas com os benevoios leitores d'O Guayra.

Aceitámos o alvitre: acanha-nos, entretanto, o numero e a força dos interlocutores; mas na palestra gráfica. (*O Guayra*, n.º 42, 08 de março de 1896, p. 02)

Seguindo ainda a preocupação com a hygiene pública, Cleve continua com as publicações de artigos e inicia uma série de palestras com a mesma temática, insistindo em sua importância e prioridade para a comunidade.

Os estudos de medicina de Cleve auxiliaram a produzir artigos que colaboraram de diversas formas com a comunidade, como é o caso dos textos sobre a hygiene infantil: “são interessantes as instruções formuladas pela Academia de Medicina de Pariz, sobre os cuidados hygienicos de que devem cercar as creanças durante os primeiros tempos de sua criação”, o que demonstra o acesso de Cleve às publicações de outros países, que provavelmente deviam chegar por outros meios impressos de comunicação, assim como a Revista Agrícola, já mencionada aqui. Ao seleccionar e publicar os conteúdos, informava aos seus leitores as novidades em tratamentos ou o aparecimento em outros locais de doenças como a coqueluche, a cólera e a febre amarela.

Imagem 16 -

COQUELUCHE

Neste Municipio tem grassado a tosse comprida, e dizem-nos que no districto do Pinhão muitas creanças tem morrido desta epidemia.

Fonte: *O Guayra*, nº 19 de 12 de agosto de 1893.

Imagem 17 -

A Cholera morbus continua a fazer innumeras victimas no imperio chinez. Em Pekim falleceram, segundo referem telegrammas de Shanghai, mais de 25,000 pessoas durante o mez de Novembro.

Em Kiew, e outras provincias da Russia, tambem grassa esta terrivel epidemia.

Fonte: *O Guayra*, nº 29 de 09 de dezembro de 1895.

Imagem 18 -

Febre amarella

Sabe-se com certeza terem havido alguns casos desta epidemia na capital federal.

Fonte: *O Guayra*, nº 23 de 13 de dezembro de 1896.

O Guayra também publicou artigos que descreviam a questão dos “morféticos” e a decisão da Câmara Municipal em isolar os leprosos em uma área afastada da povoação. Os morféticos foram um problema que assolou o município até meados do século XX. Presente em vários dos artigos, Cleve busca esclarecer inicialmente o que era a doença e depois as medidas que o governo local estava tomando para os doentes leprosos. A primeira publicação localizada é de outubro de 1895, do qual a descrição da doença sobrepassava a questão da saúde e atinge a questão humana e social, um mal para qual não há alívio e nem remédio, vê-se expulso da sociedade, do círculo de amigos, do seio da família. Alguns dos artigos, por uma sobreposição de páginas, permitem a identificação do assunto, mas não autorizam a leitura do conteúdo na íntegra. Em maio de 1899, em artigo de capa, destaca-se novamente a questão dos morféticos e reitera-se a importância da higiene pública.

Não será fora de propósito dizermos algumas palavras sobre essa terrível moléstia, que tende a augmentar de modo a por de sobre aviso os mais incautos. Já é tempo de attender aos preceitos da hygiene, se mais tarde não quizermos soffrer as consequencias inevitáveis de nossa incúria.

Pouco ou nada sabemos a respeito do modo por que se faz o contagio, mas bastamos a certeza da transmissão do mal para não cruzarmos os braços ante este terrível flagello que já vietimou um bom numero de infelizes no município de Guarapuava.

O bacillo da lepra parece propagar-se pelas excreções dos morféticos; ultimamente tem se feito interessantes observações a este respeito.

(*O Guayra*, capa, 07 de maio de 1899).

O fato é que um grande número de portadores de hanseníase, procuraram Guarapuava atraídos pelo “mito da cura da doença através das águas sulfurosas, abundantes da região” e também pelo isolamento, já que a cidade não possuía, como já vimos neste capítulo, boas vias de comunicação. A situação causou um sério problema de saúde pública, preocupando as autoridades políticas e munícipes com receio que Guarapuava se tornasse um foco da doença e, conseqüentemente, permanecesse isolada (vias de comunicação) e sem progredir. (MARCONDES, 2010, p.573).

A questão dos leprosos em Guarapuava perdurou por anos, finalizando quando o governo do Paraná, em 1926, construiu o Hospital São Roque, em Piraquara, para o internamento e tratamento de todos os doentes do Estado. Ao mesmo tempo que a cidade buscava por símbolos da modernidade, lutava contra situações precárias e antigos problemas.

Alguns conhecimentos populares ligados à saúde, também são apresentadas nas páginas do semanário, como o caso de uma tabela sobre a digestão de alimentos, o uso do limão azedo e descobertas como, aparenta o artigo, do aparelho de surdez.

Imagem 19 -

—Digestão dos alimentos—

Da tabella sobre a demora dos alimentos no estomago para a digestão, feita por um medico abalisado, extra-himos o seguinte:

Demora no estomago:

Arroz	1 hora
O'vos crus	1 > 30 minutos
Leite, crú	2 > — >
Pão	2 > — >
Feijões	2 > 30 >
Batatas	2 > 30 >
Ostras	3 > — >
Peixes	3 > — >
Ovos, molles	3 > — >
Carne de porco assada,	4 > — >
Carne de vacca, assada	4 > — >
Pão de centeio	4 » — >
Couve	5 > — >
Ovos, duros	5 > — »

Juntando á comida pequena porção de alcool, abrevia, assim como um pouco de acido chlorhydrico, a digestão.

Fonte: *O Guayra*, nº 24 de 03 de novembro de 1895.

O LIMÃO AZEDO

O uso do limão azedo é incontestavelmente um poderoso agente de cura e ao mesmo tempo um preservativo contra epidemias e outras molestias.

Contra o cholera foi applicado o limão azedo com grandes resultados no Pará e em Campos; é pois conveniente o uso diario do limão tomado de qualquer forma.

N'esta quadra o uso do primoroso licor creme de limão, para a pessoa de gosto delicado e para os dyspepticos é altamente recommendado.

O licor creme de limão tem ja por si a opinião de todos os jornaes diarios da Capital Federal, de muitos e distinctos medicos e de innumeradas pessoas que d'elle fazem uzo.

Fonte: *O Guayra*, nº 12 de 08 de agosto de 1896.

SURDEZ.

Escreve «O Paiz»: A sciencia acaba de conceder á humanidade um beneficio inestimavel, vencendo definitivamente uma das enfermidades mais ruelas e vulgares do genero humano a surdez.

Em virtude da combinação de uma série de metaes, um engenheiro francez descobriu uma força electrica de terminada e permanente, que, pela applicação de um apparelho, cujo pezo não chega a cinco grammas, colloca do no ouvido, pela sua continuação sobre os nervos auditivos, lhes restitue a perdida vitalidade.

Esta descoberta é para a therapeutica de'is surdos utilida de sem que nada tenha de commida com os outros systemas, quasi sempre empiricos. Por isso toda a imprensa tecnica se occupa com enthusiasmo do *Az tiphono invisivel* do sr Bernardo cujos resultados surprehendente se tem de monstrado de modo notavel em ouvidos cansados pela velhice ou damnificados por quiesquer accidentes fortuidos.

Fonte: *O Guayra*, nº ,27 de maio de 1899.

Alguns anúncios começam a ser publicados com mais frequência, como é o caso da “Pharmacia Amaral” e de profissionais da área da saúde, como médicos, o que possivelmente indicava o desenvolvimento do município.

Imagem 20 –

Pharmacia Amaral

O proprietario desta pharmacia, tendo de seguir para Curityba muito breve, pede a seus freguezes e amigos o favor de virem ou mandarem saldar seus debitos.

Pelo que desde já anticipa seus agradecimentos.

Guarapuava, 23 de Outubro de 1896

Francisco Caetano do Amaral

Fonte: *O Guayra*, 23 de outubro de 1896.

Pharmacia Amaral.

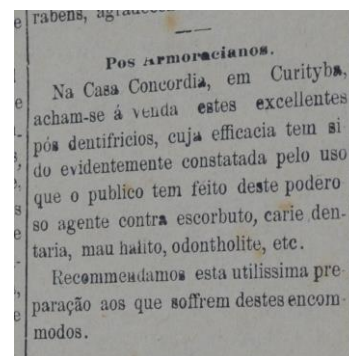
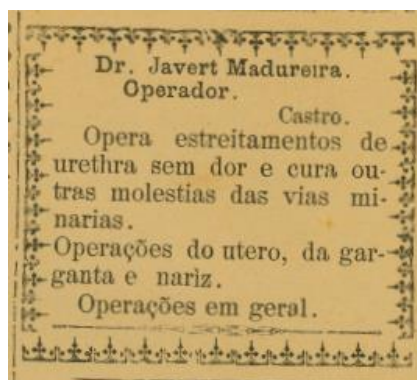
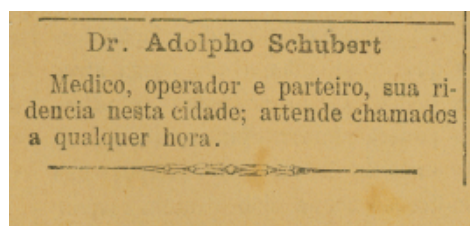
O Proprietario d'esta Pharmacia tendo de seguir para Curityba, no fim do corrente mez pede a seus amigos e freguezes o favor de saldarem seus debitos pelo que desde ja anticipa seus agradecimentos.

Guarapuava, 30 de Setembro de 1897.

Francisco Caetano do Amaral

Fonte: *O Guayra*, 02 de outubro de 1897.

Imagem 21 -



Fonte: *O Guayra*, 29 de março de 1898.

Fonte: *O Guayra*, 13 de maio de 1899.

Fonte: *O Guayra*, 21 de junho de 1896.

O primeiro hospital da cidade foi o São Vicente de Paulo, sendo também a primeira instituição beneficente de Guarapuava, fundado somente em 1913, período posterior às edições estudadas. Segundo Marcondes (2010), a ideia da fundação do São Vicente surgiu em 1870, quando os combatentes da Guerra do Paraguai, ao retornarem, disseminaram um forte surto de cólera morbus, com vítimas fatais. A primeira reunião pública para discutir o assunto realizou-se no Clube Guayra em fevereiro de 1913, do qual presidiu a mesa Luiz Daniel Cleve.

A mesa diretora dos trabalhos, foi dirigida por Luiz Daniel Cleve, Presidente; Izidoro Keche, Secretário; Dr. Romuldo Baraúna, Alcebiades de Almeida Farias, Leopoldo Sprenger, Luiz Schleder; Olympio Alves Lisboa. [...] O Sr. Luiz Daniel Cleve, auxiliar do Comissário de Terras, responsabilizou-se pela demarcação do terreno, onde seria edificado o hospital. (MARCONDES, 2010, p.567).

Conforme Marcondes (2010), Dr. Miguel Antonowitck Bohomoletz, médico, criou o primeiro serviço de distribuição de Guarapuava de água tratada desta cidade tendo o cuidado de antes mandar analisar a água da fonte, que supria as necessidades do hospital.

As quatro temáticas apresentadas através dos recortes do jornal *O Guayra*, permitem identificar a participação da imprensa na disseminação de um ideal, testemunhando os eventos que marcaram a vida dos guarapuavano no final do século XIX. O semanário foi uma importante ferramenta para a propagação de hábitos considerados adequados à vida urbana e do movimento em busca da modernidade.

Os artigos buscaram privilegiar a modernidade, como porta voz dos interesses de uma elite local ao discursar sobre os processos de urbanização e civilidade. Ao discursar sobre a importância das vias de comunicação para transição de pessoas e da economia; discutir a importância da instrução públicas não só para as crianças, como para os adultos

Diante da importância que tinha um jornal na época, é imprescindível destacar o papel do *O Guayra*, que ao mesmo tempo que informava, auxiliava no fortalecimento de ideais da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Paraná, no século XIX, ainda sofria com as dificuldades estruturais como formação populacional até os desafios das estruturas para que essa população permanecesse nas áreas do estado, ou seja, influenciados pelos ideais europeus como modelo de civilização e progresso, a urbanização dos sertões tornou-se urgente e precisa. A baixa densidade populacional - considerado como “sertão bruto” - era vista pelo governo como um problema.

Do ponto de vista do estado, era necessário preencher esse “sertão” para que o progresso chegasse por todo o território paranaense. Nesse contexto, Guarapuava, localizada no interior do estado e exatamente na região central, destacava-se pela grande extensão territorial. Era a melhor representação do “sertão paranaense” que almejava outro *status* frente às cidades maiores do Paraná.

Como cidade referência do sertão paranaense, era a exemplificação mais concreta das dificuldades estruturais acima citadas. Sofria com a falta de vias de comunicação que ligassem a cidade aos grandes centros urbanos e a qualquer referência de desenvolvimento, ficando, portanto, à deriva.

Nesse processo de povoamento e necessidade paranaense de uma modificação ímpar na região, a imprensa destacou-se na publicização e legitimação dos conceitos de modernidade: assentados nas cidades, à técnica e à infraestrutura. Era necessário romper com os costumes vindos do período colonial e aproximar-se do modelo de civilização europeu.

Assim, a imprensa foi utilizada como ferramenta política para clamar o desenvolvimento, propagar a modernidade, representada em muitos momentos pela estima e utilização da técnica, da ciência, da instrução pública e das demais demandas necessárias para essa transformação.

Como citado por Habermas, coube aos jornais, muitas vezes, estabelecer essa relação política entre governados e governantes, priorizando os interesses da elite em detrimento aos interesses da própria população, que nesse caso, vivia na região central.

Se coube à imprensa tamanho papel no desenvolvimento e na mudança estrutural da própria sociedade, o semanário *O Guayra*, fonte de informação primordial para uma elite culta local, foi um rico material de reconhecimento e compreensão desse processo. Logo, essa pesquisa buscou justamente elencar o que o jornal destacado tem chamado para si, como responsabilidade de propagar o progresso e a civilidade desse pedaço imenso de terra.

O papel do editor de *O Guayra*, Luiz Daniel Cleve, foi importantíssimo para a propagação do discurso jornalístico e também na manutenção do status de uma sociedade

colonial que precisava se modernizar. Foi ele que publicizou as primeiras ideias de uma localidade mais moderna e, ao mesmo tempo, utilizava do poder da imprensa para cobrar do poder público e dos cidadãos comuns as demandas locais.

Esse discurso modernizador, debatido nas linhas do semanário sobre as vias de comunicação, educação, saúde e a indústria agropostorial, mostrou o conhecimento de Cleve sobre as mudanças necessárias para que Guarapuava se transformasse daquele momento em diante em uma cidade moderna.

Nas páginas do periódico, dúvidas surgiram com a análise dos mais de 180 exemplares analisados, entre elas como a modernidade chegaria até ao município se não havia estrada? Como ter uma economia crescente e lucrativa se não eram aplicadas as técnicas e estudos na produção da lavoura e na criação de gado? Como desenvolver a educação e alfabetização, se não havia casas escolares e professores suficientes?

Ao buscar respostas para essas perguntas, foi possível identificar a participação do *Guayra* na disseminação de um pensamento, sendo capaz de influenciar comportamentos e auxiliar na formação de uma opinião pública ao discursar sobre um ideal de modernidade. Podemos recordar brevemente alguns discursos de Cleve, nesse sentido: A estrada de rodagem (precisaria eu demonstral-o?) attrahirá para a cidade e seus arredores população sedentária, que se prenderá ao solo pela herdade-a habitação e a cultura, tornando-se um elemento perpétuo de via e prosperidade ao lugar. (Edição 04, capa, 28 de abril de 1893); [...] as zonas, hoje desertas, povoar-se-hão com rapidez e o movimento agrícola e industrial dará prosperar as povoações que não tardarão em erguer-se nas mattas onde hoje estão. (Edição n° 23, nove de setembro de 1893); e sem estradas que levem via às regiões despovoadas, o progresso é impossível. (Edição n° 23, capa, 1896);

Mesmo que o jornal tenha apresentado discurso e ideais modernizantes, a sociedade guarapuavana demorou para se desprender das amarras do período colonial e acabava por ver o desenvolvimento chegar sempre tardiamente, o que reflete até hoje na região já que conta com um dos menores índices de desenvolvimento humano do Paraná, ainda afetados pela falta de recursos e de políticas públicas de modernização – visto que seguimos sem a presença de indústrias, tendo ainda nas atividades de extrativismo boa parte da renda da população.

FONTE

O GUAYRA, Guarapuava, 1893-1899.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Juarez José Tuchinski – Barbosa, Etienne Baldez Louzada. Memória, História e Ressentimentos na Instrução Pública Primária na Província do Paraná (Brasil, 1853-1889). **Revista Educação**, Santa Maria, vol. 43, p. 791-806, out/dez 2018.

ARRUDA, Gilmar. Rios e governos no Estado do Paraná pontes, “força hidráulica” e a era das barragens (1853-1940). **VARIA HIST.**, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39: p.153-175, jan./jun. 2008.

BALHANA, Altiva Piloti. MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Maria Cecília. **História do Paraná**. 1 vol. 2.Ed. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo. Cia das Letras, 1986.

BERLOFFA, Viviane de Oliveira. Do Ouro ao café: primeiros ciclos econômicos responsáveis pela ocupação do Estado do Paraná. **Seminário de Pesquisa PPE**. Universidade Estadual de Maringá, 12 a 14 de junho de 2013.

CAMPOS, M. E. de. **Imprensa Periódica e Escravidão no Paraná**, 1981.

CAMPOS, Raquel Discini. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para escrita da história da educação. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

CLEVE, Jeorling Joely Cordeiro. **Povoamento de Guarapuava**: cronologia histórica. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2015. 253 p.

_____. **Cel. Luiz Daniel Cleve**: memória histórica. 3. Ed. Curitiba: Juruá, 2009. 200p.

CORRÊA, Amélia Siegel, **Imprensa e Política no Paraná**: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. Dissertação (Dissertação em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

_____. Imprensa Política e pensamento republicano no Paraná no final do século XIX. **Revista de Sociologia e Política**, vol. 17, número 32, Curitiba. Fev. 2009

COSTA, Alvaro Daniel. **A comemoração do centenário da imprensa periódica brasileira**: uma memória do jornalismo nacional (1908). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de História, culturas e identidades.

FILHA, Elza Aparecida de Oliveira. Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”. **Cadernos da Escola de Comunicação, Unibrasil**, v.1, n.2, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1984.

IZIDORO, Heitor Francisco. **História de Guarapuava**. Guarapuava: [s.n.], 1971. 97 p.

JUNIOR, Carlos Herold. Representações sobre a relação professor – aluno na história da educação de Guarapuava – Paraná (1915-1960). **Cadernos de História da Educação**. v.11, n.1 – jan. /jun.2012.

KRUGUER, Nivaldo. **Guarapuava**: fases históricas, ciclos econômicos das missões jesuítas do século XVI à modernidade do século XXI. 2010.

LANGARO, Jiani Fernando. Sertão, Civilização e Progresso Olhares sobre a fronteira BrasilParaguai - Argentina (1896-1937). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 11, nº 1, jan-jul., 2018

MAGALHÃES, Marion Brephol de. **Paraná**: política e governo. Curitiba: SEED, 2001.

MARCONDES, Gracita Gruber. **Guarapuava**: História de Luta e Trabalho. Guarapuava: Unicentro, 1998.

MARCONDES, Gracita Gruber. **Duzentos anos de uma caminhada histórica**: 1810-2010. Guarapuava: O Autor, 2010.

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. Os meios de comunicação na esfera pública: novas perspectivas para articulações entre diferentes arenas e atores. **Líbero** - ano XI – nº21 – junho, 2008.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, Wilson. **A invenção do Paraná**: estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vasconcellos. Curitiba: Imprensa Oficial, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. **Fundamentos e pertinência da abordagem do jornalismo como forma de conhecimento**. Santos, 1997.

MOTA, Lúcio Tadeu. **História do Paraná**: relações sócio-culturais da pré-história a economia cafeeira. Maringá: Eduem, 2012.

NETTO, Fernando Franco. População área de fronteira – Guarapuava século XIX. **Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, realizado em Caxambú - MG-Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006. Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO.

NETTO, Fernando Franco. **População, escravidão e família em Guarapuava no século XIX**. Guarapuava: UNICENTRO, 2007.

NEUNDORF, Alessandro. Modernidade, regionalismo e intelectualidade: notas sobre o Paraná na virada do Século XIX. **Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia** (ISSN 2179-6386), V.06, Nº01, 2015, p.174.

NICOLAS, Maria. **Cem anos de vida parlamentar**: deputados provinciais e estaduais do Paraná. Curitiba: [s.n.], 1954.

PARANÁ. **Relatório do Presidente da Província do Paraná o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854**. Curitiba. Tip. Paranaense de Candido Martins Lopes, 1854.

PARANÁ. Secretaria de Cultura. **História do Paraná**. 2012b.

PERIOTTO, Marcília R. **Imprensa, intelectuais e educação**: o Brasil em debate no século XIX. Revista HISTEDBR (online), Campinas, nº53, p.41-55, out/2013.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem Anos de Imprensa no Paraná (1854-1954)**. Edição do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense. 1976.

PRIORI, Angelo. **História do Paraná**: séculos XIX e XX. Maringá: Eduem, 2012. 234 p.

RIBEIRO, Ana Paula Galvão de Meira, **Cotidiano e Conflito de Indígenas nos Campos Gerais de Tibati e Guarapuava (1855-1885)**. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em História, Área De Concentração História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO-PR, 2015.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A memória e o mundo contemporâneo. In: RIBEIRO, Ana FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (Org.). **Entretenimento, Felicidade e Memória**: forças moventes do contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Anadarco, 2012.

ROLLEMBERG, Graziella. **História do Paraná**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

SANTOS, Rodrigo dos. **Discursos sobre a imigração no jornal Folha do Oeste – Guarapuava, Paraná (1946-1960)**, Irati, 2015.

SCHMIDT, Maria A. M; FILIZOLA, Roberto. **Construção**: novos estudos sociais. São Paulo: Editora do Brasil, 1988.

SCHWARCZ, Lilia M. **Retrato em preto e branco**: jornais, escravos e cidadãos no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

SLOTUK, Cebilla Moletta. **A educação e os escravos nas páginas do Jornal “Dezenove de Dezembro” (1871-1888)**. Dissertação. Mestrado em Educação – Área de Concentração: Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015.

SOUZA, Eliezer Felix de. **Intelectuais, modernidade e discurso educativo no jornal “Diário dos Campos” (1907-1928)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2010.

TEIXEIRA, Murilo Walter. Imprensa Guarapuavana. **Boletim nº13/2013**. Casa Benjamin C. Teixeira.

_____. Carta Régia (1º de abril 1809) Formal de Fundação da Freguesia de B.S. de Belém (9 de dezembro de 1819). **Boletim nº02/2009**. Casa Benjamin C. Teixeira.

TEMBIL, Marcia. **Em busca da cidade moderna: Guarapuava...** recompondo histórias, tecendo memórias. Guarapuava: Unicentro, 2007.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. Curitiba. Imprensa Oficial, 2001.

WACHOWICZ, Ruy C. As ádvenas e os paranistas na obra de Romário Martins. **Boletim do do Dehis**, UFPR, s/d.